



Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

A PROVIDENCIA.

A PROVIDENCIA.

POR

ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUZA.

(RECORDAÇÃO DOS TEMPOS COLONIAES.)

TOMO IV.

RIO DE JANEIRO 1854.

TYPOGRAPHIA DE M. BARRETO

RUA DA QUITANDA N. 55.

A PROVIDENCIA.



CAPITULO I.

ELLA

ELLA

A PROVIDENCIA.

Aos olhos dos malvados a estrada do crime não parece lá muito ardua, e nem muito perigosa ; apenas tem seus altos e baixos ; a differença é só em que ha nessa estrada um precipicio , que bem poucos transpoem ; porque a mór parte delles ahi cahê para mais se não levantar !

O ultimo acontecimento que o narrador acaba de pôr debaixo dos olhos do leitor, parecendo bem trivial, e de poucas consequencias, é todavia de um tal alcance, que deve fazer mudar as circumstancias de alguns de nossos personagens ; e, mudadas essas circumstancias, essa mudança fará levantar um espesso véo que occulta talvez mysterios bem extraordinarios ! Antes porém de vermos estas cousas, convem que o narrador dê ao leitor o fio com que deve penetrar neste medonho labyrintho, e que igualmente lhe explique algumas cousas já atrás deixadas.

O leitor deverá talvez lembrar-se que a visão, phantasma, mulher ou demonio, como Filippe lhe chamára, contou ao mesmo Filippe a sua verdadeira historia, a de seu pai e avô ; que esta mulher, ou quo na verdade fosse, desapareceu, e que Filippo, ou Affonso Aranda, ficou desmaiado. Os circumstantos o acudirão ; o padre appareceu então :

este sabia a historia dos Arandas, porque era assás conhecido entre os Portuguezes das Indias Orientaes ; mas ignorava que Filippe fosse Affonso Aranda. Todavia o resto dessa historia horrorosa, isto é, a parte passada durante as façanhas de Duquay Trouin, não tinha chegado ao padre. A historia dos Arandas no Oriente já era tão horrorosa, que faria horrorisar a qualquor pessoa de bom senso ; a ultima parte dessa historia de Affonso Aranda, o neto, passada no Rio de Janeiro, era bem sufficiente para augmentar-lhe o horror.

Grande foi a dôr do padre Chagas quando conheceu que Baptista, o seu querido genro, se havia desposado com a filha de um homem tão máo, como Filippe, ou melhor, Affonso Aranda, filho de dous velhacos, dous ladrões, devassos, libertinos, e cobortos de quantos vicios podem degradar a especie humana : não que o padre soubesse ou suspeitasse mal de Narcisa ; mas Affonso Aranda, o

avô, havia sido um malvado, um libertino, um apóstata, um demónio emfim ; Aranda, o filho, um perverso, um assassino, um ladrão ; o neto, sendo tão malvado como o avô, e tão perverso como o pai, não podia ter uma filha muito melhor que elle. Todavia alguns homens teem havido, filhos de más pais, não obstante bons ; mas parece que, na família Aranda, o crime e o vicio se perpetuava, e pela mór parte os filhos tirão a sua origem. Não me lembra quem disse, e talvez com razão :

De sanhudos leões, leões se gerão,
Nem os filhos das aguias degenerão.

João Xavier de Mattos diz quasi a mesma cousa, dizendo :

Se o leão magnanimo não gera
Senão outro leão, do bom Limão
Que filha menos liberal nascêra !

São cousas em que não é preciso citar autoridades ; porque todos, segundo as suas experiencias ou noticias, são autoridades, e bem competentes ; mas quando citamos alguma autoridade em favor de uma boa razão, não é para autorisar essa razão ; porque a razão é por si mesma a mais sã, melhor e sublime autoridade quando é invocada ; mas são boas estas citações , porque para uns revelão erudição, para outros salvão os autores de pretendidos plágios ; visto que ha gente tão insignificante, tão fútil e tão ridícula, que chama plágio o encontro de palavras e do phrases que vestem o mesmo pensamento , ou expõe a mesma verdade, como se fosse impossivel a dous homens terem o mesmo pensamento debaixo do mesmo ponto de vista, ou mostrarem a mesma verdade debaixo das mesmas relações ! Mas deixemos essa mesquinha gente, e suas ridiculas futilidades !

Disse o narrador que grande foi a dôr do padre Chagas quando conheceu quem Filippe era.... mas que fazer ? já não havia remedio ! O veneravel sacerdote, e todos quantos estavam presentes á scena havida entre Filippe o o personagem desconhecido, comprehendêrão a necessidade de não amargar o coração de Baptista no dia do seu noivado : assim prestados todos os soccorros a Filippê, caláram-se, esperando ver a face que o negocio tomava, quando elle, livre de toda a impressão, se apresentasse bom.

Filippe, levado para um quarto por Benedicto, Archanjo e o Sr. de Pina, e o jesuita que havia casado Baptista, todos seguidos do reverendo velho, ahi o fizerão voltar a si. Apenas cobrou o uso da falla, a sua primeira pergunta, com ar de espanto, foi :

— Onde está ella ?

Isto perguntou elle voltendo a vista por todo o quarto.

Um dos circumstantes, que o assistião com seus soccorros, perguntou-lhe :

— Ella quem ?

— Ella quem ! tornou Filippe do mesmo modo, Ella.... ella.... a Providencia !!!

Os assistentes entre-olharão-se, como interrogando-se, ou como dizendo uns aos outros que a cabeça do ancião soffria alguma cousa.

Filippe calou-se ; pouco depois levantou-se, e dirigiu-se para a porta do quarto : os que estavam presentes quizerão-lhe tomar a passagem ; mas elle, dizendo que nada soffria, e que queria respirar um ar mais livre, obteve livre passagem. Filippe não voltou mais para casa do genro !

Baptista, Narcisa, e todas as mais pessoas da casa, ignorarão todas estas cousas. Maria, a mulher de Filippe, tambem de nada soube.

Tres dias depois do casamento de sua filha, Maria voltou para sua casa, onde pensava encontrar seu marido : mas qual não foi o seu pasmo quando no cabo de oito dias o velho não apparecia ! Ninguém dava delle a menor noticia. A' força de pesquisas e do inculcas, soube-se de varios passageiros, e em diversos tempos, que um homem ancião, de longas barbas brancas, descalço e coberto de andrajes, vagava esmolando pelas estradas. Pelas descipções que os viandantes fazião deste mendigo, era sem duvida alguma Affonso Aranda : mas Narcisa ignorou sempre isto.

O narrador pôde affiançar aos seus leitores que depois da scena da velha incognita com Filippe, ou Affonso Aranda, este tornou-se monomaniaco ; e desamparando casa e mulher, divagava continuamente pelas estradas : de sua monomania logo o narrador dará conta.

Os que souberão o que se passou entre a velha e o ancião, caláram-se : o mundo porém, Baptista, sua mulher, e Maria, sua sogra, acreditarão que o ancião enlouquecera de prazer pelo casamento da filha !

Baptista não foi indifferente ao infortunio do

sogro, nem ás lagrimas da mulher e da sogra; para seu sogro voltar para casa fez quanta diligencia estava na sua alçada; mas tudo foi infructifero.

Maria, a mãe de Narcisa, viuva sem lhe ter morrido o marido, desolada, sem amparo algum, aceitou o convite de seu genro, e veio morar com sua filha em casa de Baptista, onde se achou um mez depois do seu casamento. Maria, que era virtuosa, e que fôra bella, amava seu marido como uma boa mulher deve amar! talvez não fosse ella jámais correspondida!... Maria sobreviveu pouco á desgraça daquelle o quem unicamente amára: seis mezes depois deste infortunio, e sete depois do casamento de sua filha, tudo foi feito della, sem ter ao menos o prazer de beijar o seu primeiro neto! mas sua filha estava casada, já nenhuma cousa a devia ligar á morada das dôres; era pois tempo de receber o premio de suas virtudes.

Não obstante a desordem com que temos escripto, e collocado os capitulos desta historia, temos todavia dado razão ao leitor, sempre que acreditamos o elle a ter. Ora, nós escrevemos por gosto e não por obrigação; esta historia não é uma historia de encommenda, e por isso, escrevendo-a, seguimos unicamente a nossa phantasia, o nosso gosto; eis o porque temos adoptado esta desordem na collocação dos acontecimentos: isto talvez dê o que fallar, mas nós não nos importamos com isso.

Por explicar ficárão atrás certas cousas, e o leitor quer saber dellas por miudo; isto é, quer saber o que fez Adão; se foi á casa de Pedro á hora contratada; se o achou em casa, e o que lhe disse elle.... Muito bem; tudo isso é muito razoavel; mas fica para o capitulo seguinte, porque o narrador, lá por um capricho tolo, quiz acabar este capitulo aqui.



CAPITULO II.

ELLA AQUI ESTÁ EM RISCO.

Se os velhacos olhassem com attenção para os acontecimentos da vida, e se aproveitassem dessas proficuas lições, ou elles farião suas velhacadas com mais limpeza e segurança, ou se tornarião homens de bem.

— Ah! com todas as legiões de diabos quantos ha no inferno! estouro.... morro de raiva!

— Mas para que, patrão? Ora não estoureis nem morrais de raiva, porque o que não se faz em dia de Santa Luzia, faz-se n'outro dia.

— Qual outro dia, nem outro dia.... Sabe Deus se foste tu....

— Tu o que, patrão?

— Que disseste por ahí alguma cousa, e o pai poz a filha a salvo.

— Então vós acreditais que o pai fosse avisado?

— Se o não foi, parece..... e tanto que ella de tarde estava em casa, e agora não! Como foi pois isto?

— E se o pai fosse avisado não havia dispor tudo para nos receber de outra maneira? não houvera de armar os escravos? Houvera deitar-se a dormir muito descansado para nós entrarmos por uma janella muito a nosso salvo e sairmos sem o menor perigo? ora dizoi....

— Tambem isso é verdade.

— Ham! ... ham! ... Tambem isso é verdade!...

Isto dizia Pereira, imitando a falla e os gestos de Pedro.

— Mas onde diabo estava ella? continuou Pedro.

— Quem sabe se foi a alguma visita ou passeio?

— Qual visita!... qual passeio!... qual diabo!...

— Patrão, disponde a cousa para outro dia; e quando quizerdes, é só fallar. Adeus.

— Adeus, Pereira.

Pereira sahiu: era quasi meia noite: Pedro ficou só passeiando de um para outro lado. O inferno ardia em seu coração, porque o demonio dos máos pensamentos trovejava em sua cabeça. Os máos desconfião de todos, e julgão a todos dispostos para fazer-lhes o que elles mesmos estão sempre dispostos para fazer aos outros; em consequencia, Pedro se acreditava trahido por Narcisa. No meio destes horriveis pensamentos daquella desorientada cabeça, Justino veio ter com elle, e asentando-se com um ar descuidoso e pachorrento disse:

— Com que, meu amigo, falhou o plano! ... heim?

— Sim, desta vez falhou....

— Foi pena!

— Foi; porque era um lance de mestre, e tanto mais brilhante quanto era isento de sangue....

— Isso é indifferente. Um crime de mais ou de menos.... é o mesmo. Não é pelos caminhos ordinarios que os grandes homens chegão ás grandes cousas....

— Estou certo disso.

— Ora, tu debes ter calculado todas estas cousas ácerca do Baptista

—Mas que cousas?

—O Baptista, disse Justino em tom magistral, terá seus trinta ou quarenta mil cruzados.... cincoenta que tenha, metade é da filha; então que diabo vem a ser vinte e cinco mil cruzados? Não vale a pena! No entanto inutilizada esta bella Rosa Branca, fica Baptista com tudo. Isto feito, Baptista já tem gozado e vivido tanto, que nenhuma duvida porá em ir descansar das fadigas deste mundo no seio da gloria; e nesse caso sua segunda filha será sua herdeira, e Narcisa, sua mãe, será naturalmente a sua tutora; esta mãe, viuva, rica, moça e bonita, deve ter saudades do estado conjugal; e nesse caso, mãe, filha e riquezas devem passar ao teu pacifico dominio!.... Assim dormirás uma noite pobre, e acordarás um dia rico.

— Não admira! Os bons devotos dizem que—
Ex nihilo fecit Deus hominem!....

— Menino, já te tenho dito que não entendo essas palavras diabolicas. Continuando, não posso deixar de lastimar os passos e o tempo que perdemos hoje.... Era um lance magnifico! Ter em nosso poder uma tão bella mulher.... sermos senhores della pelo tempo que quizessemos.... e por cima de tudo fazer talvez com que ella mesma cedesse de suas riquezas em nosso favor, sem que até ella em tal tramoia pensasse!.... inutilisar uma mulher sem mata-la!... era um lance que faria inveja ao mais astuto cortezão, ao mais fino diplomata, e ao mais habil politico! Não ha duvida, nasci para grandes cousas! Já agora, se pensas como eu, viva ou morta, ella não devo ser a herdeira de seu pai; que dizes?

— Isso não se pergunta.

— Só se Narcisa nos trahir....

— Se nos trahir, ou trahiui.... ai della!

— Bem: se nos não trahir, avante.

— Avanto! *Audaces fortuna juvat, timidosque repellit.*

— Levo o diabo a quanta palavra diabolica ha.... Ah! vem gente.... ouço o trotar de um cavallo....

— Ha de ser o Adão!

Podro disse isto, e repentinamente lançou-se á cama, onde começou a gemer quasi om gritos. Quem quer que era parou á porta e baten.

— Quem é? perguntou Justino.

— Sou escravo, meu senhor, respondeu Adão da parte de fóra.

— Salta, capadocio!... murmurou Justino abrindo a porta.

Seja louvado Nosso Senhor Jesus-Christo!

disse Adão entrando. Sr. Pedro, meu senhor.... que é isso?!

— Ai!!! Adão, estou para morrer.... disse Pedro.

— Para isso estamos todos, meu branco ... mas o que é isso?

— Ora o que ha de ser? disse Justino; um diabo de uma colica, que o não tem deixado desde a boca da noite até agora.

— Coitado!... como está tão amarello!

— Ora, Adão... quasi tenho morrido!... disse Pedro.

— Ora vejão só! disse Adão com visivel ar de piedade; quem sabe se Vm. comeu alguma cousa, e não seja isso alguma indigestão?... Às vezes acontece...

— Não; até não ceiei.

— Mas ao jantar... quem sabe si o sereno... a friagem da noite... Vm. não sahiu?

— Eu estive ahí fóra logo ao cahir da noite... póde ser...

— Pois ha de ser isso; e o que tem feito?

— Ora, tenho feito tudo....

— É não está mais alliviado?

— Muito pouco. Deus me livre que estivesse como no principio.... então morreria certamente.

— Olhe, seu Pedro, se não alliviar faça um chá de pimentas....

— De pimentas?

— Sim, senhor; mas são inteiras, e por isso não ardem.

— Ah! isso agora sim...

— Pois sim, senhor; faça um chá de pimentas, e tome. Ha de ficar bom com este remédio, seu Pedro.

— Obrigado, Adão. Não é nada, e que eu podia estar morto.

— Vejão só como morre a gente assim sem mais nem mais!...

— É verdade, meu Adão!

— Não somos *ninguem* neste mundo!

— O que eu mais sinto, Adão, é ter-te dado este incommodo, e não fazermos a nossa viagem... Isto só pelo diabo!

— Isso não, son Pedro!... O que eu sinto é o seu incommodo: cá por mim não. Vou outra vez para casa, e quando Vm. quizer estou ás suas ordens.

— Obrigado, Adão, obrigado....

— Olhe que isto é de coração, seu Pedro.

— Eu reconheço. Adão.

— Se quizer que eu fique aqui lhe acompanhando, seu Pedro, é fallar....

— Não, Adão; muito agradecido..... eu já estou melhor.....

— Deixe estar, seu Pedro, que daqui a pouco ha de estar bom com o favor de Deus; não tenha duvida.....

—Eu o espero em Deus, Adão.

—Ila de, sim, senhor..... pois porquo não ha de! Então, seu Pedro, no mais passe muito bem; até outro dia.....

— Sim, Adão, até outro dia; eu te avisarei.

— Sim, senhor, meu senhor.

Adão sahiu. Justino, vendo-o um tanto longe fechou a porta, e se recolheu dizendo:

— Este negro..... este negro.....

Pedro, dando uma grande gargalhada, accrescentou:

— E' um grande pábulo!

Adão, caminhando para sua casa, tambem com grandes risadas dizia:

— Que dous tolos!!!

Os augures romanos rião-se quando se encontram; Pedro e Adão rião-se, retirando-se um do outro. Os augures rião-se das peças que pregavam ao povo; estes dous das peças que mutuamente se pregarão! Apesar porém das gargalhadas de Pedro, Justino tornou a murmurar:

— Este negro. ... este negro!.....

— Achou-me muito amarello, não é isso, Justino? Ora forte tolo!

Justino nada respondeu, e ficou, como pensativo. Voltamos agora á casa de Baptista.

Adão deu, como vimos, e como prometeu, os dous signaes, com quem saber: o signal da chegada dos ladrões, e o da retirada; o que feito metteu-se no cafezal, e esperou por Jacintha.

Pouco depois das onze horas a familia estava recolhida; então Jacintha veio ter com Adão com o fim de concordarem nas providencias que ambos deverião tomar para prevenir nova aggressão: Jacintha pois disse:

— Ora pois, Adão, desta estamos livres; mas de outra?

— E' nisso que devemos pensar, disse Adão; com effeito; não sei o que faremos.

— Elles poderão voltar..

— Sem duvida.... Se a meuina quizesse ir para a cidade....

— Se ella casasse com o Sr. Archanjo....

— Mas case ou não case.... Se ella ficar nesta

casa por mais tempo, ou mais hoje ou mais amanhã acontece-lhe alguma desgraça....

— Mas como sabeis disso?

— Sei-o....

— Mas que desconfiais vós?

— Os ladrões arrombárão alguma porta ou janella quando cá vierão?

— Não.

— Logo, estava aberta a janella por onde elles entrárão....

— Mas quem abriu?

— Seria eu?

— Oh! então pensais que fui eu?

— Creatura!.... quem vos fallou em tal?

— Pois então quem abriu?

— Quem sabe, rapariga?! Não fostes vós nem eu: seja porém quem fôr, o que parece é que vossa senhora moça está vendida, e quem a vende é pessoa de casa, seja ella qual fôr.

— Adão.... vós desconfiais de alguem?

— Não é da vossa conta.... Por minha boca não se saberá dos erros encobertos.... No que faço não é para accusar pessoa alguma, é para salvar uma innocente: por isso vou agora observar o Pedro e sua gente. Ide-vos embora, que podercis ser procurada. Até amanhã.

— Até amanhã.

Adão d'ahi foi para casa de Pedro, onde o vimos representar a ridicula farça de sua colica.

No outro dia Jacintha entregou a Baptista uma carta fechada com gomme, e dirigida a elle. Baptista leu em máos caracteres, e dir-se-hia até que contrafeitos, o seguinte:

« Sr. Baptista.—Os homens que forão hontem de « noite á sua casa não forão para roubar dinheiro, « ou outra cousa assim, mas forão para roubar sua « filha; Vm. acautele-se, porque sei com toda a « certeza que os ladrões hão de voltar em outra « qualquer noite. Eu lhe peço que não faça barulho; não falle nesta carta a ninguem de sua « casa; a ninguem, seja quem fôr; e se Vm. « fizer barulho, com o mal que disso lhe vier « aguento-se.... veja bem.... »

Este escripto carecia de assignatura e de data. Baptista ficou estatico diante desta denuncia. O leitor bem poderá ajuizar do como ficaria Baptista vendo um tal escripto! Elle o leu muitas vezes, e quanto mais o lia mais extraordinario o achava, e mais mysterioso o acontecimento! e o que mais o fazia pasmar era a cautela que lhe recommendava o tal anonymo. Baptista bem tinha notado que

nenhum arrombamento tinha havido em sua casa; mas isso attribuiu a descuido de quem fechára as portas e janellas. Como não desconfiava de pessoa alguma de sua casa.... Erão oito horas da manhã ainda Baptista a nada se havia resolvido: a essa hora parárão no terreiro o padre Chagas, Archanjo e o Sr. de Pina. O padre, logo que entrou, disse ao ouvido de Baptista:

—Aqui estamos para levar vossa filha, como tratámos: além disto ella aqui está em risco; é melhor que não volte da cidade, e que fique em casa de Rosa....



CAPITULO III.

EIS O QUE É DIFFICIL.

Nossa vida é um mar tempestuoso cheio de cachopos, syrtes e voragens ; o desejado porto é sempre incognito ; os acasos são os ventos que ali soprão e levão a seu bel prazer o baixel das circumstancias, sempre mudando de rumo, ao passo que se mudão os ventos : contra estes ventos a prudencia é bam fraca bussola, e a sabedoria inexperto piloto.

Com effeito, Rosa havia mandado pedir a Baptista que lhe mandasse a sobrinha, que della tinha saudades ; Archanjo, o padre Chagas e D. Geraldo tinham-se tratado para leva-la, visto que Baptista então não o podia, e a viagem era no domingo que seguiu-se á sortida dos ladrões. Rosa Branca estava prompta para partir nesse dia, como Narcisa tinha dito a Pedro. Assim os tres personagens erão esperados em casa de Baptista no domingo pela manhã. Quando pois elles chegarão já Rosa Branca estava prompta para partir. O padre Chagas, Baptista, Archanjo e D. Geraldo de Pina entrarão todos para um quarto.

Logo que os quatro estiverão juntos disse Baptista :

— Então que significa isto ?

— Vêde este escripto, respondeu o padre.

Baptista tomou o escripto que o padre lhe apresentava, e nelle leu o que abaixo se segue :

« Revem. Sr. — Uma desconfiança, e minhas indagações levarão-me a descobrir um certo negocio muito fino ; mas ainda me falta saber alguma cousa. O quo por ora sei é que a noite passada

os ladrões derão em casa do Sr. Baptista, não para lhe roubarem dinheiro, mas para lhe roubarem a filha, a Sra. Rosa Branca. Eu fico ao socairo dos ladrões a ver se os conheço, e descubro todo o seu plano ; mas para isto é preciso que Vossa Reverendissima não faça barulho. Entendo que é muito preciso pôr a Sra. Rosa Branca em cautela ; mas tudo isto com socego, prudencia e segredo, de maneira que os sugeitos não supponhão que as cautelas são por causa delles, e para que eu possa descobrir o mais que desejo. »

Este escripto, como o de Baptista, não tinha data nem assignatura : a letra era visivelmente igual á do escripto dirigido a Baptista.

Baptista, tendo lido este escripto, mostrou aos tres o outro que fôra achado em sua casa.

— Tambem, disse o padre, não me foi entregue, lançarão-o por baixo da porta quando eu já estava recolhido, e não foi senão depois das dez horas.

— O que é verdade é que quem cá veio não foi para roubar dinheiro, disse Baptista.

— Convenho. Eu acreditei neste escripto ; porque não acredito que houvesse um homem tão máo

que quizesse assim zombar de um pobre velho ; e julgando que primeiro que tudo devemos pôr a menina em segurança (porque em todo caso não sabemos o que isto quer dizer), vim disposto não só a leva-la para a cidade, como a deixa-la em casa de Rosa.

— E eu estou muito de accordo. . . mas queria mais.

— E que mais ?

— Que a resolvessemos a casar-se.

— Sim ; mas com quem ?

— Com quem ella quizer ; porém melhor seria quo fosse com Archanjo, ou com o Sr. D. Geraldo de Pina.

— Vossa mulher já sabe deste escripto ?

— Não, senhor.

— E vossa filha ?

— Tambem não sabe.

— Fizestes bem. Não julgo necessario que vossa mulher o saiba. Quanto porém a Rosa Branca, visto que o negocio lhe pertenco, será bom que lh'o digamos ; e até será um bom meio de resolvê-la a casar.

— Eu vou chama-la.

Baptista sahiu. O padre, ficando só com D. Geraldo e Archanjo, fallou-lhes assim :

— Meus filhos, vêdes que em consequencia destes acontecimentos, Baptista e eu devemos o mais breve possivel dar um marido a Rosa Branca : forçada ella, por esta necessidade moral, até certo ponto a tomar um marido, prevejo que um de vós será o escolhido ; qual o será é o que eu não sei, nem posso prever. Ora, eu não ligo ao acontecimento desta noite uma mui grande significação ; todavia vejo que ha ahí alguma cousa de extraordinario. Pois que quer dizer meia duzia de homens se abalarem para roubar uma moça ? Não obstante, algum malvado haverá que, amando Rosa Branca, julgue este o melhor meio de a obter com mais facilidade : ha neste mundo tanta gente louca e extravagante, que de nada devemos duvidar. Como soja, visto darmos este robato falso ou verdadeiro, isto é, com justo motivo ou sem elle ; e como Rosa Branca vai para a cidade, sou de opinião que melhor é casar-mo-la, ella já tom sufficiente idade. Persuadida por mim e por seu pai para que se case, acredito que escolherá um de vós : confio porém tanto no vosso bom juizo, prudencia, honra e virtudes, que fico que o preferido não motejará do pretorido, nem este ficará odiando áquelle.

— Meu tio, respondeu o Sr. de Pina, com quan-

to eu tenha uma cabal certeza de que a escolha de Rosa Branca recahirá sobre o Sr. Archanjo, nem por isso estimarei menos a elle e a ella : e em quem recahirá melhor a escolha de minha prima, que sobre um homem que por tantos e tão preciosos titulos se faz digno de toda a estima, veneração e respeito ?

— Sr. D. Geraldo, disse Archanjo, eu não tenho uma cabal certeza de que a escolha de Rosa Branca recaia sobre mim ; mas se todavia recahir, fique V. S. certo que uma tal preferencia sobre sua pessoa, longe de a dever eu a meus meritos, o que não tenho, deveirantes a uma antiga amizade, que desde o berço liga-me á familia de Baptista : se porém fôr V. S. o preferido, nem por isso esfriará a minha amizade para com V. S., convertendo no mais casto respeito e veneração para com Rosa Branca o amor que até aqui lhe dedicava.

— Pois bem, já que a sorte nos não separou, Sr. Archanjo ; já que tivemos propicias occasiões de nos conhecer de tão perto, aqui sobre a sagrada mão de um ministro da religião que professamos, e á face do Deus que nos ouve e nos vê, juremos de ser sempre amigos até a morte ; amigos como Py-lades e Orestes ! amigos como Euryalo e Niso !

— Juremos ! exclamou Archanjo com enthusiasmo !

— Eis a palma de minha mão, disse o padre Chagas.

Os dous mancebos puzerão as mãos direitas sobre a palma da mão do sacerdote, e disserão ao mesmo tempo :

— Juramos !

— Ser amigos até á morte, disse o padre.

— Juramos ser amigos até á morte, disserão os dous.

— Amigos como dous irmãos ternos e virtuosos ! amigos como Castor e Pollux ! disse Archanjo.

E os dous mancebos se abraçãrão.

O padre, pondo a mão sobre o peito, e elevando os olhos aos céos, em um divino extasis exclamou :

— O' meu Deus ! abençoa esta amizade como abençoaste a reconciliação de Esau e Jacob ! muda o nome de um destes mancebos para comigo, como mudaste o nome de Jacob, e muda o coração de minha neta, como mudaste o coração de Esau.

Neste momento entrou Baptista, e pouco depois Rosa Branca. O padre contou a Rosa Branca tudo quanto havia ; disse-lhe que julgava melhor o ficar ella na cidade ; e accrescentou aconselhando-a que

se casasse, se é que ella não tinha repugnancia ao estado conjugal.

Rosa Branca ouviu tudo com uma tranquillidade espantosa, ou antes com uma frieza glacial. A noticia do rapto sobre ella pretendido nenhuma impressão lhe causou. Depois que o padre fallou, ella disse o seguinte :

— Meu paisinho, o eu mo não ter querido até agora casar não era por obstinação contra o estado conjugal, nem por indisposição contra alguma das pessoas quo me pretendêrão : eu mesma não sei bem dar a razão por que me esquivava ao casamento ; é que talvez o tempo não era chegado : porém visto o que ha, e visto Vms. desejarem que me eu case, estou prompta.

— Mas sabes, minha filha, que meu sobrinho te pretendeu, bem que ficou isso em esquecimento, e Archanjo te pretende : agora convém escolheres entre elles. Asseguro-te que nem um nem outro se enfadará por não ser preferido ; e, se alguém que nós não saibamos te pretende, e tu fazes gosto, sê franca.

— Se alguém, sem ser Archanjo e meu primo, me pretende, eu ignoro.

— E sobre Archanjo e Geraldo o quo dizes ?

— Que hei de eu dizer ?

— Que aceitas um, ou repelles ambos.

— Não repillo ambos....

— Logo, aceitas um !

— Aceito, sim, senhor....

— E a qual delles ?

— Eis o que é difficil....

— Oh minina ! pois é difficil escolher um marido ? disse Baptista.

— Sim, meu pai, escolher um marido entre dous moços tão iguaes em tudo, tão honrados, tão virtuosos, e tão dignos de serem amados, é na verdade bem difficuloso !

— E ella tem razão, disse o padre.

— Emfim, proseguiu Rosa-Branca, meu primo o Sr. D. Geraldo de Pina não me conhece de pequena, não me viu nascer como Archanjo, nem sabe a fundo de minhas qualidades. Eu sou uma menina caprichosa, fui criada como filha unica ; minha tia e madrinha fazia-me todas as vontades, e estava por todos os meus caprichos ; meu pai a isto se não oppunha, e meu avô fazia outro tanto ; assim eu fiquei um pouco tola, talvez por mal educada. Meu primo ignora todos os defeitos de minha má educação, defeitos que Archanjo não ignora, pois

que para elles tambem cooperou. Assim supplicando a meu primo que me perdôe....

— Não, Rosa Branca, disse D. Geraldo, tenho tanto prazer que a vossa escolha recáia sobre Archanjo, como se recahisse sobre mim !

Rosa Branca córou, e depois proseguiu :

— Pois bem ; como então meu primo não leva a mal a minha escolha, escolho Archanjo, pois que me conhece desde criança. Assim, sabendo elle a mulher que leva, se fôr feliz a si o agradeça ; se infeliz, de si se queixe. Ao menos, se algum dia Archanjo lançar-me em rosto os meus caprichos ou tolices, fica-me a liberdade tambem dizer-lhe :—Vós o sabeis, pois que me conheceis desde o berço ; vós tambem cooperastes para os meus caprichos, tolices, e talvez malcriações. Asseguro ainda que são só estas considerações que me determinão nesta escolha, e nada mais ; na certeza de que se eu conhecesse Archanjo ao mesmo tempo que conheço meu primo, não me decidiria por um nem por outro, deixando que elles mesmos entre si se decidissem. Assim, se meu primo tambem se apresentasse só, pretendendo minha mão, ou com outros quaesquer pretendentes, que nenhum delles fosse Archanjo, a minha escolha seria em favor de meu primo.

— Obrigado, minha prima, obrigado. Agora saíbe que deveis considerar em D. Geraldo de Pina o mais devotado, o mais respeitador e o mais fiel de todos os vossos amigos.

— Obrigada, meu primo.

— Agora, minha filha, vai-te apromptar para partir.

Baptista disse. Rosa Branca, vermelha, vergonhosa e meio triste, sahiu. Ao passar por Jacintha, esta lhe perguntou ao ouvido, notando a differença do seu rosto.

— Então o que ha, sinhazinha ?

A moça contou-lhe em poucas palavras : a preta tornou :

— Mas não fallou em mim ?

— Não : fiz que de nada sabia.

O padre, Archanjo e Baptista assentárão entre si que não se dêsse parte a Narcisa do casamento de Rosa Branca, e que essa participação se lhe mandaria da cidade : isto por cautela, attentas as promessas do anonymo dos escriptos.

Pouco depois Rosa Branca appareceu prompta para partir ; e chegando-se ao ouvido do pai, disse :

— Meu pai, eu quero Jacintha para mim....

— Sim, minha filha ; logo que eu chegue á cidade te passarei papel della.

Um instante depois os tres, Rosa Branca e Jacintha partirão.

O padre Chagas, o Sr. de Pina e Archanjo acompanhavão a moça ; adiante ia ella com Jacintha ; os tres seguião logo atrás, e por ultimo caminhavão dous pagens, um que acompanhava o padre Chagas, e o outro a Archanjo. Assim caminhando lentamente já pela delicadeza de Rosa Branca, e já pela idade do padre, disse Archanjo a este.

— Ora, Vossa Reverendissima tem algumas vezes me fallado das desgraças de meu avô e de suas viagens, e mais de uma vez me tem promettido contar tanto uma como outra cousa. A historia que Filippe, o pai de Narcisa, nos contou, o combate occorrido no xaveco, aguçarão mais a minha curiosidade ; de modo que ardo por saber todas estas cousas, se por ventura não ha nellas algum mysterio que me

seja prohibido. Agora que viajamos vagarosamente, parecia-me bem opportuna occasião : que diz Vossa Reverendissima ?

— Que em verdade a occasião não póde ser melhor ; mas essa historia é tão comprida....

— Embora, senhor ; se durante a nossa viagem não chegarmos ao fim della, ao depois em qualquer occasião Vossa Reverendissima nos contará o resto. Eu creio, e espero que Vossa Reverendissima não me levará a mal esta minha curiosidade....

— Não.... meu filho, não.

— Parece-me muito natural a um bom filho querer saber a historia de seus antepassados.

— E' bem natural e bem justo. A historia de vosso avô, meu filho, está de tal maneira ligada á minha, que contando eu a minha historia, conto a delle, ou vice-versa. Ides pois ouvir a minha historia e a de Renato.

Os dous moços chegarão-se mais para o padre.



CAPITULO IV.

O PASSADO.

Aquelle que se não esqueça, e cuidadoso estu la a noite do passado, aprende a caminhar, e quasi que com seguros passos, no dia do presente, e talvez até certo ponto a prever as sombras e as luzes da aurora do futuro!

O leitor, tendo por algumas vezes ouvido fallar no Mouro Renato, esse tão terno, tão intimo e dedicado amigo do padre Chagas, e pai de Renato, o filho e avô de Archanjo, aquelle de quem fallára Philippe, quando a Justino e a Pedro contára a sua historia; aquelle que quebrára as cadêas a um Portuguez, marinheiro velho, e que lhe dissera que se não chamava Renato, mas sim Ismael; aquelle que chorava, tendo em seus braços o padre Chagas então ferido; o leitor, digo eu, terá suspeitado que a historia desse Mouro deverá ser bem cheia de movimentos e de episodios interessantes: assim o narrador suppõe que algum leitor haja que tenha tido grandes desejos de saber essa historia, e talvez com razão. Ora, se algum leitor tem esses desejos, quaes não serão os de Archanjo, sendo neto desse mesmo Mouro, e tendo nelle ouvido tantas vezes fallar?

Era pois a vez primeira que o mancebo ia ouvir a historia de seu avô; e pois com indizível curiosidade os ouvidos de Archanjo pendião dos labios do padre.

O padre começou assim:

TOMO IV. C

« Creio que já uma vez vos disse que entre os meus irmãos dous seguirão as armas, um no exercito e outro na marinha: este em 1668 trouxe a Lisboa um Mouro, que teria então os seus sete annos de idade, e que, segundo elle dizia, chamava-se Ismael. Meu tio havia salvado a vida a este pequeno, não me lembro bem em que logar.... Era um pequeno barco de pescadores que naufragou sobre um rochedo, e meu tio mandou um escalor salva-los. Apesar da diligencia que poz este escalor na salvação destes Mouros, nada conseguiu, e de todos os naufragos só Ismael escapou ao furor dos mares! Veiu pois este pequeno Mouro para Lisboa, onde meu tio o entregou a minha mãe para educalo nos preceitos de nossa santa religião, que Ismael abraçou sem difficuldade, tomando na pia baptismal o nome de Renato! Meus pais forão seus padrinhos. Renato era docil e de muito bom coração. Tinha eu então os meus sete annos, e como Renato era da minha idade, os brincos infantis, os folguedos e os jogos dessa idade unirão-nos tão estreitamente como se fossemos dous irmãos. Renato, além da docilidade do seu character e bondade de

seu coração, tinha uma facilidade invejável, uma memória espantosa, e uma compreensão extraordinária! Com estas bellas disposições cresceu elle sempre amado de todos. Emfim Renato era pudico como Joseph, piedoso como Josias, fiel como Jonathan, e amigo da verdade como Epaminondas! e pois se tinha algum defeito, era o seu fanatismo pela religião christã, e a sua intolerancia para com os malvados; porque, dizia elle, á vista dos preceitos de Jesus-Christo, cada um christão devia ser um anjo.

« Em 1683, quinze annos depois, e tendo os nossos vinte e dous annos de idade, viemos para o Rio de Janeiro recommendados a um meu tio, irmão de minha mãe, para applicar-nos ao commercio. Meu tio, que era negociante no Rio de Janeiro, arrumou-nos em sua casa. A minha amizade com Renato era inalteravel, e em consequencia da nossa união os outros caixeiros nos tinham alguma má vontade. Os máos detestão os bons, é verdade, mas invejão ao mesmo tempo as suas boas qualidades.

« Renato tinha tanta vivacidade, tanta intelligencia para o commercio, que bem depressa ganhou a affeição de meu tio, que, sendo um homem imparcial, austero, grato e amigo de proteger os que mostravão talento para a vida que elle seguia, deu-lhe um salario um tanto avultado para aquelle tempo. Renato era um bonito rapaz, bem feito, esvelto, tinha bonitos dentes, nariz aquilino, olhos grandes, vivos e perspicazes, boca um tanto rasgada, mas bem feita e graciosa; seu riso era alegre, sua physionomia franca, olhar firme e altivo, tinha bellos cabellos negros, rosto moreno como os que teem os filhos da Africa, emfim genio jovial e maneiras affaveis; e por cima de tudo isto possuia um espirito fino e delicado; e pois este genio africano estava inteiramente modificado pelos costumes europous.

« Não muito tempo depois da nessa estada no Rio de Janeiro, Renato envolveu-se em uma intriga amorosa, na qual todavia nenhum perigo tinha que temer; e em 1685 viu-se elle pai de um menino, do qual fui ou padrinho, o que, como seu pai, se chamou Renato; este o vosso pai, Archanjo. Ora, comquanto em taes annos nenhum comprometimento houvesse, contudo os patrões não sofrem em seus caixeiros taes desvios, já pelo temer das distrações, e já pelo receio de que os caixeiros abusam do suas gavetas; e ollos teem razão, attentas as loucuras da mocidade. Acresce o que que

um caixeiro ganha não chega para estas cousas: mas, como as despesas que Renato fazia erão pequenas, e nossas bolsas communs, acontecia que o dinheiro de Renato chegava sufficientemente.

« Um dia faltarão na gaveta a meu tio umas vinte meias dobras. Meu tio e todos os caixeiros procurámos por toda a casa, e todas as diligencias forão frustradas. Era meu tio um homem bastante irascivel, e nesta occasião tornou-se colerico; porque, dizia elle, de manhã puzera o dinheiro na gaveta, onde o tinha visto ainda de tarde, e que não apparecendo agora, alguém o tirára; e accrescentou que comquanto não desconfiasse de seus caixeiros, contudo exigia que elles se justificassem. Renato immediatamente apresentou-lhe a chave de sua caixa, e franqueou suas algibeiras para tudo ser revistado. Todos os outros caixeiros fizeram o mesmo. A primeira caixa revistada foi a minha, depois, minhas algibeiras, onde nada havia; depois foi a caixa de Renato, onde forão encontradas as vinte meias dobras!!!»

Neste logar Archanjo machinalmente tapou o rosto com as mãos, exclamando de uma maneira estúpida:

— Oh um Deus!!!

O grito do mancebo, e o movimento que fez sobre a sua sella, espantarão seu brioso ganhão, a ponto que disparou com elle; e fustada lhe seria essa inesperada carreira, se tão bom cavalheiro como era não subjugasse, e tão a tempo, debaixo de suas redeas, o tão brioso animal. Rosa Branca assustou-se, e suspendeu seu bello palafrem.... mas pouco depois tudo estava tranquillo, lendo-se apenas no rosto de Archanjo os signaes de uma dôr misturada do duvida e de vergonha! O padre disse-lhe então:

— Esperai, meu filho.... tranquillisaí-vos. Não julgueis mal do meu amigo sem onvirdes tudo! Quando ainda o vosso avô fosse criminoso, só vos caboria a vergonha de seu crime, o mais nada! As acções dos pais não podem, não devem ser julgadas por seus filhos! Eu continuo.

« Renato, vendo o dinheiro em sua caixa, olhou para todos o para o dinheiro de uma maneira impassivel; e com um modo sobranceiro a tão critica posição, disse: — Maldito seja aquelle que poz esse dinheiro em minha caixa! — Meu tio que, apesar de bom homem, era irascivel, como disse, bradou suffocado de colera: — Miseravel ladrão!... queres mais provas do teu crime?! — Renato, com semblante carregado, voz grave e solemne, tor-

nou: — Senhor, juro pelo baptismo que recebi que não peguei nesse dinheiro.... Só alguma má vontade....

« Renato não acabou. Meu tio, ardendo em raiva, mandou buscar dous soldados para o levarem á cadêa. Os soldados chegarão, Renato não se opoz á menor resistencia. Preso, disse a meu tio: — Quando Mahomet mostrar a verdade e a innocencia do seu servo, se Jesus Christo é um verdadeiro Deus, elle mandará o arrependimento ao seu coração, e os remorsos á sua alma! — Assim fallando, enxugou uma lagrima, e foi sahindo. . . Os outros dous caixeiros, presentes a esta scena, ouvindo as palavras de Renato, exclamárão cheios de horror, fingido ou verdadeiro: — Renegado! Renegado! — Renato disse ainda da porta: — Não; ainda não reneguei a religião de Jesus Christo.... mas se dentro de um mez (dou muito tempo), se dentro de um mez a minha innocencia não fôr provada, renegarei a religião christã, e serei dos Nazarenos o mais implacavel inimigo!

E' impossivel pintar-vos a minha dôr! Oh! impossivel! No outro dia fui vê-lo; estava animado e tranquillo; vendo-me, derramou uma lagrima e disse-me: — Chagas... não te importes comigo.... Seja qual fôr o meu destino, só uma cousa te recomendo, que é meu filho.... vê-la por elle.... guia-o como se fosse teu filho, defende-o dos invejosos e dos malvados... inspira-lhe sempre sentimentos de honra e de virtudes... sê o pai do meu infeliz Renato... sê pai do filho, já que o pai está perdido!... — Não, Renato, lhe respondi entre soluços; tu não estás ainda perdido... confia em Deus, meu amigo.... confia, como eu confio, porque espero em Deus de ainda abraçar-te fóra dessa prisão!... — A mim? perguntou-me elle. — Sim, a ti, respondi-lhe eu. — Renato sorriu-se com dôr e desdem. Passárão-se quasi tres mezes, e todos os dias eu ia ver o meu infeliz amigo. Florianna, a mãe do pequeno Renato, esteve quasi a morrer, sabendo da desgraça do seu infeliz amado; minhas consolações, meus conselhos, não só a animárão, como a contiverão om seus deveres, porque a pobre mulher queria em publico tomar a defesa de Renato, e ir vê-lo em sua prisão, o que seria comprometter mais a sua causa. Passárão-se tres mezes sobre a prisão de Renato; eu temia pela sua sorte, e temia cada vez mais, quando Domiciano, um caixeiro de meu tio, e que fôra presente á prisão de Renato, cahiu doente; bem depressa a sua enfermidade augmentou, e fez taes progressos, que tirou toda a

esperança de salva-lo. Nunca vi enfermo que tanto temesse a morte! A idéa do enfermo estava sempre presente á sua alma! Constantemente agitado de visões ou pesadellos, via a todos os instantes as chammas do inferno e demonios quo para ellas o arrastavão! Uma noite acudimos a seus gritos, com os quaes atroava a casa assim: — Demonios... demonios, largai-me... lá vem .. lá vem... é Renato. — Meu tio e nós acudimo-lo. De manhã meu tio propoz-lho que se confessasse; ello aceitou esta proposição, e sem mais demora um jesuita foi chamado. Nunca em minha vida vi penitente que levasse mais tempo aos pés do confessor. Finda a confissão, o jesuita procurou meu tio, ambos trancárão-se em um quarto, e longo tempo ahi praticárão, sahindo depois de um modo que nos impressionou. O jesuita, apezar da serenidade que pretendia affectar, mostrava não obstante em seu rosto uma certa inquietação que ninguem podia traduzir! No rosto de meu tio lia-se o odio, a compaixão, e ao mesmo tempo uma especie de terror! Elles sahirão. Os rapazes são curiosos; e por nossas diligencias soubemos que o jesuita e meu tio havião estado com o provincial dos jesuitas, com o governador, que era então João Furtado de Mendoza, e com o bispo Barros de Alarcão, e no fim de tudo isto o jesuita voltou para a cabeceira do seu enfermo, onde havia deixado outro em seu lugar enquanto fazia estas differentes viagens. Ninguem pôde comprehender nem penetrar o mysterio destas cousas! Oito dias depois Renato não estava na cadêa, nem havia quem d'elle soubesse! O que era mais notavel era que de vespera eu havia estado com elle; e é claro que se permeditasse uma fuga, necessariamente me houvera dizer, pois que elle para mim nenhum segredo tinha. Apenas soube que Renato desapparecêra da prisão, fui ter com Florianna que tudo ignorava. Impaciente e temeroso pela sorte do meu amigo, cahi gravemente enfermo; mas meu tio, sabendo o motivo do minha enfermidade, tranquillizou-me sobre a sorte de Renato, e dali por diante tomou pelo pequeno Renato tanto interesse como eu, concorrendo para sua educação até com algumas quantias.

« O caixeiro enfermo, contra a especiação de todos, foi pouco a pouco melhorando! Este caixeiro era o mais velho da casa; mas como era pouco habil, ou pelo menos não era tão habil como Renato, teve o desgosto do ver o salario de Renato equivalente ao seu, e por isso aborrecia a Renato, mas sem dá-lo a perceber: este homem pois melhoran-

do de dia em dia, achou-se completamente restabelecido. Logo que esteve são, meu tio pagou-lhe o que lhe devia de sua soldada, e despediu-o.

« Foi durante a convalescença de minha enfermidade que conheci a senhora com a qual me casei, enviuvando pouco depois, o que tudo sabeis.

« Em 1694 era eu membro da companhia de Jesus. Logo depois de ordenado, em uma festa da casa fui obrigado a prégar. Tremi, receando de minha capacidade; mas a obediência é, como sabeis, a primeira parte dos filhos de Loyola: obedeci pois. Havia na religião um padre velho, que era tido e havido por um homem profundissimo em letras. Com effeito, sabia não poucas linguas antigas e modernas, conhecia bem as suas litteraturas, tinha ensinado philosophia, rhetorica, e passava entre os padres pelo mais sabio, mais fino e mais profundo critico! Possuia este padre uma magnifica livraria, que franqueava a todos os seus companheiros, e por basofia dizia aos padres moços que quando tivessem preguiça de fazer algum sermão, que em um grande cesto, em baixo de sua mesa, acharião sermões de todos os generos! Tinha este padre o costume de assistir aos novos sermões dos padres moços, e depois fazer-lhes uma critica desapiadada e dolorosa! Como era velho, teria então os seus setenta annos, aproveitava-se de sua idade para exercer a critica com uma intoleravel malignidade. Logo que o novo orador descia do pulpito, e descansava, elle dizia-lhe com um modo affavel: — Ora, vamos ver as suas bellezas, meu novo orador! — e começava a mais tremenda critica, mas com tantas facecias, ditos agudos, e com tanto sal, que fazia rir despropositadamente aos circumstantes, que sempre erão muitos. A pobre victima tambem ria-se; mas é porque o chorar lhe seria peor. Esta minuciosa e terrivel critica, em que nada era poupado, não tinha todavia logar so o sermão lhe era antes mostrado e submettido á sua lima, que ás vezes se limitava em mudar uma palavra!!! Escuso dizer-vos que fui tambem victima! Será bom que vos diga que este padre, talvez á força de muito estudar, havia pordido muito da sua memoria; de modo que quando os do sua idade lho fallavão de algumas cousas do tempo do sua mocidade, de algumas não se lembrava completamente; e do outras mal, sendo preciso despertar sua reminiscencia, e chamar suas recordações, para que então se lembrasse.

Um dia, revolvendo eu os seus papois, achei um sermão das Dôres, no qual li o seguinte: —

Prégado pelo padre Conceição em 1664 — Uma idéa de vingança assaltou-me logo: tomo o sermão, e o levo para minha cella. Approxima-se a festa das Dôres, e logo que sahi, fui ter com meu tio, e fiz com que elle me obtivesse esse sermão: obtido, pego do sermão do padre, mudo-lhe algumas palavras, e decoro-o. No dia da festa, antes de partir para a igreja, disse-lhe de um modo affectuoso e humilde que no sermão que eu ia prégar não houvera de achar os defeitos do primeiro. — Só se Vossa Reverendissima m'o não mostrar, — disse-me elle. Ao que lhe respondi: — Assim que chegar da igreja lh'o entrego. — Sahi, e préguei. De volta, entreguei-lhe o sermão; leu-o, e começou depois a sua critica, que, por lhe haver eu atirado a luva de combate, foi cruelissima! Acabada a critica, no meio de risadas e applausos, disse-lhe eu fazendo uma cara de tolo: — Eu aproveitei-meda faculdade que Vossa Reverendissima me deu.... — Que faculdade, meu padre? perguntou-me elle. — Vossa Reverendissima disse, como tambem a outros padres, que quando tivessemos preguiça de fazer algum sermão, o tirassemos de sua cella: como não sou pobre soberbo... aproveitei-me dessa licença.... — Está enganado; esse sermão não é meu, disse-me elle. — Eu tirando o original de minha algibeira, apresentei-lh'o, dizendo: — Aqui está o original donde o copiei.... — A' vista do original escripto por sua propria letra, o padre ficou desconcertado; e depois de algum silencio tornou: — Mas Vossa Reverendissima devia participar-me que se ia servir de um meu sermão.... — Eu o julguei inutil, respondi-lhe, quando eu disse a Vossa Reverendissima que neste sermão não acharia defeitos, é porque era de Vossa Reverendissima; ao contrario era ser eu estupidamente orgulhoso: além disto acreditei que logo que Vossa Reverendissima lêsse o sermão, conheceria seu filho.... — Não tenho memoria de muitas cousas que fiz quando moço... disse-me elle: ao que respondi-lhe: — Vossa Reverendissima deveria estar com os seus quarenta annos quando prégo este sermão. — E o que conclue dahi Vossa Reverendissima? perguntou-me. — Que os criticos são bem pouco sinceros. — Eu disse, e com ar humilde sandei-o, o retirei-me.

« Este acontecimento deu brados entre os nossos padres, o em consequencia delles fizeram-me partir para os sertões do Brasil para a catechese dos indigenas. Ahi dei-me ao trabalho de estudar a lingua gcral ou dos guarany, para ver se por meio desta lingua descobria a origem destes povos, ou

ao menos se a sua lingua teria alguma semelhança com alguma das linguas antigas..... »

— E teve bons resultados? perguntou o Sr. de Pina.

« Era mister que eu conhecesse a fundo a lingua destes povos, e que possuísse bons dictionarios das linguas cujas semelhanças procurava, e nada disto tinha; e como me faltava o principal, dei de mão a este trabalho. Um meu companheiro dizia achar no guarany, já na ordem das orações, e já na composição de muitas palavras, alguma semelhança com o grego: assim elle comparava a palavra *O'ca*, casa, com a palavra grega *Oicos* ou *Oichia* (1), que tambem significa casa. Pretendia que o termo guarany *Tupan*, Deus, era o adjectivo grego *pan* (2) na terminação neutra precedido do artigo *to* (3), o que faz *topan* (4), tanto no nominativo como no accusativo dosingular, e que significa o todo. Nesta pesquisa, ora pondo, ora tirando letras, achou que o termo guarany *itá* assemelhava-se com o termo grego *lithos* (5), que tambem significa pedra, como aquelle, fazendo consistir a maior differença no *lambda* que tem este de mais; pois que supprimido este *ambdla* ficaria *ithos*. O mesmo fazia com o termo grego *kirios* (6), senhor, que perdendo o cappa do principio ficaria *irios*, quasi como *iara*, que no guarany tambem é senhor. Os Indigenas chamão a certa arvore donde extrahem uma tinta avermelhada *murici*: o meu companheiro até nesse nome viu a palavra grega *murike* (7) ou *mirike*, que é a tamargueira, e tambem certas arvores pequenas ou arbustos; e como estas elle achou outras muitas: eu porém é que me não movi com estas analogias. Tambem trouxe a pello a palavra *mãi*, que no guarany é *maya*. Ora, *maia* (8) no dialectico dorico significa avó, e poeticamente tambem significa mãe; mas este termo em um grande numero de linguas pouco differe, e em quasi todas se encontra ou no principio, ou no meio ou no fim a labial *m*.

(1) Οἶκος, Οἰκίζ.

(2) Παν.

(3) Τό.

(4) Τοπαν.

(5) Λίθος.

(6) Κίριος.

(7) Μυρίκη.

(8) Μαία.

« Ora, para que se diga que duas linguas tem semelhanças, ou que uma é derivada da outra, não basta que nas duas linguas hajão termos parecidos representando em ambas a mesma idéa, e palavras compostas com a mesma analogia. Ninguem dirá que a palavra *boya* ou *bóia*, que no guarany significa certa cobra, seja tomada do latim, onde vemos a palavra *boa* ou *bova*, que significa uma serpente aquatica e assás grande! Convem, para que se dê tal semelhança, que as idéas primitivas, em ambas as linguas, tenham signaes analogos ou semelhantes, como vemos nos dialectos do latim, isto é, no portuguez, hespanhol, italiano, francez, etc., etc., e é o que se não dá no guarany e nas linguas, cujas semelhanças querem alguns achar. Assim, penso que pelas linguas falladas na America nenhuma descoberta se pôde fazer sobre a origem destes povos; porque quando se encontrão nestas linguas palavras que fazem recordar palavras iguaes, ou quasi iguaes de outras linguas, o embaraço cresce na pesquisa que então fazemos. Por exemplo, a palavra *abba* em syriaco significa *pai*. Jesus Christo, orando no jardim das Oliveiras diz: *Abba pater, omnia tibi possibilia sunt, etc.*, *ab* tem a mesma significação em hebraico; mas os filhos dos escravos não podião usar desta palavra, pois só podião servir-se della os filhos legitimos que sabião o nome de seus pais. O termo *aba* encontra-se tambem no guarany, já solitario e já compondo palavras, signaes das qualidades de algum homem, como: *Abá moacara*, *homem nobre*; *abá teité*, *homem humilde*; *abá puxi*, *homem velhaco*, etc.: mas *abá* por si só significa cabelo! e no entanto homem é *apyába*, onde ainda se encontra esta componente *aba*!

« Assim, penso que todos os trabalhos intentados para descobrir a origem dos Americanos por meio de seus idiomas é infructifero. E' uma mania o querermos por força em certas linguas achar vestigios do hebraico, chaldaico, egypcio, grego, etc.; como se aquelles que formáram estas nações, quando as forão formar, do ponto donde partirão, já não levassem um idioma por meio do qual se entendião! Talvez que mais tarde, quando forem melhor conhecidas as principaes linguas americanas (chamo principaes as que são mais geralmente falladas), se encontre algumas analogias entre ellas e algumas linguas asiaticas; mas quando se não encontrem, nem por isso o facto será mais admiravel. Os meus companheiros questionavão os Indigenas ácerca de sua origem, tempo em que vierão

para a America, como, donde vierão, e a razão de sua côr. Quanto á sua origem, tempo em que vierão, como, e donde vierão, parecem perguntas sensatas; mas a respeito da côr parecia-mo uma pergunta extravagante, visto que os Indigenas da America não são os unicos homens de pelle differente. Os Indigenas respondião a esta ultima pergunta ainda com maior extravagancia, attribuiñdo a sua côr á sua vida nomada e exposta aos ardores do sol. Quanto ás outras perguntas, respondião que seus maiores vierão de longes terras e embarcados; mas não dizião donde tinhão vindo, nem em quo tempo, e nem onde desembarcãrão. Tinhão tambem vagas noções, mas misturadas de fabulas, do diluvio. Esta ignorancia dos incolos americanos tem feito nascer conjecturas sobre elles, e sobre a America as mais desconxavadas que se podem dar. Tem-se pensado pois que estes povos são oriundos dos Phenicios, dos Carthaginezes, dos Egypcios, dos Indios, e não sei mais de que. Tem se pensado que vierão para a America por meio dessas immensas ilhas que existem no Pacifico entre Asia e America, outros que passarão o estreito do Berhing, etc.etc. Fosse porém como fosse, penso que este acontecimento, a vinda dos Americanos, é um facto remotissimo, e que não foi uma unica tribu que para a America veio, mas muitas. Ora, como a emigração destas tribus devia ser muito anterior aos tempos historicos; como elles nem sabião bem donde havião partido, porque essa emigração ou trajecto devia durar talvez seculos, por onde, nem para onde ião; e como além disto não conhecião meio algum de registrar nem do conservar a memoria do seus acontecimentos, resulta disto a impossibilidade de conhecermos sua origem, o como e quando vierão: e assim tudo quanto sobre a America se tem dito não passa de conjecturas mais ou menos absurdas. Ora, as tribus ou grandes familias, que após da dispersão das nações começãrão de mover-so de uma para outra parte, levãrão por algum tempo uma vida nomada, errando sem saber por onde, até que se fixãrão em um ponto, os que se fixãrão: é exactamente o que aconteceu com os primeiros povoadores da China. Notai o espaço que atravessãrão estes homons desdo o valle do Sennaar, ou da Arabia, até á China, onde se forão estabelecer. Ahi associados, começando logo a se darom á lavoura, ás artes, sciencias, etc., não estiverão longo tempo sem descobrirem um meio do perpetuarem a memoria do seus acontecimentos, e por conseguinte de oncetarem a estrada da ci-

vilisação. Outro tanto acontecen ás demais tribus que se forão estabelecendo pela Europa e Asia. Com estes dados a critica nos leva a suppor que outras tribus, ou de indoles mais ferozes, ou que tomãrão mais amor á vida nomada e independente, tornando-so por isso mesmo mais aventurosas e mais arduas, não só levãrão mais longe suas excursões, como que longe de adoptarem uma vida sedentaria, conservãrão sua vida errante e incerta, vivendo da caça, da pesca, e dos fructos que as arvores produzem espontaneas. Então o que nos tolhe de admittirmos que estas tribus levassem as suas excursões, sem destino certo, até os confins da Asia para parte do Éste, e que aqui atravessasssem o estreito de Berhing, que divide a Asia da America? Isto parece-me menos gratuito do que suppor que atravessassem o Pacifico pelas suas ilhas, ou que fossem Phenicios ou Carthaginezes, ou outro qualquer povo que se embarcassem para a America. Cumpre declarar que isto não era uma verdadeira emigração, como na meia idade fizerão os povos do norte da Europa para o seu meio-dia, porque estes povos que passarão para a America, é de crer que o não fizerão de proposito, mas casualmente, porque sendo sua vida sempre errante, nada mais fazião que passar de um para outro ponto, sem tenção de ficarem em um. Já se vê pois que desde que as nações se dispersãrão, e que estas tribus começãrão de divagar pela Asia até que passarão para a America, muitos seculos deverião ter passado. Ora, estes povos tendo-se endurecido n'uma vida errante, e talvez que em continuas guerras uns com os outros, tornando-se cada vez mais selvagens, certo que se não entreterião de sua origem, nem de acontecimentos a que elles não davão nimio apreço. Além disto, nada conhecendo de geographia, era impossivel quo conhecessem o ponto d'onde primitivamente sahirão, por onde passarão, e onde ultimamente ficãrão; o eis o motivo de sua ignorancia ácerca de sua origem, etc., circumstancias que não militão a respeito dos outros povos da Asia o Europa, porque se fixãrão pouco depois da dispersão geral. Ainda mais, ó sabido que as tribus errantes em suas emigrações arrastão consigo outras tribus que encontrão, quando estas são menos poderosas. Isto tambem dovia acontecer com as tribus que emigrãrão para a America. Então a critica pôde e deve suppor que estas tribus, já muito numerosas, tendo chegado á America, se dividirão, segundo suas indoles e até interosses, adoptando umas uma vida

sodentaria e mais social, e outras ficando errantes. Isto pôde também explicar a diversidade de linguas e costumes dos Americanos.

« Quanto a mim, o erro commettido nas pesquisas feitas sobre a America e seus incelas consiste em quererem que esta parte do mundo seja povoada ha muito menos tempo do que em verdade o é. Isto posto, não se segue daqui que não viessem á America alguns homens de pelle branca e barbados que aqui fossem trazidos por alguma tempestade, o que pôde explicar as historias dos Mancos, Bochicas, Viracochas, etc. Emfim, penso que a povoação da America é mais antiga do que se pretende, e que os primeiros povos que para ella vierão nunca havião na Asia formado um corpo de nação estavel e sedentaria.

« Foi no meio destas minhas indagações que fui chamado ; e apenas cheguei ao Rio de Janeiro, parti para a India em 1698, e durante oito annos que ali estive nada me aconteceu digno de referir-se. O que eu soube ali de mais notavel foi a historia dos Arandas, tal e qual a contou aquelle desconhecido a Philippe, ou Affonso Aranda, na noite do casamento de Baptista, mas não conheci pessoalmente a nenhum dos Arandas : pela historia contada por Philippe inferi que era elle mesmo Affonso Aranda ; mas quando tive esta sciencia já era tarde, já Baptista era marido da filha desso peccador impenitente : que fazer ?

« Em 1706 embarquei-me para o Rio de Janeiro em um navio portuguez. Feliz foi a nossa viagem até Moçambique ; mas defronte do Cabo da Boa-Esperança, em uma manhã, vimos um navio que o commandante do nosso reconheceu ser de Mouros. Ora, como o nosso navio, além de não ser de grande porte, não tinha feições de barco de guerra, aconteceu que o navio infiel demandou nosso rumo a todo o panno ; o nosso fez o mesmo. Logo que os dous navios estiverão quasi a meio tiro de peça, principiou o combate. O audacioso infiel, mesmo debaixo do fogo de nossa artilharia, ententou, e executou a bordagem, que cara lhe custou, em consequencia do fogo de nossa mesquetaria. Uma nuvem de infies despenhou-se sobre o convés do nosso navio, onde forão recebidos nas pontas das espadas. Uma porção dos nossos também precipitou-se sobre o navio mouro. Os dous convézes transformáráo-se em dous porfiosos campos de batalha. Era medonho de ouvir-se o retintim dessas armas, a grita dos pelejadores, e o

horroroso fragor do encontro de tantos homens que matavão e morrião gritando ! A furia do Crescente rivalisava dignamente com o valor das Quinas ! e como o numero dos musulmanos era muito superior ao dos chistãos, difficil era para estes a victoria, devendo não obstante ser cara para aquelles. Depois de um renhido e bem porfiado combate, pareceu que os Portuguezes, opprimidos pelo numero, começáão de afracar, e com effeito elles recuavão. Eu, que de joelhos diante de um crucifixo orava, dentro do tombadilho, em logar donde devassava o combate, entendi que era chegada a minha vez de combater... ia pois batalhar por minha fé, pela minha vida, e pela minha liberdade : isto não podia offender a Deus. Então tomo uma espada, e levando na mão esquerda o mesmo crucifixo, vôo para o convés. Ahi levanto bem alto a imagem do Redemptor, para que todos a vissem bem, e arremettendo com furia aos infieis exclamo : « Christãos ! eis a imagem do vosso Deus !.... Jesus-Christo vos vê combater ! » Apenas pronunciei estas palavras os Portuguezes arrebatados, e com um denodo miraculoso, investem aos infieis bradando : « Aos infieis.... morrão os infieis !... Victoria ! victoria ás Quinas ! ! !... » O impeto com que os nossos investirão aos contrarios foi tal, que todo o furor e audacia dos Mouros não puderão sustentar, nem por um instante, o embate de guerreiros que se acreditavão auxiliados por seu Deus ! Os musulmanos recuão, e os christãos os levão de vencida até seu navio, onde todos se reúnem ; mas ahi mesmo não podem suportar a impetuosidade e a valentia dos filhos dos vencedores de Ourique ! Descreve-se uma acção grande, uma acção extraordinaria, e até bella ; mas uma acção verdadeiramente sublime.... essa pôde ser imaginada, sentida, mas descripta não, não é possível ! Não ha pois pincel que possa pintar, nem penuna que possa descrever os prodigios de valor obrados neste dia em que o Senhor derramou sobre seus servos as suas misericordias ! Não, não erão os Portuguezes que combatião ; elles são valentes, é verdade, mas as proezas, as façanhas, que com tanta cordura forão obradas neste dia.... não podião ser obra de homens ! quem sabe se o anjo exterminador aqui batalhára, como n'outro tempo o fizera contra o exercito de Senaquerib ! Emfim, os Mouros que se não lançáão ao mar renderão-se á discreção, para serem poupados pelo ferro vencedor do Luso furioso ! Quando o grande estrondo da peleja diminuiu, ouvimos sons de ca-

dças que se agitavão no porão do xaveco, e gritos victoriando as Quinas. No mais renhido do combate eu havia recebido no braço direito, junto á mão, uma larga ferida. Era preciso retirar-me para pensar a minha ferida; mas no momento em que o ia fazer, ouvi, partida do xaveco, uma voz que me não pareceu estranha; esta voz dizia:—Christãos, salvai os prisioneiros christãos.—Esta voz, que me parecia um tanto abafada, suffocou-se immediatamente. Então uma turma de Portuguezes precipita-se ao interior do navio mouró, onde salvárão os captivos, como o contára Philippe, e forão testemunhas daquella scena muda junto ao paiol da polvora, entre o Mouro que tinha o morrão aceso, e o marinheiro velho. Emquanto tudo isto se passava no navio dos Mouros, eu estava no tombadilho do nosso navio, onde a minha ferida era pensada. De repente os nomes de Renato e de João do Prado soárão a meus ouvidos; a estas palavras vôo ao convés, e o que vejo?... João do Prado, com os olhos cheios de lagrimas, cobria com seu corpo a cabeça de Renato, ameaçada por mais de vinte espadas erguidas sobre ella; emquanto elle em pé, soberbo e tranquillo como uma palmeira em um dia sem vento, e com os braços cruzados, dizia apenas:—Ferí, cães!!!—Apenas dei com os olhos neste espectáculo, bradei:—Renato.... meu Renato!!!—O' meu Deus! o padre Chagas!... exclamou João do Prado correndo para mim. Renato, correndo tambem para mim com os braços estendidos, disse com effusão:—Chagas!!! meu amigo....—Eu só pude levantar os braços para abraça-los, e cahi sem sentidos nos braços delles. Foi nesta occasião que Philippe me viu, e julgou-me morto, segundo vos disse, accrescentando que me havia conhecido na Índia, o que não duvido, bem que me não lembro de o ter visto. Quando tornei a mim um navio portuguez, que tambem navegava em o nosso rumo, e que ia para Lisboa com escala pelo Rio de Janeiro, chegando á falla do nosso, levou parte dos homens que tínhamos libertado do navio infiel. Renato não sahio mais do meu lado. Quanto a João do Prado, era este um marinheiro que longo tempo andára com meu tio, aquelle que trouxera Ismael para Lisboa. João do Prado estava no navio que meu tio commandava, quando salvou Ismael da morte e o trouxe consigo. Renato contou-mo então a historia do sua mystoriosa fuga: disse-mo elle que uma noite foi tirado da prisão pelo carcereiro, o posto em um quarto á parte; que ali nesse quarto ontrára um vulto, e sem lhe dizer nom

meia palavra tomou-o pela mão, e o foi levando: Renato seguiu-o mudamente. Ambos guardando o mais profundo silencio, caminharão para o cães do Largo do Palacio, e ahi embarcárão-se em um bote, que parecia espera-los. O mysterio deste acontecimento, o mutismo deste sugeito, fizerão presumir a Renato alguma cilada: não obstante, elle se deixou levar. O bote atracou a um navio, para o qual o fizerão saltar. O desconhecido, que o levou até este navio, no mesmo bote voltou para terra. Renato ficou nesta embarcação nem solto nem preso, mas sendo bem tratado. No outro dia o navio levantou ferros, e fez-se de vela pela barra fóra. Durante toda a viagem quasi que ninguem lhe deu palavra, apezar de ser a bordo bem tratado. Ninguem lhe disse para onde ia, nem para que, ou pelo que: este procedimento augmentou-lhe o odio ao nome christão, odio que elle havia começado a conceber desde sua injusta prisão. Renato, a bordo deste navio, lembrava-se de que quando fóra preso proferira estas palavras: « Quando Mahomet mostrar a verdade e a innocencia do seu servo, se Jesus-Christo é verdadeiro Deus, elle mandará o arrependimento ao seu coração, e os remorsos á sua alma! » Em consequencia destas palavras acreditava pois que ia remettido para o Santo-Officio, que o faria morrer em um auto de fé. Renato havia promettido a si mesino renegar a religião christã, e tornar-se cruel inimigo dos christãos, se dentro em um mez a sua innocencia não fosse provada: elle esteve preso tres, pouco mais ou menos, sem que a sua innocencia apparecesse. Considerando-se entregue ao Santo-Officio, concertou consigo de morrer antes morte de agua que de fogo ou entre torturas, e firme neste proposito assentou seu plano. Como conhecia Lisboa, determinou de lançar-se ao mar, se o navio entrasse a barra daquella cidade. Firme estava neste plano, quando não muito longe da Rocha foi o navio acommettido por um xaveco; e apenas este deu a bordagem, Renato saltou para elle bradando:—Não ha Deus senão Deus! Mahomet é o seu propheta!—e combateu em favor do Crescente com tanta bravura, que em grande parte a victoria so lhe deveu. Nesse combate recebeu muitas feridas, de que esteve quasi á morte. Dahi foi para Argel, onde se embarcou em um xaveco com o fim do fazer aos christãos uma guerra cruel, abraçando do novo o islamismo!

« Logo que Renato acabou esta historia, bradei-lho como o Divino-Mestre:—*Homem de fé mesqui-*

nha, porque duvidaste?—(1) Renato, em um tom dogmatico, e com physionomia fanatica, respondeu-me com estas palavras do Alcorão:—*Se um homem não vos der alguma noticia, procurai logo vos assegurar de sua veracidade; de outra sorte podereis causar damno a alguém, sem o saber, e depois vos arrependereis.*—(2) A este versete accrescentou:—E elles acreditarão nas calumnias de um malvado, que não sei quem seja, mas que só quiz perder-me! Vós me repetis palavras de Jesus, o filho de Maria, e seguis vós o seu livro? *Recomendareis aos outros as boas acções, e todavia vós mesmos vos esqueceréis dellas? entretanto lêdes o livro,* (3) *e o comprehendes vós?*—Renato, lhe disse eu, não quero entrar comtigo em discussões sobre as doutrinas do Evangelho o do Alcorão: se eu quizesse fazer a comparação destes dous livros, resultaria dahi uma profanação para o livro sagrado dos Evangelhos; porque o vosso livro é a obra de um homem, e o nosso a de um Deus! Porque era Deus aquelle que disse: *« Eu sou a luz do mundo; quem me segue não anda em trevas, mas terá a luz da vida! »* (4) Renato, assás precipitado andaste assim procedendo. Nada tens que allegar em favor de tua apostasia senão a tua precipitação; pois nem podes allegar que o islamismo foi a tua primeira religião....—E não foi? perguntou-me elle.—Foi, lhe respondi: mas salvo á morte pelos christãos, feito seu prisioneiro nos teus primeiros annos, nada nesse tempo conhecias do Alcorão! Ainda menino, recebeste o baptismo; a luz do Evangelho desceu sobre ti, porque o Senhor te julgou digno della e de suas misericordias! Desde menino membro da religião christã, nesta religião achaste um novo pai e uma nova mãe! Amparõ, protecção, amigos, tudo quanto é mister á vida, tanto espirital como temporal, Renato, achaste n'uma familia christã, onde tomaste o ternissimo lugar de filho! Privado da liberdade, por uma calumnia esqueceste a tua verdadeira religião, isto é, o Evangelho, porque do Alcorão nenhuma sciencia tinhas! Esqueceste que a mais bella qualidade do christão é a paciencia nos soffrimentos; esqueceste enfim que o Senhor folga do

provar os seus escolhidos, e acrysolar suas virtudes no crysol dos trabalhos! Como so a calumnia soffrida por ti fosse um effeito de tua religião, como se qualquer christão não fosse tantas e tantas vezes calumniado, esqueceste que a paciencia era um dos fructos do Espirito-Santo! Em consequencia de uma calumnia calcaste aos pés as mais bellas virtudes de uma alma christã, isto é, a Fé, a Esperança e a Caridade! Calumniado e preso, duvidaste da Divindade de Jesus Christo! não acreditaste em sua infinita misericordia, e insultaste a religião de teus bemfeitores, de teus amigos, de tua amante e de teu filho! Não tiveste fé em Deus nem nos homens! Sem fé, perdeste a esperanza da liberdade; e sem esperanza, não tiveste a caridade de humilhar-to até que triumphasses, quando apparecesse a tua innocencia!.... — Que dizes, Chagas? perguntou-me Renato: e essa calumnia não me levaria á fogueira, se eu me não evadissem? — Ao que lhe respondi. — Se fosses á fogueira, Renato, não era essa calumnia o que lá to levaria, mas sim a tua blasphemia: essa mesma porém não te levou a essa morte horriavel.... — Bem sei, tornou-me elle, mas é porque me soube evadir a tempo.... — Renato.... disse-lhe eu em um tom muito solemne, estais enganado. Se quando sahiste da cadêa do Rio de Janeiro sahisses para as prisões do Santo-Officio, não ficarias em liberdade nesse navio que te conduziu. Mettido no porão, posto a forros, óis como irias. Um homem desarmado, sendo noite, não te levaria da cadêa para bordo de um navio. Se fosses um preso do Santo-Officio, preso e bem preso, guardado e bem guardado, tu te não evadiarias; teus guardas levar-te-hião ao teu destino, por que não seria um pequeno navio mercante o que te conduziria a Lisboa: seria um navio possante, a que nem se atreveria o xaveco, ao qual suppões que deves a liberdade. Agora, ingrato... sabes ao que deves a tua liberdade? Sabes? tu não sabes.... pois bem: deves á religião de Jesus Christo! deves á religião á qual com tanto furor e tão encarniçado persegues.....

« Renato, que estava assentado, deu um salto de seu assento; e pondo-se em pé diante de mim, com os braços cruzados contemplou-me em silencio por alguns momentos. Depois, tendo exhalado um suspiro, com uma voz meia abafada disse: — Chagas.... tu já não és nem podes ser meu amigo, como n'outro tempo o eras.... — E porque? perguntei-lhe eu. — Porque hoje, respondeu-me elle, és sacerdote da religião que abjurei! ... és christão,

(1) *Modicæ fidei, quare dubitasti?* [Malt. XIV, 31.]

(2) Koran XI.IX, 6.

(3) O livro, tomado absolutamente no Koran, significa qualquer livro revelado, como o Pentatenco, fallando aos Judens; o evangelho aos christãos, etc. Koran II, 41.

(4) *Ego sum lux mundi: qui sequitur me, non ambulat in tenebris, sed habebit lumen vitæ.* Joan. VIII, 12.

e eu musulmano: enfim, sou um apostata, um renegado!....—Não, Renato, tornei-lhe, se eu pudes- se hojaser ainda mais teu amigo do que o fui, eu o seria, porque nunca tu precisaste de mim como ora precisas!...—Não te comprehendo! disse-me elle admirado.—Eu o sei, respondi-lhe, porque tu não comprehendes toda a sublimidade de minha religião! *Eis que muitos publicanos e peccadores que chegam assentavão-se á mesa com Jesus e com seus discipulos; e o que vendo os Phariseus, dizião aos discipulos: « Porque come teu mestre com os publicanos e peccadores? » Porém Jesus ouvindo disse: « Não necessita de medico o que está são, mas sim o que está enfermo. »* (1) Estas palavras põe elle mais claras, dizendo depois: « Não vim pois chamar os justos, porém os peccadores. » (2) Até agora eu te devia amizade; mas hoje também te devo soccorros....—Perdôa, Chagas.... me disse Renato, eu quero a tua amizade, porque tu és bom; o teu soccorro não, porque delle não necessito.... Eu estou bem: a minha religião é boa, e tão boa como a tua....—Tão boa como a minha não, Renato.... tornei-lho eu. Os navios de minha religião percorrem os mares trocando mercadorias; os da tua *escravizando homens!* Os teus prégão o teu Alcorão com a espada, os meus prégão o meu Evangelho com a palavra. Renato, o Filho do Homem não veio á terra para fazer o homem desgraçado, veio para fazê-lo feliz! veio ensinar o homem a exaltar-se por meio da humildade; a santificar-se por meio da paciencia! vein ensinar o homem a ser sabio, ensinando-o a crer e esperar, porque a verdadeira sabedoria é crer e esperar! veio ensinar o homem a ser homem, ensinando-lhe a Fé; veio ensinar o homem a relacionar-se com a Divindade, ensinando-lhe a Esperança; veio ensinar o homem a elovar-se a Deus, ensinando-lho a Caridade! assim humanisando-se para olevar até a sua altura a humanidade, e para ser elle mesmo o sou mestre: iguala o homem a seus olhos, quebra a cadeia dos captivos, rehabilita a mulher, divinisa a liberdade, o santifica a obediencia, o abençoa o trabalho! Renato... para arran-

(1) *Ecce multi publicani, et peccatores venientes, discubebant cum Jesu et discipulis ejus.*

Et videntes Pharisei, dicebant discipulis ejus: Quare cum publicanis et peccatoribus manducat magister vester?

At Jesus audiens, ait: Non est opus valentibus medicus, sed malis habentibus.

(MAT. IX, 10, 11, 12.)

[2] *Non enim veni vocare justos, sed peccatores.*

(MAT. IX, 13.)

car o mundo ao turbilhão dos crimes em que negrejava antes da vinda do Messias, e plantar nelle as sábias, pacíficas e nunca vistas virtudes plantadas pelo Filho do Eterno, era mister ou ser um Deus, ou o mais habil de todos os guerreiros e políticos, seguido de um numeroso e invencivel exercito: e no entanto o Filho de Maria, como lhe chama o vosso Mahomet, não ligou-se a um unico soldado, porque elle disse a seus discipulos: « *E quando alguém vos não receber, nem quizer ouvir os vossos discursos, retirando-vos de sua casa ou cidade, sacudi o pó de vossos pés.* » (1) Ao contrario o vosso propheta, repellido pelos idolatras, fuge de Meca: sabendo que uma caravana de Koreichites se approximava de Medina, sahiu a ataca-la em Bedr, onde a baten: assim de sortida em sortida, mudando as inspirações do propheta nos planos do guerreiro, chega a reunir um exercito com que mais tarde, á força de armas, se apodera de Meca, onde sobre um camello entra triumphante, depois de ter sete vezes rodeado a Kaaba! Accusa, Renato, accusa Jesus Christo da menor violencia... Educado na religião christã, tu leste os nossos Evangelhos.... Pois bem: accusa a Jesus Christo! Renato... aquelle que, purificando a Dimas no fogo do arrependimento, o arrebatou do patibulo do malfeitor ás glorias do justo; aquelle que, santificando a peccadora publica nas chammas do amor celeste, tirou-a d'entre os andrajos da devassidão, dos vicios e dos crimes, para colloca-la entre as purpuras do céu, só tinha palavras de amor, reprehensões de clemencia, e feitos de paz! Renato, apenas preso, blasphemaste a religião christã; livre em consequencia de tua evasão, cego, e desesperado, perseguiu impia e atrozmente os membros desta religião! e todavia é a essa religião que insultaste, a essa religião que apostataste, a essa religião que com tanto furor persegues, que deves a liberdade. Impossivel!.... impossivel! bradou Renato!—Impossivel dizes tu! tornei-lho eu. Pois bem, então escuta.

« Então contei a Renato o que aconteceu na enfermidade de Domiciano, e tudo o que se seguiu, e que já vos disse. Depois proseguí:

« — Estava reconhecida a tua innocencia ácerca do furto das meas dobras; mas tu tinhas blasphemado contra a religião christã, duvidando da divindade

[1] *Et quicumque non receperit vos, neque audierit sermones vestros: excutentes foras de domo, vel civitate, excutite pulverem de pedibus vestris.*

(MAT. X, 14.)

do Jesus Christo ; infelizmente essa blasphemia havia sido publica : os caixeiros da casa a tinham ouvido, e o caso se tinha espalhado pelo Rio de Janeiro ; em consequencia meu tio não se atrevia a pedir por ti, nem a allegar a tua innocencia. O padre Jeronymo, que havia confessado a Domiciano, nada quiz aconselhar a meu tio, sem ouvir o seu provincial, o bispo e o governador ; o provincial, segundo depois soube, aconselhou o padre Jeronymo que desse de mão ao teu negocio. O bispo julgou que o caso pertencia ao Santo-Officio ; mas creio que meu tio concertou com o governador a tua fuga. Alguns dias depois tu desappareceste da prisão sem saber-se como. Com este acontecimento eu assustei-me e affligi-me. Meu tio, notando isto, tomou-me á parte, e contou-me todas estas cousas, dizendo que a tua innocencia sobre o furto estava provada ; o como não me disse elle : mas que temendo a tua perda por parte do Santo-Officio, comprára o carcereiro, e quo por uma pessoa mandou-te levar á bordo de um navio, em cujo capitão muito confiava, para levar-te a Lisboa, ali entregar-te uma quantia que para ti lhe havia dado, e deixar-te em liberdade. Ora, essa quantia sei eu que foi entreguo a meu tio quando o mesmo capitão voltou ao Rio de Janeiro. Agora, Renato, a quem devés a tua liberdade ? — Renato, deixando cahir a cabeça sobre o peito, esteve por alguns momentos em silencio ; depois perguntou-me : — Como se provou a minha innocencia ? — Provou-se, porque na religião de Jesus Christo o calumniador não pódo gozar da bemaventurança sem confessar a calumnia, e reparar o mal que commetteu contra seu proximo ! porque o Senhor escreveu em suas leis « Não levantes falso testemunho contra o teu proximo. » Renato, se um catholico romano não tivesse a consolação de aos pés de um sacerdote, fazendo as vezes do Deus, expor seus erros, seus crimes e seus desmanchos ; se não tivesse o direito de, pela bondade e misericordia de Jesus Christo, roparando o mal feito aos outros, obter a absolvição de seus peccados ; Renato, a tua innocencia não seria provada, nem tu recuperarias essa liberdade, da qual abusaste contra aquella religião, em consequencia de cujos preceitos apparecou a tua innocencia !

« A estas minhas palavras Renato nada respondeu. Com os braços cruzados, a cabeça baixa, e os olhos fitos no chão, Renato conservou-se por um ou dois minutos no mais profundo silencio. Então eu lhe disse : — Renato, que me dizes agora ? — Elle em

tom solemn, mas doloroso, tornou-me. — É's meu amigo ? — Duvidas ? lhe perguntei eu — Responde, me tornou elle : és meu amigo ? — A prova não parece evidente, lhe retorquei. Adoptei teu filho... e... — Basta, bradou-me elle. A prova é evidente. Juras fazer-me um favor ? É' o ultimo que te peço em nome da nossa amizade. — Está em minhas mãos ? perguntei-lhe — Se não estivesse, respondeu elle, eu t'o não pediria. — Estás servido, disse eu. Falla. — Somos amigos, somos irmãos... podes tudo em minha alma ; mas não fallemos mais sobre a tua religião... — Renato !... exclamei eu. — Chagas... bradou-me elle em um excesso de exaltação, a minha cabeça se despedaçou, meu coração esculpi meu peito... Chagas... meu amigo ! tem compaixão de mim... Sê indulgente com um desgraçado... ao menos por um momento ! — Tranquillisa-te, lhe disse eu, saberei respeitar a tua dor !

« O golpe que eu havia recebido no braço junto da mão determinou a perda da mesma, mas a minha ferida ia maravilhosamente. No lugar onde então navegavamos, as calmarias podres porfiavam em não tirar-nos do mesmo lugar. Uma tarde o céu estava coberto de nuvens, amontoadas umas sobre outras ; mas estas nuvens, pequenas e desligadas, apresentavam no immenso espaço uma ondulação continua e escabrosa, e por entre algumas abertas desse mar de nuvens lá se divisava um fundo escuro e medonho : essas nuvens, entremeadas de brancas, escuras e quasi negras, tinham um aspecto emphatico e ao mesmo tempo melancolico. Os marinheiros, á vista delle, repetião o antigo dictado : « Céu pedrento, ou chuva ou vento. » A lua (era em vespera de cheia) arredondada, levantou-se de seu horizonte afogueada como um ferro que o ferreiro levanta da forja para na bigorna molda-lo, a golpes de malho ou de martelo, á obra que elle tem imaginado. Á noite correu sem novidade, apesar das nuvens que cobrião a face do céu. O dia amanheceu brusco ; e o sol, envolto em uma atmospheria embaciada, surgiu despido de seus raios, e como ensanguentado ; o céu estava salpicado de nuvens de ouro, de rosas, o algumas de um amarello desmaiado ; pouco a pouco estas nuvens esvaecêrão-se, mas o dia continuou a correr como enfumaçado. Pelas nove horas da manhã não havia em todo o céu, cuja face viamos, uma unica nuvem.

« A calmaria era podre. As velas pendentes das vergas, ora se afastavam dos mastros, ora bambamente batiam nellos, acompanhando o monoton

movimento do oscillar do navio, sempre arfando no mesmo lugar. Pelas onze horas, da parte do sul algumas nuvens erguêrão vagarosamente suas brancas frentes lá do horizonte, onde apparecião assentadas, como mirando o vasto espaço do oceano que diante della se revolia mansamente, mas quo a olhos vistos tomava uma côr escura e medonha. A mór parte das velas estavam pendentes das vergas, e expostas ao vento; o piloto consultou com o capitão sobre se devião por cautela mandar ferrar parte dellas. Nesta consulta uma rajada de vento cahiu inesperada e impetuosa sobre os pannos do navio, enfunou-os; o navio, batido pelo tu-fão, gemeu, escorregou um instante para diante; e não podendo supportar o peso do velame, demasiado para tanto vento, colhido no embate de dous mares, estacou como ajoujado! Corren-se á manobra de forrar os pannos, mas já era tarde! Outra refega mais vehemente que a primeira adernou o navio. Tudo quanto estava sobre o convés escorregou para o sotavento; augmentado assim o peso deste lado, ficou elle com este bordo debaixo d'agua. Já não era possível colher as velas, nem restabelecer o equilibrio do navio; a perda era sem remedio: o bordo de sotavento cada vez se mergulhava mais; o navio ia sossobrar-se.

« Os marinheiros, sem a nada mais attenderem, sem ouvirem, nem obedecerem já a pessoa alguma, cortarão as boças á lancha, e n'um turbilhão frenetico a ella se lançarão. Enquanto os marinheiros assim procedião, o capitão, piloto, contra-mestre, Renato, João do Prado e eu, tambem cuidando em a nossa salvação, lançavamos ao mar um escaler. A lancha em que os marinheiros e algumas pessoas saltarão não podia conter tanta gente; mas, como ó natural, cada um, cuidando na sua salvação, e não se importando com a perda de todos, todos e quasi a um tempo precipitárão-se na lancha, quo perdendo o equilibrio a tanto peso, o tão mal combinado, sossobrou-se tambem! E sem lhos poder valer vimos morrer assim tantos.... tantos! .. »

() Rev. Chagas enxugou aqui uma lagrima, e depois proseguiu:

« Nós, os seis que nomooi, embarcámos no escalor, descendo a ello pela pôpa do navio; o como ahi havia algumas frutas, uma quantidade de bolacha, e alguns vasos do agua, tomámos estas munições, e as puzomos no escalor. Desligados do navio, comocámos a vagar nos mares. Quatro d'ontro nós remavão, o um descansava para depois substituir a um dos remadores. Eu tiuha uma só mão, e por

isso não remava. A tempestade continuou a bater os mares, mas sem grande violencia; ella escapou-se perto do romper do dia. Logo que amanheceu o dia, o piloto disse-nos que visto o ponto em que nos achavamos, não poderíamos alcançar terra senão no cabo de sete ou oito dias; que os viveres que tinhamos era provimento para dous dias, visto que se devia devidir por seis; que acabados estes viveres e agua, tinhamos que soffrer fome e sede cinco ou seis dias, o que não era possível; que assim tomassemos em consideração as suas razões, e resolvessemos alguma cousa. Renato, ouvindo isto, levantou-se e disse:—Não, senhores, os vossos viveres deverão durar mais algum tempo, porque elles não são para seis pessoas, mas para cinco. Não penseis porém que eu me sacrifico por vós.... Estou cansado e aborrecido de viver.—E ralhando para mim, e enxugando uma lagrima, disse:—Vela sobre meu filho, e Deus premêe as tuas virtudes. E vós outros sêde felizes, e Deus vos proteja!—Renato, que fazes? bradei eu.—Era tarde: elle disse, e lançou-se ás ondas.... Eu atirei-me tambem ao mar, e cahi junto delle. Renato, que nadava perfeitamente, sustido sobre as ondas, vendo-me no mar junto delle, exclamou:—O que queres, Chagas?—Salvar-te, ou morrer contigo!—Os quatro que no escaler tinham ficado, tocados dos sublimes extremos desta amizade santa, remarão para nós gritando:—Morrámos todos, ou todos nos salvemos.—O escaler chegou junto de nós. Renato, lançando uma mão á borda, quando eu tambem lançava a minha, disse:—Amigo generoso, vive, vive tu, e deixe-me morrer....—Pois morre, tornei-lhe eu, morre.... mas não podes privar-me que eu morra contigo!—A este tempo os quatro nos suspendêrão, e nos puzêrão no escaler.

« Depois que ahi nos achámos recolhidos, disse o capitão:—Meus amigos, nós nascemos todos para morrer, e esta lei será irremediavelmente completa ou mais cedo ou mais tarde: assim fiquemos aqui todos, entreguemo-nos a Deus, o osperemos com resignação a nossa hora. Venha pois a morte ou a salvação; qualquer dellas, se vier, venha para todos.

« Todos approvárão o discurso do capitão. E então disse:—Morte ou salvação! nem nos é dado esperar mais! Ou a salvação, que deve tirar-nos destes maros, ou a morte, que nos deve abysmar para sempre nelles! Morte ou salvação! são duas palavras de mysterio! o bem tremendo que é elle! Quem sabo porém so a nossa salvação é a vorda-

deira morte, e a nossa morte a verdadeira salvação? Quem sabe se era este momento o momento mais azado para a morte do nosso corpo e salvação de nossa alma! Que somos nós neste mundo? As flôres de um valle. A belleza, o talento e a virtude são essas flôres que com seus perfumes embalsamão os ares; a fealdade, a estupidez e o vicio são essas flôres inodoras que desabrochão e morrem sem que os insectos amantes das flôres deem fé de sua existencia; e os crimes são as flôres que, odoríferas ou inodoras, occultão em seus calices um succo venenoso! Mas a duração das flôres é de um dia, tempo sufficiente com effeito para communicarem seu veneno, e derramarem seus perfumes! Que importa uma longa duração? Morrer hoje ou amanhã ó tudo o mesmo! A hora derradeira absorve todas as suas vicissitudes! Velhice ou mocidade, sabedoria ou ignorancia, riqueza ou inopia, nobreza ou plebeismo, tudo ahi se confunde, e só a virtude se distingue, só o bem não perece nesse total diluvio das cousas do homem, porque desse diluvio só resta o que se relaciona a Deus! Lembramo-nos aqui de sacrificar uns ao bem de outros, porque acreditamos que dous ou quatro poder-se-hão salvar, e não seis.... é um calculo humano bem trivial; as cifras provão sufficiente que o que gastão quatro não gastão seis, e a pouco mais vai a sabedoria humana, tão amesquinhada é ella; mas bem pouco sabe aquelle que, todo positivo na sciencia de suas cifras, não se lembra que o zero representa tambem o infinito. Calculamos os nossos viveres, e como não chegão para todos, dizemos:—Morrão uns para o bem de outros.—Nada mais facil; mas quem prometter o dia de amanhã aos que fíção? Contar com elle, é contar com o que não é nosso, com o que não temos, e nem sabemos se havemos de ter! Mais justo e mais nobre fóra lembrarmo-nos só do dia de hoje, e apparelharmo-nos para morrer dignamente, isto é, dignos de Deus e dignos de nós mesmos! Dignos de nós mesmos, examinando attenta e escrupulosamente os nossos peccados; e dignos de Deus, humilhando-nos diante d'elle, e pedindo-lhe perdão de nossas culpas.

« Qual o nosso destino depois da nossa morte? Será elle tão escuro como pretende o que nega a fé á revelação? Donde viemos nós? Para onde vamos? Sem duvida nós voltamos para o mesmo ponto do qual ponto sahimos, e este ponto é Deus, principio, meio e fim de todas as cousas: sahidos de seu seio, nos foi dada a liberdade para com ella glorificarmos as nossas acções; e esta liberdade é a luz bri-

lhante que, ajudada da graça, outra vez nos leva ao ponto donde sahimos, ou faz com que para sempre o percamos, se a misericordia de Deus não vem em nosso soccorro: assim fiados na bondade do Eterno, convem que usemos desta liberdade, de modo que voltemos ao ponto donde sahimos tão puros, ou quasi como quando sahimos!

« Com estas e outras reflexões minhas os meus companheiros de naufragio se reanimarão. Houve um momento de prazer real ou ficticio; como fosse, nesse momento trocarão-se algumas palavras alegres e ditos jocosos. Depois reinou o silencio. Durante elle João do Prado, que então remava, começou de cantar uma especie de canção, que nunca me esqueceu pela sublimidade de seus pensamentos, cadencia de seus versos, e harmonia de seu todo. Era assim:

Marinheiro, que adeus disseste á amada,
Então que lhe disseste?
Talvez lhe prometteste
Vê-la de volta á patria suspirada....
Mal foi feita a promessa confiada....
Em terra com ninguem se compromette,
Nem inda á amada a volta mais promette,
Marinheiro, que adeus disseste á amada!

Veja a morte nas ondas d'oceano,
Sem sequer vacillar,
Quem vai correr o mar,
Esse do nauta desposta tyranno!
No bramir da borrasca, ao vento insano,
Tu cantas no convés com altivo brio....
Quem sabe se amanhã teu peito frio
Veja a morte nas ondas d'oceano!

Esses que te são caros nesta vida
Aperta em braços teus;
Quem sabe se este adeus
E' derradeiro adeus da despedida!
Naufragas na tormenta desabrida,
Bebes a morte nesse mar profundo,
E nunca mais terás de ver no mundo
Esses que te são caros nesta vida!

Marinheiro, que adeus disseste á amada,
Canta ao som da procella;
Ouve a morte: por ella
E' a tua canção acompanhada!
Sobre as ondas a vida embarçada
Anda sempre com a morte denegrida:
Quem no mar anda só tem meia vida,
Marinheiro, que adeus disseste á amada!

« Pela volta das dez horas, pouco mais ou menos, o céu estava sereno e o horizonte claro. Nesse circulo pardacento e duvidoso, que limita as vistas do nauta, onde parece que os céos, entestando nos

mares, descansão nelles a aba de sua immensa abobada ; para parte do norte um ponto equivoco marcava um ponto nesse circulo apparente. Do mesmo rumo em que so achava esse ponto um vento fresco começou a soprar ; pouco depois o ponto já não era duvidoso ; um navio appareceu em relevo no horizonte ; elle parecia demandar nosso rumo, como so viajasse para o Cabo da Boa-Esperança. A's duas horas, pouco mais ou menos, o casco do navio desenhou-se sobre as ondas : João do Prado disse, mas sem terror : — E' um xaveco de Mouros. — Conhecido o navio, o capitão propoz se lhe deviamos acenar ou não. Renato esteve sempre calado : cada um emittiu a sua opinião, e todas ellas erão que se acenasse. Com effeito o medo da morte venceu ao horror da escravidão : se a maior opinião fosse para se não acenar ao navio mouro, essa seria nulla, porque o navio viu-nos sem lhe acenarmos, o approximou-se do nosso escaler. Neste comenos foi quando Renato fallou, dizendo-nos : — Atraque-mos a este navio, não insulteis a pessoa alguma delle : confiai em Deus, e elle fará o melhor. — Pouco depois estavamos no navio mouro : ahi fomos levados para o porão, onde achámos uns cincoenta e tantos companheiros de infortunio : fomos postos a ferros. Antes disto, quando Renato appareceu no convés deste navio, a maior parte dos que ahi estavam fizeram gesto de conhecê-lo ; mas o que parecia superior aos outros, não. Renato estava vestido á moda dos de seu paiz. Passarão-se seguramente seis mezes. Renato não nos appareceu mais !

« Nós soffriamos o nosso captiveiro com resignação : nunca nos tirarão os ferros ; mas a exceptuar isto, em nada mais eramos maltratados. Os meus companheiros fallavão-me de Renato como de um ingrato ; a principio defendia-o, depois calava-me, e orava por elle. Um dia forão buscar-nos ao porão ; sahimos, e quando chegámos ao convés estavamos em frente de uma cidade. Fizerão-nos saltar para um escaler, e conduzirão-nos para terra. Estavamos

em Argel. Ahi fomos com os demais captivos levados para uma especie de bazar. Foi então que comprehendí a sorte que nos esperava. Quando chegámos ao bazar era já noite ; recolhido a um canto delle, e separado de meus companheiros, orei por elles, pedindo a Deus que lhes desse forças para supportarem suas desgraças e a crueldade do captiveiro ; para que lhes desse animo para se resignarem em seus padecimentos, e que sobretudo acrisolasse nelles a fé e amor á sua santa religião. Chorei pelo meu Renato, a quem eu ainda amava, apesar do seu esquecimento, esquecimento que me parecia-lhe não ter merecido : orei por elle, como se orasse pelas almas de meus pais ! Pedi a Deus que lhe abrisse os olhos, e o trouxesse de novo ao gremio de sua santa religião. Depois prometti fervorosamente a Deus que se permittisse que, restituído eu á minha liberdade, visse ainda minhas filhas antes de morrer ; e que se tornasse Renato ao gremio da religião chistã, iria eu a Jerusalem visitar o seu Santo Sepulcro ! Depois de minha supplica deitei-me, adormeci, e dormi tranquillo até o amanhecer do dia. Pouco depois um Mouro veio ter connosco, e em um mão portuguez perguntou quem era Chagas ; appareci : depois chamou por João do Prado, e successivamente pelo capitão do navio *Estrella*, contra-mestre e piloto : tomando-nos á parte, sahio connosco do bazar. Apenas sahimos nos disse que eramos livres, e que declarasse-mos para onde queriamos ir. Perguntámos a quem deviamos a nossa liberdade. — Não sei, disse elle. Para onde quereis ir ? — Para Portugal, respondemos nós. Com effeito, este Mouro fez-nos embarcar, e pouco tempo depois desembarcámos na costa do Algarve. Ahi fui forçado a receber uma bolsa com dinheiro, que dividi com os meus companheiros. Pouco depois me embarquei para o Rio de Janeiro, onde me achei em 1713, tendo eu os meus 52 annos !

« Agora convem que tomemos algum alimento e que descansemos : bem vêdes que já sou velho. »



CAPITULO V.

VIAGENS.

Os logares celebres pelos acontecimentos extraordinarios são um monumento historico que deleitão os olhos do ignorante, e instruem a alma do pensador e do sabio.

Os nossos viandantes, depois que se refizerão e descansarão, proseguirão a sua viagem. O padre continuou assim a historia de sua vida :

« Chegado ao Rio de Janeiro, opinavão alguns de meus padres que eu não devia cumprir meu voto, porquê tendo eu promettido ir a Jerusalem se fosse restituído á liberdade e visse minhas filhas, e se Renato voltasse de novo ao gremio da religião christã, se com effeito se havia verificado uma cousa, não se havia verificado a outra, porque dizião alguns que acreditando que essa liberdade fosse obra de Renato, e a liberalidade da bolsa, tanto elle não mudára de religião, que praticou esses bons actos sem se deixar ver, para que não fosse mais combatido por causa da sua religião. Esta opinião me parecia forte ; mas uma voz interna me arrastrava para os Logares-Santos ; e obedecendo a esta voz, obtida a licença, dispuz-me a partir.

« No anno de 1713 embarquei-me no Rio de Janeiro, e seguí para Lisboa, onde cheguei sem o menor incidente. Em consequencia do tratado de Utrech de abril desse mesmo anno, se havia firmado a paz geral entre algumas potencias da Europa : o ensejo para minha viagem não podia ser melhor. Embarcado em um navio francez, transportei-me a Roma, querendo antes de seguir para Terra Santa beijar o pé ao Santo-Padre. Chegando a Roma, a capital do mundo christão estava agitada

pelo susurro que fizera a famosa bulla *Unigenitus* de Clemente XI, pela qual condemnou cento e uma proposições de Pascal Quesnel, que era um padre da congregação do oratorio do França, extrahidas das suas *Reflexões Moraes sobre o Novo Testamento*, comquanto houvesse vinte annos que corrião em França com approvação de Bossuet, bispo de Méaux e de Noailles, bispo de Châlons, e depois arcebispo de Paris e cardeal. Comquanto não venha isto ao caso, direi de passagem que, para o concilio-geral futuro appellarão desta bulla dezanove bispos de França, e mais de dous mil doutores das universidades do mesmo reino, tanto seculares como regulares, entre elles o cardeal de Noailles, arcebispo de Paris, M. Colbert, bispo de Montpellier, o padre Natal Alexandre, dominicano, e o abbade Duguet, que fôra da congregação do oratorio de Jesus-Christo.

« Não sendo a minha missão ver a Cidade Eterna, apenas beijei o pé ao Santo-Padre deixei Roma, e em Ostia embarquei-me para Chypre. No Archipelago, ao passarmos pela ilha de Pathmos (onde Domiciano desterrára a S. João, o filho de Zabedeu), com os olhos pregados nesse monticulo de terra rodeada das ondas do Mediterraneo, em um arroubo de enthusiasmo eu vi o predilecto do Divino-Mestre rodeado de uma aureola celeste, ou chamma da inspiração, escrevendo os tremendos mysterios

dos dias derradeiros! A meus olhos figurava-se descendo dos céos á terra um anjo rodeado da nuvem, cecroado do iris, com a face resplandecente como o sol, e seus pés como columnas de fogo! Com um pequeno livro em sua mão, seu pé direito firmou-se sobre os mares, e o esquerdo sobre a terra! Em meus ouvidos retumbou sua voz terrível, que rugia como a voz do leão, enchendo todo o espaço o som de sete trovões! Eu vi este anjo, que tinha seus pés sobre os mares e sobre a terra, levantar sua mão ao céu! Eu o ouvi jurar por aquelle que vive de toda a eternidade, que creou o céu e quanto nelle existe; que creou a terra e o quanto ha nella; que creou os mares e o quanto elles contém, que os tempos estavam completos! Oh! era um extasis santo nascido á vista de um logar que havia santificado o melhor amigo do Homem-Deus!

« Chegámos a Chypre, e tanto eu como mais alguns romeiros que tambem ião para Terra-Santa nos hospedámos em um convento de Franciscanos. Chypre! o que havia sido, e o que era agora! Chypre, essa risonha flôr de Venus, cujos voluptuosos perfumes embalsamavão esses mares, de cuja espuma se havia formado a deusa, encanto do Olympo! Chypre, essa harpa de amor tão harmoniosa de effusões lyricas, cujas cordas erão essas raparigas e mancebos dissolutos, temperadas sempre por desenfreadas paixões, e cujas oroticas notas tão requeteadas, em enamorados devaneios ião-se suavemente misturar com as sedutoras ondas do mysterioso incenso, que amorosas rolavão sobre os alegres altares da deusa dos amores! Chypre, tão grata a Venus como Creta a Jupiter, como Delos a Apollo e Diana, como Naxos a Baccho.... o que era agora? Nada! nenhuma pedra de seu templo em Paphos, nenhuma nota perdida de seus hymnos, nenhuma molecula odorosa de seus perfumes, nenhum suspiro de seus peccaminosos sacrificios!

« S. Paulo esteve não pouco tempo nesta ilha; ella foi testemunha de muitos do seus trabalhos. S. Bernabé lhe devia o berço.

« Logo que tivemos embarcação para Jaffa embarcámo-nos para esse porto, onde chegámos felizmente. Jaffa é a antiga Joppé, que era uma cidade da Palestina, sobre o Mediterraneo: ora uma das mais antigas do mundo, de modo que se pretende que fôra edificada por Japhot, filho de Noó, quo lho dou seu nome. Foi neste porto que contra a ordm do Senhor, quo o mandava pregar em Nive, embarcou-se Jonas para Tharsis. Hiram, rei

de Tyro, fazia abordar aqui os navios que, carregados de madeiras do Libano, enviava a Salomão para a factura do templo. Nesta cidade morava S. Pedro quando teve a visão referida nos actos dos Apostolos por S. Lucas: aqui resuscitou elle a Tabitha. Joppé foi arruinada pelos Romanos durante o cerco de Jerusalem, e della resta muito pouco.

« Tres dias depois partimos para Jerusalem. Estavamos pois nesta terra de prodigios, que o Eterno havia illustrado por uma serie de milagres, e a tinha santificado, mandando seu filho humanisar-se nella, e sacrificar-se pelos hemens! Estavamos pois nesse immenso livro modelo, aberto até o dia derradeiro, e em cujas paginas as gerações lêrão o que de mais bello e de mais sublime tem sahido das bocas dos homens, porque essas bocas não erão senão órgãos dos pensamentos do Todo-Poderoso! Estavamos pois nesse codigo poetico, recheado todo de uma poesia sublime e divina, porque é a poesia do céu, inspirada por Deus a seus escolhidos, para ser lida por toda a eternidade! Variadas são as suas composições; mas o titulo é um e unico, isto é, *Fiat!!!* Duas epopéas sublimes abrem o magifico livro! Duas epopéas divinas o fechão igualmente! N'uma epopéa, a tuba de Moysés revelanos a creação; n'outra, ella nos releva que uma nação não deve ser escrava de outra nação! Eis as epopéas iniciaes. N'outra epopéa, a tuba dos Evangelistas canta a redempção! E na outra emfim a tuba evangelica santifica a igualdade e a liberdade do homem! Eis as epopéas finaes! Mas percorrei todas as outras poesias dessas paginas historicas ou parabolicas. Os hymnos de David confundem-vos diante da magestade do Eterno! A resignação e a paciencia transluzem nas elegias de Job! A confiança no verdadeiro Deus assoma no idyllio de Ruth! O amor da patria illustra a canção de Judith! O poder da virtude é consagrado na ode de Esther! A colera do Senhor troveja no drama dos setenta annos de Babilonia! O verdadeiro heroismo é immortalisado nos canticos dos Machabeus! A verdadeira fé, a esperaaça sem limites, e a caridade a toda a prova ungem a egloga de Tobias! Finalmente uma dôr santa repassa as endechas de Jeremias!

« Entrai pois essa terra; esse livro, essa mystificação sublime ali está diante de vós, e por toda a parto ouvis trovejar de continuo o omnipotente *Fiat* do primeiro instante da creação!

« A pouca distancia de Jaffa passámos pela cidade do Ramá, ou, para melhor dizer, pelas ruínas que

forão outr'ora essa cidade. Ha nesta cidade ou ruínas um convento de franciscanos. Uma antiga tradição diz que ali fôra a casa de Nicodemus. Um templo dedicado outr'ora ao Baptista é hoje uma mesquita. Existem ainda as ruínas de um templo dedicado aos quarenta Martyres, e se destas ruínas se pôde julgar da fabrica do templo, grande e sumptuoso deveria ter elle sido. Tres leguas distante de Ramá ha um castello que traz o nome de Castello de S. Dimas. Pouco adiante começa as montanhas da Judéa, que de ingremes tornão o caminho aspero e penoso até que se chegue á cidade santa. Ao cabo de duas leguas de montanhas encontra-se o castello de Jeremias: respeita-se este lugar como patria do propheta. Aqui, tanto em honra daquelle que chorára tão doce e tão amargamente sobre a desolação de Jerusalem, como para abrigar os peregrinos, tinham os franciscanos um convento; mas as continuas correrias dos Turcos e dos Arabes tornavão penosa e difficil a sua morada neste lugar. Dous annos antes de minha viagem, em 1711, o convento foi atacado, saqueado, e mortos barbaramente seis religiosos: de então para cá o desampararão. Adiante encontra-se o castello chamado Moclim. Este lugar é tido como patria dos Machabeus, e se acredita que ali jazem seus restos. Atravessado o valle de Terebinto, subimos até o cume de uma montanha, a cujos pés, a uma legua de distancia pouco mais ou menos se esplan a cidade de Jerusalem. Com lagrimas nos olhos nos prosternamos diante daquelle rainha decahida, cujo sceptro haviam esmigalhado as iniquidades de seus filhos! De joelhos pois diante daquelle cidade envolta no sudario de suas ruínas, como aquelle que depois de percorrer longes terras, voltado ao chão natal, se vai prostrar diante de um arruinado tumulo, cujas velhas paredes encerrão o pó da que fôra sua mãe, assim nós, diante do esqueleto de Jerusalem, exclamamos com S. Bernardo: « O' Santa Cidade, Deus te salve! »

« Jerusalem!!! era Jerusalem que estava debaixo de nossos olhos! Jerusalem, que havia sido tudo, e que agora era nada! Jerusalem, que gloriosa havia calcado os cedros do Libano, as purpuras de Tyro, os incensos de Sabá, o ouro de Ophir, e as pedras preciosas de Tharsis, agora muribunda repousava entre os androjos da miseria! Jerusalem! a magnifica virgem digna dos Cantos de David, Epitalamios de Salomão! estava agora coberta com o crepe da viuvez, tão carpido nas Nenias de Joremias!

A Princeza das nações, cujo solo ainda muito antes de suas glorias havia testemunhado a magestade do Senhor, quando no sacrificio de provança Deus no alto do Moria tentára a fé do piedoso Abraham; captiva arrastava agora as cadêas dos descendentes de Ismael! Jerusalem, que tinha visto combater por ella todo o valor asiatico e toda a gloria europeia! Jerusalem, que havia visto debaixo de seus muros cruzarem-se os alfanges de Saladino e as espadas de Guido de Luzinhã, era agora profanada pelo pé sacrilego do descrido Turco! Jerusalem, essa harpa cadente e pomposa, pulsada por tantos prophetas, que durante tantos seculos havia tão altiva psalmodiado em celestes hosannas as glorias do Eterno, agora muda, apenas vagos gemidos de alguns de seus filhos, ou o suspirar passageiro de fugitivas auras tirão de suas frouxas cordas algumas esquecidas notas, que languidas mal preludião duvidosas phrases dos Threnos Jeremiacos!

« Jerusalem! Jerusalem! Eis os sons lamentosos que se levantão de Sião, e perdem-se gemebundos nas solidões do Golgotha!

« Destas montanhas tambem avistavamos Ga-baon, onde estive a Arca, e para onde seguido de todo o Israel, foi Salomão offerecer mil hostias em holocausto sobre o altar de bronze que estava diante do Tabernaculo.

« Proseguindo a nossa viagem entrámos em Jerusalem. Nós eramos seis, sendo a mór parte religiosos franciscanos. Logo que entrámos a cidade dirigimos-nos ao convento de S. Salvador, onde pelo prelado e mais religiosos fomos recebidos com inostras de uma alegria santa. No seguinte dia teve lugar a cerimonia do nosso lava-pés, cerimonia que ali se pratica com todos os peregrinos: ella teve lugar doste modo. Disposto tudo e reunidos na igreja depois de vespéras, começou o prelado a lavar os pés aos peregrinos que haviam chegado. Durante isto os religiosos cantavão os psalmos do estylo. Lavados os pés, o prelado os ia beijando, seguindo seu exemplo os mais religiosos. No fim deu-se-nos a cada um uma vela acesa. Concluida esta edificante cerimonia teve lugar a procissão pelo claustro, cantando-se o *Te-Deum laudamus*. Findo tudo acompanhámos o prelado á sua cella, que ahi nos deu o sua benção, e exhortou-nos para que fizessemos devota e santamente a visita dos Santos Logares.

« Com effeito, sem perda de tempo começámos a nossa visita dos Logares Santos e celebres daquelles logares. Não distante do castello de David, e junto

da porta de Bethlem, está a piscina de Bethsabéa. Era ali que se banhára quando este rei a viu, e della se enamorou. Este tanque ainda existe

« Deste logar caminhámos para o palacio de Santa Helena, do qual ainda se vê alguma parte. Ahi nota-se uma admiravel cisterna por ella mandada fazer, e para a qual se desco por 46 degrãos. A piedosa mãe de Constantino adornou, como todos sabem, os Logares Santos de sumptuosos monumentos, entre elles são os mais celebres, pela belleza de seus jaspes; pelas suas columnas de porphyro, pelas suas madeiras de cedro, pelos labores, mosaicos e muitas riquezas, o templo do santo presepe em Bethlem e do Santo Sepulcro em Jerusalem. Do palacio de Santa Helena fomos á casa de Zebedeu, pai de S. Tiago e S. João o Evangelista: aqui ha uma pequena igreja pertencente a armenios: uma pia de pedra que ali existe está em grande veneração; porque se acredita que nella fôra baptisada a Santa Virgem. Não distante está o logar onde o Christo appareceu ás mulheres depois de sua resurreição. Partimos depois para o logar em que S. Tiago foi degolado. Ha tambem aqui um templo e convento de armenios; é o maior de Jerusalem, e é destinado a receber os peregrinos daquella nação. A porta do monte Sião não lhe fica longe.

« Junto á Porta Esterquilina existe a casa de Anás, onde Jesus foi interrogado sobre sua doutrina. Aqui tambem ha uma igreja de monges armenios: junto della ha uma antiquissima oliveira a cujo tronco é fama que Jesus estivera amarrado.

« Daqui dirigimos-nos á probatica-piscina, situada junto á Porta de S. Estevão contigua ao templo: as suas aguas vinhão do templo: nella se lavavão as rezes destinadas ao sacrificio. Não distante está a casa de Sant'Anna, onde se suppõe que nascêra a mais ditosa filha de Adão. Ha aqui um templo edificado por Santa Helena, mas profanado pelos Turcos, que apenas consentem que os religiosos celebrem missa no mesmo logar onde se crê que nascêra a Santa Virgem.

« Depois, trepando por uma calçada, buscámos a casa de Simão, o phariseu. Ali osteve o Salvador, e deixou uma pegada impressa em uma pedra. Foi aqui onde a Magdalena ungiu os pés ao Divino Mostre. Daqui seguimos para casa do Herodes, onde o Senhor foi interrogado sobre sua doutrina e seus discipulos. Foi tambem aqui onde, tido por louco, foi vestido de branco e reenviado a Pilatos.

« Descendo para a rua da Amargura, caminhámos para casa de Ponce Pilatos; tanto nesta como na

do Herodes os christãos não entrão; mas eu obtive essa permissão. Esta casa é occupada pelos governadores de Jerusalem. Ainda existe aqui um grande arco que atravessa a rua, e dizem que foi d'ali que Pilatos mostrára o Salvador ao povo depois da flagellação.

« Entrando-se na rua da Amargura, nota-se uma columna de marmore; nesse logar cahiu o Senhor a primeira vez. A poucos passos adiante ha um logar chamado o Pasma da Virgem. Uma igreja dedicada a Santa Maria do Pasma aqui existia, feita a expensas de Santa Helena, mas della só restão as ruinas. Adiante está a esquina de uma rua onde os Judeus chamárão a Simão de Cyrene para ajudar o Christo a levar sua cruz. Segue-se o logar onde foi, segundo dizem, a casa daquella mulher que alimpára o rosto do Salvador, quando por ella passava coberto de suor e de sangue, como refere uma antiga tradição. Dahi fomos ver a Porta Judiciaria. Este nome lhe vem de que era ali onde se confirmavão as sentenças dos condemnados á morte, as quaes na mesma porta ficavão affixadas. Aqui cahiu o Senhor segunda vez. Consta que esta porta é a mesma por onde Jesus-Christo sahiu da cidade para o Calvario.

« Mais acima uma columna denota o logar onde o Senhor fallou ás mulheres que choravão sobre elle. Já perto do Calvario outra columna assignala o logar da terceira queda.

« O templo do Santo Sepulcro é um edificio dos mais celebres do mundo, tanto pela sua grandeza e sumptuosidade, como pela sua fabrica e trabalho. Este grande edificio abrange o logar do Santo Sepulcro e o Monte Calvario.

« O templo do Santo Sepulcro é dividido em diversas capellas com diversas invocações.

« Antes de penetrar-se a capella do Santo Sepulcro, ha outra pequena, em cujo centro vê-se uma pedra que assignala o logar onde o anjo disse ás mulheres: *Surrexit, non est hic*, e por este motivo chama-se a capella do anjo. Entra-se para o Santo Sepulcro por uma pequena porta voltada para o nascente. O pavimento destas duas capellas é de marmore, e as paredes de bellissimo jaspe, seus labores são preciosos. Nestas duas capellas ardem incessantes sessenta e quatro pequenas alampadas offerecidas pelas nações christãs da Europa. Do sepulcro ao calvario ha setenta passos. A quarenta do distancia do sepulcro está a pedra da unção. Foi sobre esta pedra que se ungiu o corpo de Jesus-Christo depois de deposto da cruz por José da Ari-

mathéa e Nicodemus ; sobre esta pedra se vê outra de um mui fino marmore, e em torno da qual ardem oito alampadas.

« Ao subir para o Calvario está a capella de Adão ; esta capella fica debaixo do logar onde o Senhor expirou : seu nome vem de que se diz que ali fôra encontrada a cabeça do primeiro homem. Contigua á capella da Crucificação nota-se outra separada desta só pela muralha do templo, e a qual tem uma janella de grades de ferro ; é por esta janella que os religiosos do Santo Sepulcro communhão-se com os de fóra : esta capella, cujos lados são de quinze palmos, é quadrada, a sua invocação é capella de Nossa Senhora do Calvario ; porque ali, dizem, esteve a Santissima Virgem até que o Senhor expirára : ella distará do Calvario uns vinte cinco a trinta palmos.

« A capella da Crucificação é reputada um dos mais santos logares do venerando templo : esta capella está no logar onde os Judeus crucificarão ao Redemptor. Ha outra capella vizinha que é o logar onde foi arvorada a cruz. Vê-se ainda o buraco onde foi firmada. Entre este buraco e o logar em que foi levantada a cruz do máo ladrão ha uma fenda no monte que se abriu no momento da morte do Salvador. Do Calvario desce-se uma escada de 18 degrãos, e vai-se á capella da Pedra dos Improperios : foi sobre esta pedra que fizerão assentar-so o Christo, e o despojarão de seus vestidos para o crucificarem.

« Ha tambem uma capella chamada de Santa Helena : esta piedosa rainha ali se achava emquanto procuravão a cruz : daqui se desce para o logar onde a cruz foi descoberta : este logar profundo e subterraneo não tem mais que uma unica alampada : perto deste está o logar em que a cruz foi exaltada. Aqui se diz todos os dias a primeira missa. Visitados estes logares, subida uma escada de 29 degrãos, acha-se uma capella que marca o logar onde os vestidos do Senhor forão jogados pelos soldados. Encontra-se depois a capella de S. Longuinho. Dizem que foi para este logar que se retirára a chorar sua culpa depois de haver com a lança dividido o divino lado. A capella chamada o Carrere de Christo, que é o logar em que o encerrão emquanto dispunhão o patibulo, não tem mais que uma alampada.

« Emfim, a capella em que está o Sacramento, e onde se celebrão os officios divinos, é o logar em que Jesus-Christo resuscitado appareceu a Santa

Virgem. Esta apparição foi ao lado direito da capella, e ao esquerdo está depositada a columna da flagellação. Nesta mesma igreja mandou Santa Helena collocar a cruz, depois que foi achada no logar em que os Judeus, tresentos annos antes, a tinham enterrado.

« Depois que visitámos os Logares Santos de dentro da cidade, sahimos para visitar os de fóra. Deixando a cidade pela porta de Santo Estevão, antes da torrente Cedron está o logar onde este santo foi apedrejado. Não distante é o logar onde S. Paulo, antes de convertido, guardava as capas dos que apedrejavão o Santo Martyr. Passada a torrente dirigimo-nos ao sepulcro da Santa Virgem, onde ha uma igreja quasi toda debaixo da terra, para a qual se desce por uma escada de marmore de 48 degrãos. Ha ali uma capella dentro da qual, ao lado direito, estão os sepulcros de S. Joaquim e Santa Anna, ao esquerdo de S. José. No meio da igreja está o sepulcro da Santa Virgem, que é de uma só pedra, coberto de finissimo marmore de extrema brancura. E' aqui o valle de Josaphat, e neste valle está o horto de Gethsemani. Não longe delle ha um rochedo em que Pedro, Tiago e João ficarão em quanto o Senhor orava, e onde adormecêrão na sua ausencia : longe trinta passos está o logar em que o perfido Judas deu em seu Divino Mestre esse refalsado beijo, que tantos judas repetem constantemente no mundo : é aqui o logar onde Jesus foi preso. Caminhando para o monte Olivete vê-se uma pedra onde a Santa Virgem, vindo de visitar este monte, estava assentada, quando Gabriel lhe veio annunciar o seu transitio.

« Subindo para o monte Olivete acha-se o logar em que o Senhor derramou lagrimas sobre a futura ruina de Jerusalem. Foi por este lado, e em frente á Porta-Aurea, que Tito rendeu a cidade : por este mesmo lado os christãos a ganhãrão aos Turcos. Mais acima ha uma igreja debaixo da terra, onde se diz que os Apostolos compozerão o symbolo antes de se separarem. Além está outra onde o Salvador ensinou a oração dominical. Não longe uma columna denota o logar em que teve com os discipulos aquella pratica sobre as perseguições dos justos, o fim do mundo e o juizo final. Aqui está a casa de Santa Pelagia, onde ella viveu em habito de monge, fazendo a mais rigorosa penitencia. Junto desta casa, no mais alto do monte, está o logar donde Christo subiu ao céu.

« Descendo do monte, nos dirigimos á gruta de Jeremias ; perto della estão os sepulcros dos reis

de Jerusalem, em numero de vinte e nove, abertos em uma pedra.

« O que foi a casa de Caifás, não longe do Monte Sião, é hoje um convento de armenios. Na igreja, ao lado direito do altar-mór, ha uma cova chamada o Carcere de Christo : é o lugar onde o Salvador esteve preso a uma columna na ultima noite de sua vida neste mundo. O lugar em que foi a casa em que viveu a Santa Virgem, em companhia de S. João, depois da morte de seu Filho, não é distante deste lugar. Daqui seguimos o caminho do Monte Sião e Cenaculo, esse lugar de recordações tão sublimes e santas, quanto o Calvario de recordações lugubres e tremendas ! Daqui fomos ver a gruta em que S. Pedro chorou o seu peccado. Descendo uma ladeira, buscámos a fonte de Siloé, celebre pela cura do cego. Aqui ha um ameno valle onde vem ter as aguas do Cedron. Não longe, ao longo deste valle, está o poço de Nehemias, onde os sacerdotes, quando forão levados para Babylonia, escondêrão o fogo sagrado. Perto deste lugar vê-se uma cova onde os Judeus tornados idolatras queimárão seus filhos em honra do abominavel idolo Moloch. Dirigimo-nos depois ao Campo-Santo, ou Campo de Sangue, terreno comprado pelos sacerdotes com os trinta dinheiros por que Judas vendeu seu Mestre. O traidor, assombrado de seu crime, e no cumulo da desesperação, rejeitou este dinheiro, que foi empregado na compra deste campo para sepultura dos peregrinos. Subindo pelo valle, ao lado direito, está a cova onde S. Thiago-Menor escondeu-se na noite da paixão de seu Mestre. Mais acima, e do mesmo lado, vê-se o lugar onde enforcou-se o traidor Judas. O monte do Escandalo, onde Salomão erigia um templo ao demonio, é tambem aqui. Além um pouco está a sepultura de Zacarias, que os Judeus matárão no templo. Perto della está a gruta em que os oito Apostolos se escondêrão na noite da paixão. A distancia de quinze passos está a sepultura de Absalão, filho do David.

« Depois que visitámos todos os logares santos e celebres, tanto de Jerusalem, como de seus arredores, partimos para Nazareth. Se tomassemos a estrada de Samaria, a nossa viagem era de dezoito leguas; mas por causa das correrias dos Arabes, voltámos a Ramá, e daqui, pelos campos da Palestina, seguimos para Nazareth, fazendo assim uma viagem de trinta leguas. Neste caminho encontra-se a antiga Lydda, hoje Diospolis, celebre pelo concilio ahi celebrado no anno 415, contra os orros do Po-

lagio. Estes campos são planos, e ainda conservão um ou outro antigo castello dos Philisteus. Depois entrámos nos famosos campos de Esdrelon, onde teve Jacob a visão da escada. Estes campos estendem-se do monte Carmelo até o Jordão, cuja distancia dizem ser de vinte e cinco leguas, pouco mais ou menos. A cidade de Naim lhe fica no meio, hoje não passa de uma aldêa. No fim desta planicie subimos os montes de Galiléa, além dos quaes ha uma povoação chamada Joze, e dahi a meia legua se encontra Nazareth. O prelado do convento nos recebeu com alegria : mas não maravilhou-me pouco o dizer-me, quando soube o meu nome, que me esperava. Este bom prelado era Portuguez, e natural de Braga.

« Depois de haver saudado aos religiosos, era quasi noite, no momento em que me dirigia para o meu aposento, qual não seria o meu espanto quando um religioso, lançando-se ao meu pescoço, exclamou no meio de um transporte de alegria : « Chagas ! meu caro Chagas !!! » A voz revelava o personagem ; mas duvidoso e admirado volto-me, e reconheço Renato ! Renato, o meu querido Renato, vestido com o burel de Francisco de Assis, chorava em Nazareth os erros do impostor da Meca !

« Vós podereis bem ajuizar do meu pasmo, do meu transporte e do meu prazer neste momento. Abraçado com o pescoço de Renato, durante alguns minutos, nem uma só palavra ; só lagrimas e alguns suspiros !

« Renato tinha reconhecido a sua precipitação e injustiça ; e arrependido dos males que havia causado aos christãos por um injusto despeito e mal ponderada vingança, tinha de Argel se dirigido ao Oriente, e preferido o convento de Nazareth ao de Jerusalem, por ser o prelado daquelle Portuguez. Ahi tomando o burel do Seraphico, vivia uma vida penitente, apagando com ella as culpas de uma vida, durante algum tempo, tão mal empregada !

« Renato acompanhou-me na visita que fiz a todos os logares venerados tanto dentro como fóra de Nazareth : tendo percorrido estes logares, fui visitar o monte Thabor, que fica a tres leguas de Nazareth. Este monte é o mais alto da terra santa. De seu cumo se descobre o Carmelo, o Libano, a cidade de Bethulia, os campos de Dothain, o mar de Galiléa, margens do Jordão, os montes de Gelboé, etc. : mas os olhos desdenhão estas bellas vistas, absorvidos no cumo do monte, como que procurando ainda a resplandecente nuvem mysteriosa que lhe rouba a mais portentosa e sublime visão ;

ao mesmo tempo que avidos os ouvidos procurão no espaço uma voz que faz tremer o universo, e que diz : — Este é o meu filho muito amado !

« Depois da visita do Thabor voltámos outra vez a Nazareth : dahi sahimos para visitarmos o Jordão. A cinco leguas de Nazareth passámos para Bethzaida, patria dos Apostolos Pedro, André e Philippe.

« Andando mais duas leguas encontrámos o Jordão. Algumas horas depois partimos para a cidade de Tiberiades, que é hoje uma pobre aldêa : é ahi o mar ou antes lago de Galiléa ou de Tiberiades, logar tão cheio de recordações da vida de Jesus Christo.

« A cidade de Capharnaum está na parte superior do lago. Uma legua além de Teberíades fica Bethulia, que Judith fez tão celebre pela morte de Holophernes.

« Finalmente, depois da visita de quasi todos os logares celebres ou santificados, tanto no antigo como no novo testamento, tendo não sem lagrimas me despedido de Renato, voltei a Jerusalem, e dahi a Jaffa, onde, logo que tive embarcação, transportei-me a Europa, e dahi ao Rio de Janeiro, onde me achei tres annos depois de minha partida para a terra santa, isto é, em 1716. »



CAPITULO VI.

OH PROVIDENCIA !

O relampago que passa no céo, o trovão que abala a terra, enchem de respeito, porém não de medo, o sabio : mas um gallo secco, que com ligeiro fragor quebra-se inesperado junto do criminoso, cala-lhe o susto até a medula dos ossos.

Os nossos viandantes, tendo ouvido com summa satisfação a historia do Rev. Chagas, chegarão ao Rio de Janeiro, tendo feito felizmente a sua pequena viagem.

O casamento de Archanjo com Rosa Branca estava contratado ; não obstante, era mister dispor para elle a Renato, cujo desejo era ver seu filho ordenado.

Em casa de Baptista tudo continuou do mesmo modo, só com a differença de que, alta noite, em logar de abrir-se uma janella e uma porta, só se abria uma janella.

Tres dias depois da partida de Rosa Branca Baptista sahiu, e dirigiu-se á fazenda de Campos-Novos. Ao cahir da tarde, Narcisa estava em sua pequena horta, curando de suas flôres, quando sua attenção foi attrahida pelo som de mansos passos que se approximavão : volta a cabeça, e depára com uma figura verdadeiramente medonha ! Era um homem cujos cabellos brancos emmaranhados, e cahidos por sobre o rosto, vedavão suas feições, dando-lhe ao mesmo tempo um aspecto repugnante e hediondo ! Uma especie de capote roto e sujo envolvia completamente a esta estranha figura, cuja barba sordida, empoada, crescida até sobre o peito, e confundida com os cabellos, dava a este ente extraordinario e formidavel um ar selvagem, assustador e tambem mysterioso ! Este insolito

personagem, descalço e com maneiras emphaticas, caminhou até Narcisa, que ao vê-lo soltou um grito de pavor, e fugiu. O estranho segue-a, e acantôa-a n'um dos angulos da horta. Ahí a moça, repassada de susto e tremula, arrima-se ao tronco de um cajueiro, tapando o rosto com as mãos para não ver o hediondo espectro que diante de seus olhos, em pé, se conservava immovel como uma estatua. Narcisa, gelada de medo, nem animo tinha para gritar e pedir soccorro. O desconhecido, com uma voz que de rouca que era, cavernosa e medonha não parecia voz humana, disse :

— Foges?... mas para onde fugirás á Providencia? Para onde, que a Providencia te não siga? Para onde queres fugir, desgraçada filha de uma raça criminosa?... Tremes diante da Providencia? E' que não podes supportar o peso dos crimes dos teus maiores, e dos teus proprios crimes ! Filha criminosa de uma raça malvada, o crime se perpetua em todos os teus, e se propaga, como em uma cidade o flagello, transformado em peste, por toda a parte se propaga ! Desgraçada de ti.... A Providencia....

— Deixe-me.... deixe-me.... Ah !...

Narcisa, dizendo isto, quiz gritar : mas o terrivel incognito, travando-lhe de um frio braço com uma mão de fogo, continuou :

— Ai de ti se gritas, porque então teus crimes serão patentes áquelles que ainda os ignorão....

— Meu Deus! meu Deus!...
— Tu não acreditas em Deus.... mulher.... não blasphemes....

— Quem me livra deste supplicio do inferno!...
— Não.... isto é apenas um preludio dos supplicios do inferno, do inferno que te espera.... Mulher, escuta-me....

— Quem me soccorre.... Meu Deus!...
— Não profanes o santo nome de Deus.... Ninguém, ninguém te soccorre, porque Deus, no qual tu não crês, te abandonou a teus crimes e aos crimes de uma raça criminosa. Tu has de pois ouvir-me, e ouvir-me por força.

— Pois bem.... seja assim. O que me quer?
— Raça perversa dos Arandas....
— Mas aqui ninguém tem tal nome, senhor....
Deixe-me pois ir embora.... deixe-me....

— Já te disse que has de ouvir-me.... Narcisa, has de ouvir-me....

— Meu nome!.... sabe o meu nome!....
— Antes nunca o soubera! Antes não fôras nascida.... nem tu, nem os teus maiores.... Oh Providencia!

— Meu Deus! eu morro....
— Oxalá que assim fosse, e neste mesmo momento....

— Que homem!.... que homem é este que aqui vem?

— Vim mandado.
— Por quem, senhor?
— Pela Providencia!
— Oh! como isto é horrivel!
— Escuta, Narcisa....
— Pois bem; falle.... falle depressa.
— Sim, depressa. Escuta.

Então o desconhecido contou ligeiramente a Narcisa a historia dos Arandas, do mesmo modo que ouvimos um desconhecido conta-la a Filipe em a noite do casamento de Baptista. Tendo finalisado esta funesta historia, continuou:

— Desgraçada descendente dos Arandas, o crime se transmite em tua geração!

— Senhor, está enganado.... esse nome é estranho nesta casa....

— Prouvera a Deus que fosse estranho até no mundo!.... Oxalá que os Arandas nunca tivessem nascido!....

— Eu o juro, senhor.... aqui não ha quem tenha um tal nome....

— Desgraçada.... tu és filha de Affonso Aranda....

— Não.... não sou.... pelo céu! ...

— Não profanes o céu com um juramento sacrilego!... Filha de Aranda, não perjures.... Quem sabe.... A Providencia pôde tudo!... Talvez que seja ainda tempo.... Arrepiacaminho.... retrocede dessa marcha criminosa que tão infamemente tens encetado!...

— Meu Deus! meu Deus!....

— E' talvez Deus que por meus labios te falla pela ultima vez....

— Mas emfim, senhor, que lhe falta dizer? Acabe....

— Sim.... eu acabo. Teu bisavô adquiriu fortunas immensas pelos mais iníquos e criminosos meios: teu avô foi um pouco peor que teu bisavô; e teu pai teve todos os vícios que um homem pôde ter, e commetteu todos os crimes que um homem pôde commetter! Infame, dissoluto e devasso, não recuou jámais diante de qualquer meio, por muito funesto que fosse, para adquirir mais riquezas, e chegar a seus fins! Máo homem, era perverso para com todos! máo amigo, de ninguém foi amigo no mundo! máo amante, assassinou a sua amante, aquella que tudo lhe havia dado, e que por elle daria a propria vida, se necessario fosse. Punido por Deus, no meio de seus attentados, começou de insultar a Providencia! Longe de emendar-se, mudou de terra, sem mudar de costumes! incapaz de uma idéa nobre, porque era um libertino, um impio, um sacrilego e um ladrão, casou-se porque precisava de uma mulher, ou de uma escrava! Sem jámais comprehender ou apreciar as virtudes de uma mulher, que o céu ainda compadecido lhe havia dado, nem quiz que esta mulher desse a sua filha uma educação religiosa! Máo pai, elle aguçou na alma de sua filha a ambição e o orgulho, que a despenhárão no caminho do vicio, e a arrastarão para sua derradeira ruina! Acreditando que as riquezas erão os unicos bens da terra, deixou que se approximasse de sua filha um libertino, um dissoluto, um malvado, um atheu emfim, e que sua filha ouvisse as lições deste homem funesto! E o miseravel, em vez de reconhecer em todos os seus males, males bem merecidos, uma punição celeste, negava a existencia de Deus ou a sua Providencia! Mas Deus, cuja misericordia não se esquece dos bons, cuja justiça não deixa os máos impunes, marcou sua fronte com o sello dos reprovados, como marcára a fronte de Caim! Marcou a sua fronte, para que o mundo visse nelle o maldito de Deus, o detes-

tado dos anjos, e o opprobrio dos homens ! e a dextra do Deus pesa sobre a sua cabeça criminosa, como o Olympo pesava sobre as espaldas de Atlanto ! Nescio, elle acreditava que a terra havia occultado um de seus crimes ! Nescio, que acreditava que o crime podia estar sempre encoberto.... a virtude sim, mas o crime não ! E quando menos o esperava, um fantasma, medonho como o dia do passamento, vingativo como o demonio, e justo como Deus, apresenta-se ante seus olhos ; e com uma voz mais temerosa que a da trombeta do anjo do derradeiro dia, lança-lhe á cara todos, todos os seus crimes, e todos os crimes de seus maiores ! Era Deus, que elle havia tão estupidamente negado ! Era Deus, que sobre a sua cabeça trovejava pela boca da Providencia ! Oh ! como era terrivel ! Desgraçada.... desgraçada.... os teus crimes e os crimes dos teus negreão sobre ti ! e a dextra do Senhor pesa sobre a tua cabeça com toda a enormidade de seus castigos !

— Meu Deus ! meu Deus ! quem me livrará deste homem ? !

— A Providencia, e mais ninguem, sem que eu te diga tudo.... Vês este cafetal ? pois por elle passa o crime todas as noites ! Vês esta janella ? pois por ali salta todas as noites o crime.... salta, e introduz-se em tua casa....

— Ah !

— E o crime ali triumphou....

— Misericordia !

— Dentro do teu lar.... na casa do teu esposo....

— Quem é este homem ? quem é ?

— Ingrata.... o melhor de todos os homens ti-

rou-te da miseria, constituiu-te sua mulher, fez-te senhora de sua casa, encheu-te de beneficios, opprimiu-te de riquezas, deu-te o seu nome, cercou-te de respeito, e protegeu-te com a sagrada égide de seu santo amor ! E em premio de tanto bem, como lhe tens correspondido ? Com o crime disfarçado de baixo da mascara do mais escandaloso fingimento ! Má esposa, passaste a ser adúltera ! Impia mãe, trachaste a ruina de tua enteada, que devêras amar como filha ! Execravel mulher, acabarás por ser envenenadora ! Mas a Providencia ! Quo mais te falta, filha de Aranda ? !

— O senhor está-me calumniando....

— Nunca !

— Não está dizendo verdade....

— Estou.

— Eu amo meu marido....

— Mentira.

— Onde sabe a historia dos meus maiores ?

— Delles mesmos.... Oh Providencia....

— Impossivel.

— Seja.

— Onde sabe a minha historia ?

— De ti mesma....

— O senhor é um impostor....

— Nunca !

— Então quem é ? donde vem ? o que me quer ?

— Sou um demonio ! venho dos infernos ! quero levar-te....

— Ai ! !

Narcisa cahiu sem sentidos. O fantasma desapareceu.



CAPITULO VII.

NÃO.... EU ESTAVA ACORDADA.... EU VI.... EU OUVI!...

Aquelle que nunca se arrependeu por não haver praticado o mal, póde ter o orgulho da innocencia; mas o que se arrepende sinceramente do mal, póde ter o merito do juizo entre a innocencia e o crime! Este merito tem alguma cousa de amavel!

Quando Narcisa deu signaes de si achou-se nos braços de seu marido, que, procurando-a em casa, mas debalde, foi á horta, onde, achando-a sem sentidos, tomou-a nos braços, levantando-a de cima de um canteiro de madre-silvas. Por diligencias de Baptista a moça voltou a si; e vendo um vulto cujas feições não bem podia distinguir, já pela hora e já pela turvação de sua vista, empurra-o para longe de si, exclamando com desanimo:

— Pelo amor de Deus! deixe-me....

— Narcisa.... que tendes?

Isto perguntou Baptista; e Narcisa, conhecendo a voz de seu marido, fita nelle uns olhos espantados, dizendo:

— Sois vós?! Ah! vieste tão tarde....

— Porque! o que aconteceu?

A moça, sem responder a seu marido, assustada olhava em torno de si balbuciando:

— Vós não vistes?

— O que? o que?!

— O que!

— Bem vêdes.... aqui não ha cousa alguma....

— Não?!

— Então o que viste, Narcisa?

★

— Oh! como era medonho! era terrivel!

— Mas o que?

— O demonio.... o demonio!

— Ah! sem duvida te deitaste aqui á sombra deste cajueiro, adormeceste, e sonhaste....

— Não... eu estava acordada...eu vi...eu ouvi...

— Mas o que viste e ouviste?

— O demonio.... elle fallou-me.

— Mas como era elle? perguntou Baptista rindo-se.

— Não sei.... mas era medonho! era terrivel!

— Dormiste e sonhaste....

— Não importa.... Vamo-nos daqui.... Este lugar é maldito.... Vamo-nos daqui.... vamos.

Narcisa, sempre receiosa, sempre olhando em redor, sahio da horta seguida por seu marido, e entrou em casa:ahi assentou-se n'uma cadeira, e pensando, comprehendeu que sua posição era melindrosa e arriscada, e que lhe era preciso tomar uma resolução, fosse qual fosse. Seu marido, assentado junto della, depois de algum silencio disse:

— Então, Narcisa, estás mais socegada?

— Sim, estou.

— Então que viste tu ?

— Agora me recordo de que deitei-me ali de baixo do cajueiro ; mas me parecia que não tinha dormido....

— Sim.... não dormiste um sono profundo, mas estavas em modorra, e sonhaste.

— Póde ser....

— E' o que foi : e que viste então em sonhos ?

— Um vulto feio e medonho !...

— E que te disse ? O que queria elle ?

— Não sei bem....

— Oh ! então de que te aterraste ?!

— Dessa figura tão feia.... tão medonha !

— Pois não te lembres mais disso.

— Farei por esquecê-lo.

— Pois é o que deves fazer, e tranquillisa-te.

A noticia deste acontecimento soou logo em toda a casa, tomando um enorme vulto, como o leitor pensará : pouco depois os escravos dizião uns que o demonio havia apparecido á senhora, outros que fôra uma alma do outro mundo.

Pelas 10 horas da noite a familia estava recolhida, e a casa em socego. Um vultó, escoando-se mansa e furtivamente por entre o cafésal, surgiu junto á casa de Baptista ; ahi, encostado a uma janella, fez ouvir um signal ; passados alguns segundos o signal foi repetido ; depois ainda uma terceira vez ; mas ninguem respondeu ; a janella não foi aberta, nem uma pessoa appareceu : o silencio era profundo, e o socego completo. O vulto fez ainda ouvir o seu signal, repetiu-o, e repetiu-o mais vezes ; mas tudo debalde ! Pela madrugada o vulto retirou-se.

Durante o correr do dia, por todos os contornos se fallava no espirito que apparecêra a Narcisa. Uns dizião que era a alma da mãe, outros que a do pai, que, segundo elles, expirára naquelle momento ! Outros que fôra o demonio mesmo em pessoa com o qual a moça fallára ; alguns chegavão até a descrever o tal demonio ! O diabo entre o vulgo é umentemiliforme ; o que, não obstante, concordão todos em que é muito feio e muito negro !... Todavia o narrador diz, de passagem, que tom visto muitos, e bem máos diabos, muito bonitos, muito claros, de olhos azues, cabellos louros, o que por consequente parecem mesmo da pura raça circassiana ! E pois dizião uns que Narcisa tinha fallado com um grande gato preto, muito feio, com olhos o cauda de fogo ! outros, que ora um grande bode preto, muito feio, de longas barbas ! outros, que era um boi preto, muito feio, do grandes pontas ! Notai : sempre grande, sempre negro e sempre

feio ! Com effeito sempre o diabo tem bem máo gosto nas fórmas que toma ! mas antes tome essas que as de uma moça bonita, que tente a um pobre peccador, porque nesse caso ninguem lhe faria cruces !

Como fosse, esta noticia tomou vulto, e assim avultada correu por toda a parte.

Na tarde do mesmo dia Pedro recebeu a seguinte carta, da qual, sem direcção nem assignatura, os meus leitores reconhecerão, não obstante, o seu autor, assim como Pedro reconheceu :

« Meu amigo.—A má educação que me deu meu
« pai, os vossos conselhos e insinuações, lançarão
« me na estrada dos crimes, e arrastrarão-me á
« minha ruina ! Deus, por meio de uma appare-
« ção extraordinaria, acaba de abrir-me os olhos,
« e eu devo repartir comvosco as suas misericor-
« dias.... misericordias de que eu não era digna ;
« mas Deus é sempre tão bom !...

« Meu amigo, ainda é tempo ; arrepiemos car-
« reira.... Deus abriu-me os olhos, e como Deus
« abriu-me os olhos, quero e desejo abrir também
« os vossos.

« Sahiamos da estrada do vicio ; a da virtude
« está aberta, ella nos espera ! Se já não podemos
« viver innocentes, podemos viver arrependidos !
« Deus nos convida ! sahiamos do caminho do pec-
« cado, e entremos no caminho da graça !

« Assás temos sido criminosos ! A nossa vida
« está manchada por todos os vicios e por alguns
« crimes ; porque não ha vicios que não tenhamos
« tido.... aos mais horrorosos crimes nos temos
« abalançado.... felizmente s m fructo ! Não im-
« porta : para quem quer, e se deseja arrepender,
« todo o tempo é propicio ! Não ha vicios, por me-
« donhos que sejam ; não ha crimes, embora muito
« horrorosos, que perante Deus não apaguem as
« lagrimas de um verdadeiro arrependimento ! A
« misericordia divina é infinita ! Arrependamos-
« nos, meu amigo ! arrependamos-nos com toda
« a sinceridade de uma verdadeira dôr !

« Oh ! se visseis como eu vi !... Ainda se me
« arripião as carnes ao lembrar-me ! Ainda
« sinto no peito gelar-se-me o coração ! Era de
« tarde ; eu não dormia, não, porque passeava
« em minha horta.... uma figura medonha como
« deve ser o dia do juizo final ! severa como devem
« ser os juizos de Deus ! implacavel como devem
« ser suas sentenças ! parou diante de mim ! Oh !
« como era terrivel ! Com uma voz medonha,
« como deve ser a voz de um demonio ! com

« uma voz sepulcral, como deve ser a voz dos
« mortos ! conta-me a historia de meus maio-
« res desde meu bisavô até meu pai, e lança-me
« em rosto todos os meus crimes ! Ah ! como é
« horrorosa a historia dos meus antepassados !
« Ah ! como é terrível ouvir da boca de outrem a
« historia dos nossos crimes, quando julgamos que
« ninguem os sabe ! E finalmente medonho como
« a morte ; terrível como o anjo exterminador ; e
« solenne como uma sentença de Deus, me diz que
« é um demonio que vem dos infernos, e que
« quer levar-me... Oh ! ainda tremo ! ainda me
« parece ver este fantasma tremendo ! ainda
« me parece ouvir sua funesta voz dos tumulos
« ou dos infernos... Ai !...

« Não morri.... sim, não morri ; porque Deus
« quer minha vida para o meu arrependimento !
« Eu vos supplico pois por tudo quanto pu-
« der tocar-vos o coração, que me esqueçais, e es-
« queçais para sempre !

« Eu me esquecerei de vós pelo lado deste amor
« funesto, indigno e criminoso ; mas me não es-
« quecerei para fazer-vos quanto bem vos puder
« fazer ! Sim, farei por vós tudo, tudo quanto
« couber nas minhas deveis forças ; mas não vos
« lembreis mais dos nossos passados erros ! Res-
« peitai uma desgraçada em seu arrependimento,
« e deixai que no fundo de sua casa, no seio de
« sua familia, chore lagrimas de sangue sobre seus
« erros e seus crimes !

« Já não é pequeno o meu supplicio !... trazer
« sempre a cabeça inchada de uma recordação in-
« fernal ; sempre o coração despedaçado por des-
« sesperados remorsos, e a alma atormentada pelo
« passado, pelo presente e pelo futuro ! choran-
« do sempre sobre os crimes dos meus maiores e
« meus proprios ; constrangida sempre a trazer o
« rosto tranquillo, a alegria nos olhos e o sorriso
« nos labios ! obrigada sempre a occultar minhas la-
« grimas, a esconder minhas dores, e a dissimular
« meu arrependimento.... oh ! como tudo isto é
« cruel ! O maior de todos os supplicios de uma
« alma que soffre é ver-se constrangida a mandar
« aos labios fingidos sorrisos, quando só quereria
« mandar aos olhos lagrimas mais sinceras !

« E bem vêdes que fostes vós quem me despe-
« nhou neste estado de abatimento, de degrada-
« ção e de crimes.... mas não importa ; praticastes
« o mal, praticai agora o bem !... Respeitai minha
« dôr, compadecei-vos de minhas lagrimas, o
« amai o meu arrependimento.—Adeus ! ! ! »

Pedro, ao receber esta carta, conheceu donde
vinha pelo portador ; este, apenas a entregou, quiz
retirar-se ; mas Pedro, detendo-o, disse-lhe :

— Esperai.

— Não tem resposta, responde o portador.

— Não importa : esperai.

O mancebo leu duas vezes a carta recebida ; de-
pois tomou papel, escreveu uma pequena carta que
enviou á moça pelo mesmo portador, que diligen-
temente a levou ao seu destino. Narcisa leu o que
se segue :

« Senhora. — Nada comprehendo do que me
« mandastes dizer : não obstante, seja como que-
« reis, pois sois livre ; mas não me deveis recusar
« um pequeno e derradeiro favor, e vem a ser
« ainda uma entrevista hoje : será a ultima, se
« assim o quizerdes, mas esta nos é absolutamen-
« te precisa ; se me a não quizerdes conceder, res-
« pondei-me isso mesmo ; no caso contrario, não
« é preciso resposta ; o vosso silencio será o signal
« do consentimento.—Adeus. »

Narcisa não respondeu a este bilhete.

Era quasi noite quando um escravo de Renato
procurou Baptista, ao qual entregou uma carta da
parte de seu senhor.

Eis o que a carta dizia :

« Amigo Baptista. — V. C., 20 de maio de
« 1742.—Acho-me doente, e creio que grave ; em
« consequencia, preciso muito fallar-vos. Rogo-
« vos que logo que recebais esta venhais á minha
« casa, porque o negocio é serio e urgente. Vosso
« amigo — Renato. »

Baptista mostrou a carta a sua mulher, mandou
sellar o cavallo, e partiu para casa de Renato, que
não era muito longe da sua, e dahi não voltou se-
não ao romper do dia.

A's onze horas da noite, pouco mais ou menos,
o vulto que costumava a introduzir-se pelo cafesal
contiguo á casa de Baptista assomou junto a uma
janella : a um signal esta abriu-se ; o vulto saltou
por ella, e cahiu dentro da casa de Baptista. Narcis-
a ahi o esperava. O vulto era Pedro. Os dous, Pe-
dro e Narcisa, por alguns instantes parados diante
um do outro, não tiveram palavras ou forças para
romper o silencio. A moça enxugava no entanto
algumas lagrimas que de seus olhos se escoavão !
Ella estava encantadora, e ao mesmo tempo subli-
me ! Seus cabellos, ligeiramente atados, deixavão,
não obstante, alguns de seus canudos e soltos fios
fluctuar sobre seu pescoço e suas costas. Vestida
com decencia, mas sem luxo, dir-se-hia comtudo

que ia apparecer diante de alguma pessoa a quem devesse respeito, e com quem devia manter alguma etiqueta. Seus vestidos cobrião seu corpo com tanta severidade, que, exceptuando a cabeça e as mãos, tudo o mais estava completamente coberto. Seus bellos olhos, esses olhos soberbos e magnificos, um tanto quebrados e amortecidos; suas feições, essas feições tão magicas, que de magicas que erão enfeitavam corações, um tanto abatidas e desbotadas, revelavão os soffrimentos daquella alma sensivel, e desgarrada por uma má educação, e por suggestões lisongeiras e perigosas! Em pé, com os braços cruzados sobre o peito, ella viu entrar Pedro sem a menor commoção: ao menos em seus olhos se não lia prazer nem dôr! porque estes olhos, outr'ora tão altivos, e hoje tão humilhados, fitos no chão, parecião ahi contemplar um ponto em que sua alma, já tão orgulhosa, e ora tão abatida, parecia ler a criminosa historia de sangue de seus maiores, e a criminosa historia de infamias della mesma! Era pois um eximio modelo de uma peccadora arrependida para um cinzel sublime, cuja obra seria talvez capaz de vencer a Magdalena arrependida, magnifico milagre de Canova!

Pedro, que, como vencedor, havia saltado a janel-la e entrado, era elle mesmo que agora, dominado por este mysterio de dôr e de arrependimento, estava como subjugado diante desta imagem sublime de um virtuoso soffrimento! O mancebo esteve alguns instantes calado contemplando esta mulher, que elle havia perdido, e a qual se queria agora salvar! Emfim, bem que com algum custo, e não sabendo até por onde começar, Pedro rompeu o silencio.

— Em que pensais, Narcisa?

— No que sou.... e no que devoria ser.... respondeu a moça com voz incerta e lastimosa.

— E o que sois, e quo deverieis ser?

— Deveria ser uma mulher justa e virtuosa, uma esposa amante e honrada, o uma mãe terna e respeitavel.... eis o que devoria eu ser! e no entanto sou uma mulher iniqua e criminosa; uma esposa desleal o infame, o uma mãe desamorosa e desprezivel.... Eis o que sou! Podia pois ser tudo quanto uma mulher pôde ser de grande, do nobre e do santa! o não sou mais do quo o quo uma mulher pôde ser de pequena, desprezivel o má!

— Não vos comprehendo....

— Então, meu amigo, é quo sois do mui difficil comprehensão!

— Não, não vos comprehendo! ... Pois vós não amais vossa filha?!

— A mulher casada que ama seus filhos jámais põe olhos amorosos em um homem que não seja seu marido, o pai de seus filhos.

— Mas, Narcisa, uma mudança tão repentina....

— Tardei, bem o vejo.... mas ainda assim o tempo, qualquer que seja, é sempre propicio para o arrependimento e para emenda!

— Será possivel que vós, tão altiva, de um espirito tão forte, vos deixeis vencer por prejuizos ridiculos e grosseiros?

— Meu amigo, a Deus nada é impossivel. Tenho ouvido ao padre Chagas fallar não poucas vezes da bondade e misericordia de Deus.... Que vos admira pois? Magdalena converte-se e chora suas culpas aos pés do Salvador; Dimas o reconhece sobre a cruz, e roga-lhe que se lembre d'elle; Paulo torna-se defensor da fé, e seu apostolo, de perseguidor que antes havia sido.... Não poderia pois descer tambem sobre mim um raio da divina graça?!

— Oh! oh! e esse raio não vos queimou?

— Sim, queimou-me.... e queimou-me tanto, que fez-me insensivel aos vossos motejos....

— Ora fallemos serio.... isso não passa de graça?...

— Pois fallemos serio. Sr. Pedro, quando eu era menina acreditava que existia um Deus, e o acreditava de todo o meu coração; porque se meu pai algumas vezes o negava, ou a sua providencia, só o fazia nos momentos de sua desesperação! Elle nunca me havia ensinado systematica e methodicamente que tudo quanto existe era obra da natureza; quo nossa alma morria com o nosso corpo, e que a esta vida seguia-se o nada do supulcro! Eu não sabia que o infinito era este espaço immenso que nos cerca, e que a eternidade era o eterno nada da sepultura! Criança, era bem desculpavel em mim o desvanecimento de minha formosura! criança, e me julgando formosa, era bem desculpavel em mim a minha ambição de riquezas! Uma sábia e bom dirigida educação me teria enrado destes defeitos: apesar porém delles, Sr. Pedro, eu acreditava no que hojo outra vez acredito; isto é, na immortalidade de minha alma, na existencia de um Deus julgador, que premia os bons e castiga os máos! acreditava, e esta crença, longe de ser um fardo para minha alma, era uma doce consolação o uma feliz esperança: assim minha mãe m'o havia ensinado, e como m'o havia ensinado, de Deus e

só de Deus eu esperava tudo ! e apesar da minha ambição, era feliz nas minhas crenças, porque tinha esperanças ! Deus é sempre justo : elle quiz castigar-me por haver eu admittido em minha alma uma doutrina perniciosa e funesta ! Deus pois me castigou por meio de minha ambição : fez-me rica, e bem depressa a sociedade das riquezas e dos prazeres trouxe-me o enojo ! Lançada no caminho da desordem e do crime, não vi senão minhas riquezas, não ouvi senão meus caprichos, não seguí senão meus prazeres ! Quando porém acreditava que só eu, que só meu complice sabíamos dos meus desmanchos e indignidades, eis que, como por um encanto, assoma ante meus olhos um fantasma, um demonio, um.... que sei eu ? ! um bom ou máo genio emfim, um ente incompreensivel como Deus ! indecifrável como a vida e a morte ! e mysterioso como o tumulto ! e feio como a nuvem da borrasca, treveja sobre mim como a voz da tempestade ! A esta voz terrível, medonha, e profunda como a voz do raio, despedaça-se a meus olhos o véo do passado, e um quadro de sangue sobre um fundo negro debuxa-se diante de minha alma ! era a historia dos meus antepassados, desde o meu bisavô até meu pai ! e nessa historia de infâmias, de vícios e de crimes, eu sou forçada a ver sempre, e em tudo e por tudo, o dedo da Providencia ! Este fantasma, este ser mysterioso, narra-me depois a minha historia desde o berço até hoje ! Elle lança-me em rosto os meus crimes, mostra-me a mancha da ingratição que negreja sobre a minha fronte, annuncia-me a maldição celeste, e desaparece, deixando-me anniquilada debaixo do peso de meus crimes e desta maldição funesta ! Volto depois a mim ; minha alma carecia de consolação, meu coração de esperanças, e ambos de soccorro.... mas ah ! busca-los onde ? A verdadeira consolação existe na religião, e eu a tinha esquecido ! a verdadeira esperança só vem de Deus, e eu o havia expellido do meu coração ! E se minha alma se lastimava sem consolação, se meu coração gemia sem esperanças, de quem me soccorreria que pudesse sustentar-me a vida ? Oh ! a vida pareceu-me então odiosa ! Odiosa, porque minha alma não tinha com que torna-la soffrivel, nem meu coração com que amenisa-la ; porque o universo era arido a meus olhos, e o céo mudo para minha alma ! Ah ! meu amigo, vós não podeis comprehender os martyrios de um coração sem esperanças ! Um coração sem esperanças é mais triste que o naufrago que luta

com a morte entre as ondas, vendo tão longe a terra da salvação ! é mais medonho que os campos chamuscados por continuas seccas ! é mais desolado que uma casa de familia sem pão e sem meios de o haver ! E porque não havia para mim nem consolação nem esperanças ? Porque sobre a minha cabeça eu não via mais que a infinidade do espaço, negação de toda a esperança ! e debaixo de meus pés a eternidade do tumulto, negação de todo o consolo ! Sem Deus e sem esperança, sem religião e sem consolo, afflicta e desolada, quero acabar com uma vida cujo peso me era por demais insupportavel ! quero... mas um raio da divina graça desce sobre o meu coração.... precipitada vôo ao oratorio, tomo um crucifixo ; e cahindo de joelhos, com elle abraçada, o banho com minhas lagrimas, e choro sobre elle os crimes dos meus maiores, minhas desordens e meus crimes !.... Arrependida, chorando sobre minhas culpas, eu sentia meu coração palpar mais desassombrado, e minha alma dilatar-se ! e á proporção que meus beijos voavam sobre os pés do Crucificado, e minhas lagrimas sobre suas feridas, eu sentia a esperança penetrar o meu coração, e o consolo a minha alma !.... Oh ! como seria feliz se fôra este o derradeiro instante de minha vida ! Pedro, meu amigo, aproveitai o meu exemplo. . . voltemos ao seio da religião, entreguemos-nos a Deus, que só nelle se encontra a verdadeira felicidade que póde haver sobre a terra !

Pedro, depois de um breve silencio, não dissimulando a dôr ou o tedio que lhe havia causado este discurso, solememente pronunciado, com um aspecto carrancudo disse :

— E vós me suppondes tão nescio, ou me julgais tão credulo, que acredite nessa appareição, ou possa ser mystificado por vossas palavras ?

— Se eu obrasse por vossa causa, respondeu Narcisa, pezar-me-hia de que me não acreditasseis ; se eu obrasse por causa do mundo, sentir-me-hia de que o mundo me não julgasse sincera : como porém obro por causa de Deus e de mim propria, que me importa que me acrediteis ou não ? Tudo isso é-me indifferente.

— E porque não sois mais franca ? Sois livre, Narcisa ; vós sois livre.... nenhuma obrigação, nenhum compromisso a mim vos liga Podeis escolher novo amante. Para que tantos rodeios ? Dizei antes que, dotada de um genio vario, de um animo mudavel, e de um coração inconstante, aborrecida do meu amor e de minha ternura, quereis ensaiar novo amor, e experimentar novas caricias. Dizei

antes que, cansada de um amante obscuro e pobre, quereis agora um amante que seja illustre e rico! Dizei antes que a vossa posição actual....

Pedro não pôde continuar, porque, suffocado pela dôr ou pela colera, cahiu assentando-se n'uma cadeira que estava junto a uma mesa, sobre a qual deixou calir a cabeça e os braços em signal de desesperação.

— Tendes razão de insultar-me.... a minha fraqueza vos dá esse direito.... mas se a minha quéda vos deu o direito de insultar-me, a minha desgraça devia tornar-vos mais caridoso.... Não importa, meu amigo.... aceito os vossos insultos tambem como uma expiação.

— Esta casa é frequentada por bellos e ricos mancebos, disse Pedro levantando a cabeça desanimadamente, e com um modo e tom deleixado: Benedicto, Archanjo, D. Geraldo de Pina, em qualquer delles a sorte vos depara com um amante mais bello, mais illustre e mais rico que eu!...

— Como vos enganais, Pedro! como vos enganais! D. Geraldo de Pina retira-se do Rio de Janeiro logo que Rosa Branca se case....

— Casa-se a Sra Rosa Branca?!

— Sim, com Archanjo. A respeito destes dous suspendei os vossos juizos temerarios ou aventureiros. Benedicto firmou a sua residencia no Rio de Janeiro, onde advoga: além disto elle é filho de meu marido....

— E o que tem isso?

— Tem muito, senhor.... Se para comvosco eu fui assás leviana, jámais o serei para com um mancebo o qual olho como meu filho, por ser meu enteado! Sou uma criminosa, é verdade; mas de-testo e aborreço o incesto; respeitai-me ao menos este escrupulo. Quanto a mim, irei talvez á cidade assistir ao casamento de Rosa Branca; não posso, não devo e nem quero escusar-me a este dever: voltando para minha casa, della jámais sahirei.... E' aqui, entre estas quatro paredes, que testemunharão meus desmanchos, que os devo expiar por meio de minhas lagrimas, dos meus remorsos e padecimentos....

— Oh! é horrivel! horrivel tudo quanto tenho ouvido!

— O que é que é horrivel?

— Narcisa, no ponto em que nos achamos já não podemos retroceder.

— Podemos.... oh! so podemos!

— Não.... não podemos.... Nunca, nunca....

— E porque?

— Porque eu vos amo como uma mãe a seu filho! quero-vos como o preso a liberdade! busco-vos como o cego a luz! Sem vós não comprehendo a vida! Sem vós o mundo me é horroroso.... Narcisa.... Narcisa.... não posso.... não posso deixar-vos....

— E no entanto a mãe, que ama o filho, perde-o, e vive! o preso, que quer a liberdade, não a alcança, e vive! o cego, que busca a luz, não a encontra, e vive!....

— E apesar disto eu não posso perder-vos....

— Tambem eu vos não pertenco, senhor....

— E' verdade!.... sim, é verdade!.... mas houve um tempo em que vós ereis livre como o perfume das flôres, e eu livre como as brisas passageiras.... Então eu queria pertencer-vos como o calor á chamma, e que vós me pertencesseis como a belleza á luz!.... Vós o não quizesteis.... ah! só vós!

— Mas se vós fosseis virtuoso; se me tivesseis ensinado a amar a Deus e a virtude; se me tivesseis feito conhecer que a unica felicidade que ha sobre a terra é a virtude.... eu vos pertenceria sem duvida. Ah! Pedro.... e como não seria eu hoje tão feliz!

— Mas já agora....

— E' preciso separar-nos....

— Não posso....

— E vós outros, os homens, nos chamais fracas! e julgais vós que tambem eu não soffro? Vós fostes o primeiro homem que me fallastes de amor, vós me inspirastes as suas ternuras, vós me ensinastes as suas caricias! vós me ensinastes a contar as palpitações do meu coração, porque o ensinastes a palpitar de outro modo! vós dirigistes os vós de minha alma, porque lhe emplumastes as azas do amor! e meu coração, que vós ensinastes a palpitar, regulava as suas palpitações pelas palpitações do vosso coração! Minha alma, que vós ensinastes a voar, voava docemente só para junto da vossa! Vós fostes o primeiro homem ao qual amei sobre a terra; e sobre a terra (vós o dissestes) não ha mais que um verdadeiro amor! Este amor nobre, puro e supremo, é uma revelação dos mais bellos sentimentos de uma alma ainda innocente! A pessoa a qual pela primeira vez amamos, se jámais podemos deixar de amar, como poderemos aborrecer, ou ainda esquecer?! Nem a morte póde tanto! Esquecidos por essa pessoa, nosso corpo póde pertencer a outra; mas nosso coração.... nunca, nunca! Morta essa pessoa, sua alma pertence a Deus, seu corpo á terra, e sua memoria ao coração que a amára com

esse primeiro amor de candura e de innocencia! Vêde pois como vos amo! mas já não é possível continuar neste amor criminoso! De hoje em diante amar-vos-hei com um amor de irmã, com um amor puro e santo! e antes quero morrer que sahir deste proposito em que me acho firme.

— Narcisa.... eu não posso perder-vos....

— E vós, os homens, nos chamais fracas?! Como! eu pobre mulher, tão fraca, tão mesquinha, tão desacompanhada, posso um sacrificio, e vós não o podeis! Onde a vossa fortaleza, a vossa philosophia, a vossa coragem e constancia? onde pois?

— E' porque não amais como sois amada....

— Meu amigo, a vontade póde tudo.

— Se a vontade póde tudo, é minha vontade não deixar-vos. Amo-vos com um amor frenetico, estremecido e ciumento! A lembrança de um rival, e rival feliz, me atormenta e me mata.... Ou minha, e sempre minha, ou de ninguem mais.... Escolhei....

— O que!

— Ou minha, e sempre minha, ou de ninguem mais....

— Eu antes quero morrer que continuar a viver criminosa como até aqui tenho vivido.

— Narcisa... ou minha, ou a morte... Decidi....

— A morte....

— Não temeis?...

— Matai....

— Vêdes este ferro? dizia Pedro mostrando-lhe uma aguda e comprida faca que naquelle momento tirára da bainha. Vêdes, Narcisa?

— Matai....

— Pois morre.... Nem minha, e nem de outrem....

E dizendo estas palavras ergueu o ferro sobre o coração da desgraçada, que, não fugindo ao golpe, não offerecendo resistencia, nem balbuciando uma syllaba, desviou apenas a vista do ferro que lhe ia romper as entranhas, e cortar-lhe o debil fio da vida!

Pedro, dizendo as palavras que lhe ouvimos, descarregou o golpe sobre o peito de Narcisa.



CAPITULO VIII.

SABEMOS NO'S O QUE DEUS TERÁ DE FAZER DOS NOSSOS DESTINOS ?

Prégai como quizerdes, que se a vossa vida não fór pura, os vossos ouvintes motejarão de vossas prégações : fallai porém pouco, e exemplificai muito por meio de uma vida pura, e vereis que os vossos exemplos podem muito mais que milhoes e milhões de livros de moral.

Não ha uma palavra com que possamos classificar esta acção de Pedro ! Com effeito, era levar a malvadeza muito longe ! mas qual será a malvadeza de que um homem não seja capaz ? quando principalmente esse homem desconhece Deus, nega os premios e os castigos da outra vida ?

Não obstante o que deixamos dito, não nos precipitemos, quero dizer, não julguemos Pedro sem vê-lo consummar a sua abominavel acção : conservemo-nos por mais tempo no quarto de dormir da desgraçada e bella Narcisa, e ahi vejamos como acaba esse drama pathetico, cujo remate, segundo vimos, parece ser posto pelo punhal da tragedia.

O narrador disse no capitulo anterior que Pedro dizendo — morre — descarregou o golpe no peito de Narcisa ! e assim foi ; mas voltando rapidamente a faca no ar, descarregou um mui fraco golpe no peito da moça com o cabo da faca. Narcisa nem se furtou ao golpe, nem balbuciou o mais ligeiro monosyllabo ! Pedro, espantado diante de tanta coragem, dedicação á virtude, e abnegação á vida, recuou alguns passos, dizendo :

— Com effeito, Narcisa ! vós não me enganaveis !...

— E vós suppunheis isso ? disse a moça voltando lentamente o rosto para elle. A minha resolução está tomada.

— E nada vos póde demover della ?

— Nada.

— Ora vejamos.

— Pois vejamos.

— Pelo que tenho notado, á vista do que entre nós tem occorrido, creio que hoje não vos importais com a vossa vida, e nem com cousa alguma do mundo ; o vosso maior cuidado é a vossa reputação : não se vos dá de perderdes tudo, comtanto que a vossa reputação fique intacta ; e assim deve ser. Vós deveis fazer tudo para conservar uma reputação brilhante aos olhos do mundo, amavel aos olhos de vosso marido, veneranda aos olhos de vossa filha, e respeitavel aos olhos dos que vos conhecem de perto e que vos amão. Morrendo vós com essa reputação, vossa memoria será respeitada pelo mundo, abençoada por vosso marido, querida por vossa filha, e estimada pelos vossos amigos. Ora, creio que tenho adivinhado o vosso pensamento....

— Pedro, a reputação que ainda gozo eu não a mereço, mas visto que o mundo m'a concede, justo é que eu a vele.

— Mas, visto que vós vos tendes dedicado toda a Deus, convem que sejais sincera, isto é, que appareçais aos olhos do mundo tal qual fostes e tal qual sois ; tudo o mais é uma impostura. Quanto mais publicos forem os vossos crimes, tanto maior será a vossa humiliação, tanto mais

siucero o vosso arrependimento, e tanto mais fervorosa a vossa penitencia. Quero então também lançar uma pedra na obra da salvação de vossa alma. Amanhã todos saberão dos nossos amores! amanhã eu mostrarei a todos as vossas cartas! amanhã todos saberão das vossas entrevistas! amanhã explicarei a todos qual foi a vossa visão na vossa horta! amanhã emfim vosso marido saberá que mulher possui....

— Compreendo a vossa ironia, senhor, é amarga, é dolorosa! Dessa maneira vós me perdeis, é verdade, mas vós vos perdeis também.

— E que me importa? Perca-me eu muito embora, perca-me, comtanto que vós vos percais comigo....

— Eis o quo são os homens! Os homens, nossos senhores! Os homens, que se arrogarão o direito de dirigir-nos e governar-nos! Os homens, que unicos se collocarão á frente da sociedade! Os homens, que regulão nossos destinos e decidem de nossa sorte! Os homens, que nos chamão fracas, e nos negão juizo prudencial! Os homens, que nos usurparão o bem mais doce, a liberdade! Os homens, para quem somos um traste, um traste apenas!!! Eis o que são os homens! Escravos de nossos encantos, porque contão que uma mulher ou mais cedo ou mais tarde, pela lei natural, se ha de inclinar a um homem, abatem-se diante de nós, beijando servilmente o pó da terra calcado pelas solas dos nossos sapatos! Humildes ainda mais que o mais vil de todos os escravos, rojando a nossos pés como uma serpente domestica, sem alma, sem brio e sem pudor, não se peção de por uma felicidade cumprirem nossas vontades, ainda as mais caprichosas! e estes pygmeus de nossas camaras, estes despreziveis herões de theatro, sahem de junto do nós cobertos com o pó que nossos pés levantarão, para, se transformando em gigantes, irem dirigir os destinos de uma sociedade de milhões de homens! Voltão a nossos pés, a phantasmagoria desaparece, ou antes o fingimento; e a natureza simples e nua ali se releve! O gigante da sociedade volve-se a pygmeu debaixo do nossos olhos, ou antes o homem, esto ser orgulhoso, atrevido o impavido, não é em nossa presença mais quo um ligeiro o desprezivel insecto! Este cão fraldeiro, apenas obtem uma graça nossa, desconhecido e ingrato transforma-se em nosso senhor, é erige-se em nosso juiz! o abusando de indignos direitos usurpados sobre nossa fraqueza physica, troyejava sobre nossas cabeças as

suas proprias vilezas! E quando um dia queremos ser livres, queremos usar de nossos direitos, nos diz com o derradeiro insulto: « Sois uma mulher des-honrada! a vossa reputação depende unicamente de mim! e, ou aceitar minha lei, ou cahir na infamia! » Traidor, homem vil, se tu não fôras e os teus criminosos discursos, se tu não fôras e os teus abominaveis conselhos, eu viviria na paz domestica, gozando o innocente prazer desses aureaes dias de uma adolescencia feliz! Quem destruiu o socego de meu coração? quem me arrebatou a paz de minha alma? não foste tu? Dirigindo-me a teus fins, aproveitando-te habilmente de minha fraqueza, e servindo-te de minha ignorancia, tu me instruiste na estrada do atheismo, arrancando Deus do fundo de minha alma! tu me guiaste pelo caminho da libertinagem, destruindo em meu coração os santos e salutaes principios da religião e da virtude; e aniquilando em mim estes supremos principios de toda a virtude e de toda a moral, conduziste-me dest'arte pela hedionda senda do crime e do vicio! Dize, não foste tu quem duas vezes me perdeu? Tu me ensinaste a não temer um Deus, que não existia, dizias tu! Tu me ensinaste a nada temer ao depois da morte; porque á morte seguia-se o nada, dizias tu! Eis a minha primeira perda! Depois, lisongeando as minhas fraquezas, inflammando as minhas paixões, tu me fizeste cahir nos laços de teus conselhos e de tuas seducções! eis a minha segunda perda! Não contente, queres pela terceira e ultima vez perder-me, propalando as minhas desordens! Oh! que se eu pudesse deixar de amar-te neste instante, eu te odiaria como os anjos odeão aos demonios! Vai-te!... Ainda bem: tenho ainda uma porção de veneno que tu me deste para matar a uma mulher virtuosa... Graças, graças, meu Deus! que ao menos mais este crime não teve logar! Vai... Amanhã propala meus crimes por toda a parte. Amanhã eu serei o objecto dos risos e motejo de todos! Amanhã terás tu mais um crime! Amanhã haverá mais um marido desgraçado! mas as tuas palavras de horror, os risos e motejos do mundo, o teu crime, o resentimento de meu marido, cahirão apenas sobre um cadaver; porque sobre o leito em que hoje se deitar Narcisa, amanhã não apparecerá mais que seu misero cadaver!

— Como! quereis suicidar-vos!

— Quero.

— Bravo!

— Os vossos motejos me encontrão tão impassivel, como os vossos insultos!

— Oh! pois não hei de motejar! Toda voltada para Deus, toda beata, e quereis matar-vos?! Não sabeis que a religião christã prohibe o suicidio? não sabeis que vos inatando lançais vossa alma no inferno?

— Tendes razão, senhor; e eu vos agradeço o serviço que me acabais de fazer! por elle eu vos perdôo todos os males que me haveis feito, todos os vossos insultos, e as vossas irrisões e motejos.... Mas Deus me acudiu com um melhor alvitre....

— Então qual é?

— Lançar-me-hei aos pés de meu marido logo que elle chegue, contar-lhe-hei eu mesma os meus desmanchos, minhas faltas e meus crimes! Onde maior humilhação! O offensor aos pés do offendido confessando-lhe a offensa elle mesmo! O réo aos pés do seu juiz pedindo elle mesmo a sentença! E se meu marido nessa occasião não tiver bastante animo para matar-me, terei eu bastante coragem para a seus pés morrer de vergonha....

— Basta.... mulher extraordinaria! mulher sublime! Cahir como tu cahiste é uma trivialidade; mas erguer-se como tu te ergues é uma maravilha nova na historia dos arrependimentos! Antes nunca tiveras cahido! mas se não tiveras cahido não te erguerias acima do teu sexo com tanta sublimidade! Cahida, ainda te amo! Erguida, eu te adoro! Que assombro! eu mesmo me desconheço! Que facto é este que me impõe e me força a um culto, cujos sublimes mysterios meu coração havia sempre desconhecido e negado! Não é pois a virtude uma palavra vaga! ella existe! e a virtude em uma mulher reveste-a de um character inteiramente supremo! Narcisa, de hoje em diante eu respeitarei as vossas resoluções como decretos da natureza! eu amarei o vosso arrependimento como meu proprio! eu o juro por vós, eu o juro por Deus!

— Por Deus! E vós acreditais em Deus?

— E como não acreditar se eu vos vejo!

— Não vos comprehendo....

— A vossa visão foi um aviso de Deus! O vosso arrependimento uma inspiração! A vossa dedicação á virtude, a vocação de um Paulo! A vossa abnegação á vida, a dôr da Magdalena! E em todos os vossos pensamentos eu não vejo senão uma revelação de Deus. A meu pezar sinto dentro de mim uma força superior á minha razão, que me domina e me arrasta! que me impõe um culto por mim desconhecido até hoje! que me força a admirar-vos como uma mulher sublime! que

me obriga adorar-vos como uma idéa de Deus que se revela em minha alma! E' pois verdade... Não é a virtude uma palavra vã, nem seu poder uma chimera! Certo do meu triumpho eu vinha para dominar, e vindo, como dominador, sou eu o vencido, sou eu quem aceito a lei do vencedor!

— Ah Pedro! se as vossas palavras fossem sinceras!...

— Não o duvideis, Narcisa. O meu procedimento de hoje em diante provará tudo quanto tenho dito neste momento.

— Pedro, seria horrivel enganar uma mulher desgraçada.

— Se eu vos enganasse, querendo de novo vos arrastar aos crimes, contra as minhas desordens, em favor da vossa virtude, adquiririeis sobre a minha vida os mais incontestaveis direitos. A minha morte seria então um bem para a humanidade, porque purgaveis a terra de um monstro de especie nova. Se eu vos enganar, mandai assassinar-me, mandai, que esse assassino em vez de condemnar-vos diminuirá uma parte de vossas culpas.

— Pedro, se vós sois sincero, eu já não sou desgraçada....

— Nem vós o sereis jámais! Eu velarei por vossa reputação como pela reputação de minha filha de minha mãe, ou de minha irmã! Eu procurarei fazer o bem em tudo e por tudo! A minha bolsa ficará de hoje em diante franca aos pobres e aos desvalidos! Eu buscarei viver tão puro de hoje em diante como tenho até aqui vivido criminoso; porque a verdadeira penitencia é a emenda da vida!

— Pedro, Deus abençoe as vossas palavras.

— Mas disse-me, Narcisa, se Deus chamar vosso marido primeiro que a vós, que fareis de vós?

— Encerrar-me-hei nas paredes de um recolhimento, e....

— Não, Narcisa, não é preciso isso para se viver com virtudes. Uma mulher arrependida e virtuosa, que vive no mundo cercada de todas as tentações do seculo e a todas vencendo, está mais á prova que a mulher do claustro; ella deve ter mais meritos aos olhos de Deus! Fui eu, Narcisa, quem vos ensinou doutrinas perniciosas e abominaveis! fui eu quem vos seduziu! fui eu quem vos ensinou a pecar! Devo tambem ser quem vos guarde e defenda! Se juntos peccemos, juntos expiemos os nossos peccados! Se juntos fomos felizes ou desgraçados, felizes ou desgraçados vivamos um dia juntos! Ao lado um do outro choremos as nossas culpas, e corram sobre ellas confundidas as nossas lagrimas,

mas ! Ao lado um do outro estudemos os meios de sermos cada vez mais virtuosos, e de fazermos o bem que pudermos ! Se o amor ligou nossas faltas, o arrependimento ligue tambem a nossa expiação. Se a doçura do amor ligou-nos por poucos dias, ligue-nos tambem o amargor do remorso e do arrependimento.

— Ah Pedro ! as vossas palavras não erão sinceras...

— Porque ?

— O que vos faz assim fallar são os bens que possuo.....

— Enganai-vos, Narcisa. Rosa Branca casa-se ; logo que ella o fizer tomará conta de seus bens, que em poder de vosso marido existem. Se vosso marido morrer primeiro que vós e eu, vós fareis logo inventario, os bens de vossa filha são sagrados para vós. Da metade que vos ficar, como meieira de vosso marido, dispõede em favor de vossa filha e em favor dos pobres ! Nem um acto de arrependimento e de abnegação será mais brilhante que este ! Quanto a mim, deixarei a vida que tenho, vida bem pouco idonea aos nossos virtuosos fins. Arrendarei uma pouca de terra, e ahí cultivarei o terreno com minhas proprias mãos, e comerei o pão amassado com o suor de meu rosto, e é o que

vos espera ! Nesta abnegação das riquezas, nesta voluntaria pobreza, a nossa virtude será mais acrysolada, o nosso arrependimento mais sincero, e a nossa dôr mais profunda. Quereis, Narcisa ?

— E que sabemos nós do futuro, meu amigo ?

— Nada. Tambem isto é tudo hypothetico : é se nós sobrevivermos a vosso marido !

— Se isso acontecer, então resolveremos.

— Não : se isso acontecer, já estamos resolvidos.

— E no caso que isso aconteça, sabemos nós o que Deus terá de fazer dos nossos destinos ?

— Nós só fallamos contando com o que está em nosso poder.

— Pois bem, Pedro ; seja assim se Deus o permittir.

— Adeus, Narcisa.... Adeus.....

— Adeus....

Pedro sahiu pela mesma janella. Narcisa fechou-a, e vendo-se só, cahindo de joelhos com as mãos postas, exclamou :

— Meu Deus ! vós sabeis como o amo ! Amo-o como um coração de mulher póde amar ! mas vós me dareis forças no meu arrependimento. Meu Deus ! reparti com a sua alma o arrependimento de minha alma ! guiai seu coração pelo caminho da virtude, e seus passos pelo caminho da santidade !



CAPITULO IX.

PEDI A ARCHANJO MUITO POUCO.

Aquelle que durante a sua vida faz guerra ao ocio e ás procrastinações, de modo que em raso campo expõe os seus negocios claros e limpos, entre a herança que tem de deixar aos seus herdeiros, a mais preciosa, e que elles melhor desfructão, é a paz !

Baptista chegou á casa de Renato, ao qual achou enfermo, mas não grave ; não obstante, elle tinha um presentimento terrivel, e dizia que se approximava o seu fim. Baptista tratou de o dissuadir deste presentimento, e de distrahi-lo ao mesmo tempo. Depois de uma ligeira conversação a este respeito, disse Renato :

— Baptista, tenho que pedir-vos um obsequio.

— Fallai : se estiver em minhas mãos contai que estais servido.

— Obrigado. Eu o contava de antemão.

— Então de que se trata ?

— Sereis capaz de não negar-me uma cousa que vós sabeis ?

— Se eu sei, e vo-lo puder dizer sem compromettimento, digo-vos.

— Creio que não ha compromettimento, ao menos em dizer-me.

— Então fallai.

— Pois o obsequio que tenho que pedir-vos é que me digais se Archanjo casa-se com vossa filha.

— Não ha mysterio algum nisso. Pensei que Archanjo já vo-lo havia dito.

— Então é verdade ?

— Sim, é verdade.

— Então vossa filha já vos foi pedida por Archanjo ?

— A fallar-vos a verdade não foi Archanjo quem

m'a pediu. Rosa, minha cunhada, sempre teve desejos que Archanjo se ligasse com Rosa Branca. Todavia Archanjo sempre a amou ; mas quem fez este casamento definitivamente foi meu sogro, que tambem nutria o mesmo desejo.

Em seguida Baptista contou a Renato tudo quanto se havia passado sobre sua filha, sendo que de algumas cousas já Renato sabia. Concluida a historia, disse Baptista :

— Mas então ha alguma novidade ?

— Não.

— Não é de vosso gosto este casamento ?

— Como, Baptista ! Pois eu me houvera desgostar de Archanjo ligar-se á vossa filha ? á neta do amigo de meu pai e meu bemfeitor ! a uma familia á qual já a amizade e gratidão me havião ligado !

— Mas noto em vós alguma estranheza....

— Sim. Sabeis que eu tinha vontade que Archanjo se ordenasse. Todavia não lh'o impuz ; mas pedi-lhe que se se quizesse casar, ao que me não opporia, o fizesse ; mas com a unica condição de que não tratasse casamento algum, fosse com quem fosse, sem minha prévia participação. Bem vêdes que pedi a Archanjo muito pouco, e elle me não fez a vontade nisso.

— Talvez por ser com minha filha : não obstante, fez mal ; não o dissimulo. Comtudo conto tanto

com a vossa generosidade, que estou certo que lhe perdoareis essa falta.

— Ah! por sem duvida.

Renato pediu a Baptista para com elle ver certos papeis e certas contas ainda pendentes, e que erão do tempo em que elle negociava para Minas. Ambos revistárão estes papeis, arranjárão estas contas, e Renato poz todos os seus negocios claros. Esta operação durou até á madrugada; que foi quãdo Baptista sahiu.

No outro dia Renato despediu dous portadores, um para Cabo-Frio para trazer o tabellião afim de fazer o seu testamento, e outro para a cidade com duas cartas, uma para o padre Chagas, e outra para Archanjo. Esta era assim:

« Meu filho. — Campos-Novos, 21 de maio de 1742. — Depois que daqui sahiste tenho-me achado um tanto indisposto, e este incommodo continúa rapido e assustador. Entretanto quero que te não assustes; mas supponho que se approxima o termo de meus dias. Seja ou não assim, peço-te que logo que esta receberes venhas ver-me. Pendem entre nós negocios muito e muito serios, e da ultima ponderação: deste negocio depende a paz de minha alma no outro mundo, onde não tardarei a apparecer, e a tua tanto neste como no outro. Segunda vez te recommendo: quero que te não assustes, nem o negocio é para isso.

« Nesta mesma data escrevo ao Rev. Chagas para que venha contigo. Sei que está velho e cansado; mas é velho nascido em um tempo mais feliz que o nosso, e por isso está forte e muito mais robusto que eu. A sua presença me é absolutamente precisa, e sem elle nada poderemos fazer. Elle que tenha paciencia; e por suas tantas virtudes, e por mais este favor feito a um moribundo Deus o premiará, que aos homens fallecem meios para tanto. Tem paciencia, meu filho, e perdôa as exigencias de um pobre velho. Recebe a benção de teu pai. — Renato. »

Isto leu Archanjo na carta que lhe entregou um escravo de seu pai, portador della. O padre Chagas na que recebeu leu isto:

« Meu respeitavol pai. — Campos-Novos, 21 de

maio de 1742. — Estou doente, e creio que muito. Nesta data escrevo a Archanjo, chamando-o, porque preciso muito e muito fallar-lhe. Se vossa reverendissima quizesse vir em companhia delle.... far-me-hia muito feliz. Parece-me que minha alma não se salva sem antes de morrer ver-lhe e fallar-lhe. Sei que isto ha de ser-lhe difficil, mas é mais um sacrificio que faz por mim, e quem sabe se o derradeiro!

« Pelo portador mandar-me-ha dizer, se o quizer, quando doverei mandar-lhe a conducção e mais para Archanjo; pois não mandei já na duvida de quando poderão vir.

« Apresente, faça-me esta graça, as minhas recommendações a Rosa e a Rosa Branca, das quaes tenho saudades.

« Adeus, meu pai. Abençõe o seu filho. — Renato. »

Tres dias depois chegou o tabellião. Renato inutilizou um testamento que ha tempos já tinha, e ditou outro ao tabellião. Neste novo testamento, elle, depois de algumas disposições em favor de sua alma, como esmolas, missas, etc., e algumas em favor das almas de seus pais e sua mulher, instituiu por seu universal herdeiro a Archanjo Renato! e o mesmo Archanjo Renato por seu primeiro testamenteiro, o Rev. Chagas segundo, e Baptista terceiro.

Seis dias depois voltou o portador que levára as cartas ao padre Chagas e a Archanjo, trazendo em resposta a Renato que mandasse a conducção; mas Renato não mandou senão um mez depois. A razão desta demora é por lá se haverem espalhado pela fazenda de Campos-Novos e seus arredores sinistros e assustadores boatos de salteadores. Dizia-se que algumas pessoas havião sido acommetidas; que Justino, o socio de Pedro, fôra espancado e roubado; que um viandante que seguia para Campos fôra assassinado. Entretanto perguntado um ou outro dizia: « Eu não os vi; eu ainda não fui roubado; eu ainda não soffri cousa alguma. » Mas todos, todos fallavão em salteadores, e todos os temião!



CAPITULO X.

HOMEM OU DIABO !

A maior de todas as calamidades que nos pôde acontecer no decurso de nossa vida é o termos um máo amigo, e sem a menor reflexão seguirmos os seus conselhos, acreditando sempre em suas palavras !

Pedro, tendo chegado á sua casa, depois da ultima entrevista com Narcisa, não pôde conciliar o somno o resto da noite.

Aquelle coração libertino, aquelle coração de atheu, esmagado pelas palavras de dôr de uma mulher arrependida, sangrava o putrido sangue das paixões, debatendo-se entre a virtude e o vicio, como o usurario aferrado á vida nos ultimos momentos da existencia, não podendo resolver-se a morrer, com os olhos embebidos em seu thesouro que deixa, thesouro que de nenhum bem lhe foi, e antes de mal, debate-se horivelmente entre a vida e a morte, amando em extremo aquella, e temendo em demasia esta !

A mudança era tão repentina, que toda a emenda não podia ser operada de um jacto ! Não obstante, ante os olhos do mancebo adejava constantemente uma imagem solemne, que lhe pungia o coração e lhe impunha o arrependimento ! Era Narcisa abatida pelo crime, e altiva pelo arrependimento ! Era uma rainha virtuosa, mas sem throno, humilhada pela sua quéda, e sublime pela sua virtude !

Essa bella imagem, que a dôr havia tornado sublime, estava diante dos olhos de Pedro, magestosa como uma alma que, desenganada do mundo, tem posto toda a sua confiança em Deus, desprezando o mundo e seus arestos, sem se importar com a justiça ou injustiça delles ! Essa bella imagem, trovejando sobre sua cabeça a absolvição de seus crimes, ou sua condemnação eterna, vagava sempre ante seus olhos, solemne como um ministro de Deus !

Pedro estava abalado, commovido, e quasi mudado ! Agora ponde junto d'elle um homem, que a mudança será completa.

Pela manhã Justino disse a Pedro :

— Com effeito !

— Então o que é ? perguntou Pedro.

— Vieste zangado esta noite.

— Não, mas triste.

— Sim ? ! E pelo que ?

— Se a visses, Justino ! Oh ! se a visses ! . .

— Então o que tinha ella ? Estava vestida de ouro ?

— Oh ! como era grande !

- Então cresceu mais esta noite, heim ?
- Tu não podes fazer idéa ! não podes. . .
- Pois então que diabo tinha ella ?

Pedro contou a Justino, minucioso o mais que pôde, tudo o quanto se havia passado entre elle e Narcisa. Pedro não omitiu a menor circumstancia, acabando por dar a entender ao seu amigo que estava resolvido a fazer tudo quanto tinha promettido a Narcisa. Finda esta narração extensa e animada, Justino soltou uma estrondosa e galhofeira risada. . . Pedro, um pouco enfadado, perguntou :

- De que te ris ?
- Porque acho graça, tornou Justino.
- Mas graça em que ?
- Em tudo quanto disseste.
- Pois isto é negocio para rir ?
- Então querias que fosse para chorar ?
- Mas o que achaste nisto que te provoque o riso ?

- Tolo... basbaque... pedaço d'asno !...
- Oh ! essa é boa !
- E's um pabulo, meu Pedro, és um pabulo....
- Pois explica-te.
- Lá vai. A Sra. Rosa Branca casa-se com o

Sr. Archanjo ?

- Casa-se.
- Bonita mulher leva o tal patife ! Ora, casando-se ella, perco eu todo o interesse que nesse negocio tinha, não julgas ?

- E' verdade.
- Então já vês que tudo quanto vou dizer é unicamente pelos teus interesses.....
- Concorde.

— Ora bem. Tu ouviste dizer (pelo menos por ali se rosou) que no dia do casamento de Narcisa um velho, ou um diabo, entrára em casa de Baptista, e que diante de algumas pessoas lançára em rosto ao pai da noiva algumas travessuras feitas lá pelo Oriente por elle, seu pai e seu avô : olha como a censa vem tão detrás ! Já vês que a Sra. Narcisa não é lá muito inferior aos seus maiores em suas bellas gentilezas ; não é uma moça do espirito, mas é facil e bella. E' claro que assim como nós por cá por fóra sabemos disto, que ella, a Sra. Narcisa, tambem o saiba.

- Mas ella não me fallou nisso.
- Mas tu lhe perguntaste ?
- Não, é verdade.
- Isso é que foi *mazella* tua. Vamos adiante. Narcisa ha de lembrar-se disso algumas vezes, e até

porque as taes travessuras dos seus maiores não são cousas para que se esqueçam tão de prompto. Depois, ella mesma, por espirito de emitação aos seus, tambem tem feito algumas travessuras ; ora, tu não dirás por modestia, mas certamente sabes dellas ; e Narcisa devia muitas vezes se lembrar não só das ligeirezas de seus maiores, como das suas proprias. De ordinario, tu o sabes, nós sonhamos com aquillo em que lidamos ou pensamos ; nem podem ser outros os nossos sonhos. Deixa-a lá dizer que estava acordada ; não estava : foi á horta, lá deitou-se, e adormeceu. Ora bem : era de tarde, estava com a barriga cheia e o estomago pesado, e os sonhos dessas occasiões não são lá dos melhores, são verdadeiros pesadelos. Ora, tu sabes que quando se tem desses sonhos nunca se está em um somno profundo, mas sim em modorra, e eis porque Narcisa diz que estava acordada. Nessa modorra pois sonhou, e viu em sonhos o que ? — um velho. Nota bem : foi exactamente um velho o que no dia de seu casamento lá foi arrancar a mascara a seu pai, e contar-lhe as suas graçolas do Levante. Que disse esse velho ? Disse a Narcisa o mesmo que o tal velho disse-ra a seu pai, accrescentando as notas da vida de Narcisa. Já vês que este sonho coincide exactamente com um acontecimento real, passado em casa de Narcisa ; e quanto ao mais, diz respeito á sua vida, e uma e outra cousa são factos que ella deve ter muito na memoria. Ora, eis o caso naturalmente explicado.

Pedro, depois de pensar um pouco, disse :

- Ora, eu confesso que os teus argumentos são bastante judiciosos : mas esse terror de Narcisa ?
- Sabes tu o que são as trovoadas ?
- Sei.

— E porque as temes ? porque descoras ao relampago, e tremes ao trovão ?

- Tambem é verdade.
- Acreditas em almas do outro mundo ?
- Eu ! Ora é boa !

— E porque se te arrepiaão os cabellos quando de noite, e ás escuras, entras em uma igreja solitaria ou em um cemiterio ?

- Tambem é isso verdade !

— Pois então não perguntes parvoices. Os terrores de Narcisa são prejuizes da educação, que todos temos, sejam quaes forem as nossas luzes.

— Mas agora o que fazer, se eu já lhe prometti tudo ?

- E bem boas que forão as tuas promessas....
- Boas como ?

—Ouve : Has de cumprir as tuas promessas, como um homem de bem que és e deves ser. Farás uma venda phantastica de tua casa de negocio a mim, e eu ficarei á testa della, e o teu negocio correrá, como até aqui tem corrido. Comprarás a casa que foi do pai de Narcisa, e arrendarás esse bocado de terra ; comprarás um ou dous escravos, e lá te metterás a cultivar tua terra. Tu tens ahi uns dez ou doze devedores, cujas dividas não passam de duas dobras ; ellas estão por si mesmo perdidas, porque os pobres diabos não teem com que paguem. Tu perdoar-lhes-has estas dividas pelo amor de Deus ; e eu me incumbo de propalar as tuas generosidades e as tuas acções ; e tu, tratando a todos muito bem , dando-te ao respeito para com todos, dando o teu vintem lá uma vez por outra a algum vadio, indo á missa, ouvindo-a toda de joelhos, não comendo carne nos dias de preceito diante de ninguem, não comendo tambem diante de ninguem nos dias de jejum antes do jantar, porque dirás que jejuas ; enfim, ostentando uma vida séria e regular , farás com que as minhas palavras sejam bem aceitas de todos. Assim ficas reabilitado no animo de Narcisa, e até santificado !... e assim vive muita gente. Fica certo que a maior parte das proibidades e das honras tão altamente nomeadas tem a sua base na ignorancia do mundo ! Eu te asseguro que ha por ahi patifes muito mais refinados que nós ; mas como levamos uma vida um pouco mais livre que elles, eis o porque parecemos mais patifes : e não obstante, ha muita gente que nos tem por homens muito honrados.

— Esse plano é magnifico, mas não me leva ao meu fim.

— E qual é o teu fim ?

— Justino, eu amo a Narcisa, como tu nem podes alguma coisa ajuizar.

— Acredito, mas clareza e brevidade. O que amas mais : a ella, ou o que ella possui ?

— A ella, e unicamente a ella. Quero-a só, só, sem um real.

— Asneiras sobre asneiras : mas enfim vá lá ! Então queres casar-te com ella ?

— Sim, quero.

— Pois bem, com o meu plano chegas quasi ao fim ; porque Narcisa, por um excesso de terror, por prejuizos de educação, fez uma mudança de uma vida alegre em favor de uma cousa a que ella chama virtude, e cuja existencia tu por patetice, criança ou complacencia confessaste.... bagatelas.... tambem isto é uma cousa tão pequena,

que nem merece um serio reparo. Não obstante esta mudança, ella não só te ama, como confessou que sempre te amaria. Quando se é amado de uma mulher governa-se absolutamente a essa mulher ; ella cumpre as vontades do homem a quem ama, e julga isso uma felicidade ; tudo está em saber esse homem satisfazer a tempo alguns caprichozinhos dessa mulher, tão pequeninos, tão despreziveis como suas crenças. Assim, seguindo tu a norma do procedimento que te hei traçado, Narcisa te amará mais ainda se o puder. As mulheres são fatuas, e se applaudem de possuirem ; como uma conquista, aquillo mesmo que nós não queremos. Narcisa se applaudirá de tua mudança, o que ella chamará obra sua ; nessa mudança reconhecerá o teu grande amor, e então te será por todas as maneiras dedicada.

— Assim* chego quasi ao meu fim : mas falta o quasi.

— Nada falta, porque o que falta é a morte de Baptista, porque morto elle, casa-se ella contigo.

— E' a certeza que eu não tenho.

— E' a certeza que eu te dou.

— Mas Baptista.... bem sei que já não é criança ; mas póde viver ainda muitos annos.

— E póde viver só um dia....

— Como ?

— Como ? ! !

— Sim, como ?

— Pois elle não está vivo ?

— Boa pergunta !

— Pois para morrer basta estar vivo.

— Isso acontece a todos.

— Quanto mais aquelles, cuja morte se deseja...

— E póde esse desejo só ficar em desejo.

— Querer é poder. Tomára eu que ninguem me desejasse a morte, porque então viveriei tanto quanto quizer aquelle que m'a desejar.

— Já te comprehendo....

— Assim deve ser, porque eu não sou muito escuro.

— Mas isso é o que eu não approvo.

— Tambem eu nenhum empenho faço n'isto, porque o interesse que d'ahi provirá não é para mim ; mas eu te asseguro, que se estivesse no teu caso, daqui a mezes Narcisa seria minha. Eu não sei como* é quo podemos amar a uma mulher rica, e que póde ser nossa no momento em que queiramos, e com todas as suas riquezas ; e vivamos na miseria ! não sei como se podendo ser rico, viva-se pobre ! não sei como podendo nós

mandar, queiramos ser mandados! não sei como se podendo ter uma bella casa, magnifica fazenda, bons cavallos, muitos escravos, etc., se tenha uma miseravel tasca, sem um palmo de terra, andando a pé, e sem ter por quem chamar....

— Cala-te.... tentação....

— Sim, não sei como se podendo ter um bello nome, respeitado de todos, enfim ser grande, se viva desconhecido, desprezível e tão pequeno!....

— Cala-te... cala-te, Justino!... não me tentes...

— Como queres que me cale, se te não compreendendo.... Como é que se póde amar, e ser amado de uma mulher, dominada e possuida por outrem!!! Amarmos, e termos a certeza de que somos amados, e termos tambem a infernal certeza de que outrem goza os encantos e desfruta as caricias daquella a quem amamos! Figurar em nossa imaginação as celestes delicias de um rival feliz!...

— Justino... Justino... cala-te com mil diabos...

— Delicias que custão lagrimas de sangue a um rival desgraçado em seus infernaes tormentos....

— Homem.... não me atormentes mais.... cala-te....

— Vermos constantemente o anjo que amamos nos braços de um demonio que aborrecemos.... vermos isto, e não anniquilarmos este demonio.... oh! que quem tal soffre ou não ama, ou não tem brio....

— Justino.... homem ou diabo!!!...

— Receiarmos a todos os instantes que esse rival feliz saiba de nossos clandestinos amores.... e termos a certeza que apenas sabendo bastará um seu aceno para perdermos a vida, porque esse rival é rico, porque esse rival é poderoso!... porque....

— Oh! que idéa de horror! Diabo.... diabo!...

— Porque um marido manchado por sua mulher busca a todo o transe lavar sua mancha no sangue de seu rival, e com elle esconder debaixo da terra o segredo de sua affronta e deshonra!

— Tens razão!!! mas nós o veremos....

Pedro, depois de um breve meditar, continuou:

— Tens razão.... meditemos com madureza, e deliberemos.

— Pois deliberemos.



CAPITULO XI.

ENTÃO ROSA BRANCA É MINHA PRIMA?

Os pais teem sempre razão em suas reprehensões a seus filhos, em seus conselhos, pedidos e avisos: desprezar estas cousas, é o filho insultar a natureza, e tomar anticipadamente na sociedade o lugar que ainda lhe não compete; mas a natureza sempre providente vingá-se deste insulto, e a moral em nome da sociedade pune esta antecipação.

Um mez e alguns dias depois disto, tendo por alguns dias desaparecido os salteadores, chegou o padre Chagas, acompanhado de Archanjo, á casa de Renato; este, comquanto não estivesse de cama, estava todavia muito doente, e tanto que o padre e Archanjo comprehendêrão que os presentimentos de Renato erão bem fundados.

No outro dia depois da chegada, os dous forão visitados por Baptista, que com elles passou o dia, não se retirando senão de noite. Quando Renato se viu só com Archanjo e o padre Chagas, tomou-os á parte, e dirigindo a palavra a Archanjo, começou a fallar assim.

— Meu filho, era de minha vontade, assim como de tua mãe, que te ordenasses; mas apezar desta vontade, que no-la satisfazendo dar-nos-hias um subido prazer, eu não te impuz a minha vontade como um preceito. Disse-te, e tu te has de lembrar que se fosse de teu gosto tomar estado, que o podias fazer; mas só te pedia que não pedisses moça alguma nem contratasses casamento sem me participares anteriormente. Este pedido era tão pequeno, e tão facil decumprir-se, que não valia a pena, meu

filho, me desobedeceres em tão pequena cousa...

— Mas, meu pai, com Rosa-Branca!...

— Meu filho, Saul prohibiu que seu exercito comesse antes de decidida uma batalha; e tendo Jonathas, seu filho, tocado em um favo de mel com a ponta de sua lança, e a levado á boca, seu pai o quiz justicar, bem que vencedor, o que faria se não fosse o mesmo exercito. Manlio mandou justicar seu filho por haver combatido contra sua ordem, não obstante ganhar a victoria. Quando eu te pedi que não contratasses casamento algum, nem pedisses moça sem me participares antes, eu sabia bem o que te pedia; e se isto te pedi, tinha as minhas razões, não foi um vão capricho, nem um estulto zelo da autoridade paternal.

— Bem, meu pai, aceito humildemente a sua reprehensão. A minha humildade está primeiro que o meu amor, e a sua amizade para comigo primeiro que o meu socego. Meu pai, se é seu gosto, tal casamento jámais terá logar.

Assim disse Archanjo, e Renato tornou:

— Archanjo, promettes-me fallar com franqueza?

— Sim, senhor.
— Ainda contra mim ?
— Como ? se não tenho nada que dizer contra Vm. !

— Mas se tivesses, fallarias com franqueza ?
— Sim, senhor.
— Jura....
— Juro por Deus.
— Desde que te entendes, e que me tens considerado como teu pai, o que tens encontrado em mim ?

— Todas as qualidades que reúne um homem virtuoso e honrado ; todas as qualidades que reúne um pai carinhoso, terno e amante.... é....

— Pois bem, meu filho, ouve um segredo.

— Posso eu ouvi-lo ? perguntou o padre.

— Se elle lhe diz respeito, como não ? Desejo pois que tambem o ouça. Vossa Reverendissima sabe que em minha mocidade negocieei para Minas. No anno de 1713 um amigo a quem tudo eu devia, e a quem nada podia, nem devia recusar, contando-me a desgraça de uma sua filha, que ia ser mãe antes de ser esposa, pediu-me o consentimento de ir a moça ter sua criança em nossa casa....

O padre, ao ouvir estas palavras, endireitou-se na cadeira, deu signal de alguma perturbação e aproximou-se mais de Renato, que, tendo neste logar suspenso a sua historia, retomou o fio della, e no mesmo tom proseguiu assim :

— Era impossivel negar cousa alguma a esse homem, porque eu lhe devia tudo. Immediatamente puz a minha casa e tudo quanto tinha á sua disposição. Por este tempo minha mulher se achava grávida ; mas meus negocios urgião a minha partida ; com effeito parti para Minas, tendo dado todas as providencias e instrucções a minha mulher a respeito da recepção da filha do meu amigo, que era tambem amiga de minha mulher, o sobre minha mulher que tambem estava em vespas de ser mãe ! Nos fins de janeiro de 1713, como a moça esperasso ser mãe por esses dias, passou á nossa casa, que era então fóra da cidade. Eu estava fóra, ouvo bem Archânjo, e quando voltei, o que foi só quatro mezes depois foi que minha mulher narrou-me tudo quanto aconteceu. Um dia, pela volta da madrugada, a moça começou a soffrer ; immediatamente minha mulher deu as providencias convenientes ; orão quasi tres horas da tarde do mesmo dia quando a moça foi

mãe de um bello menino, que, enfaixado e pensado, foi remettido a seu avô. Ora, se a pessoa que assistia a moça fosse mais senhora de sua arte, daria logo pelo phenomeno que então houve ; mas ignorante, apenas nasceu o menino deu ella tudo por acabado. Entretanto a moça continuou a soffrer, foi então que se conheceu que ella ia dar á luz a outra criança, o que não aconteceu senão pelas 9 horas da noite, que foi quando a moça teve outro menino. Minha mulher enfaixou a este com roupas que tiuha feito para seu primogenito. A moça vexou-se de mandar a seu pai este segundo menino ; e neste embarço tanto a mãe como minha mulher não sabião dar-se a conselho. No principio, em falta de leite, começaram a dar-lhe agua com assucar, e assim foi indo até que a mãe pôde amamenta-lo. As duas sem se saberem resolver forão tomando amor ao menino, e os dias se forão passando. Dez dias depois minha mulher teve o seu menino, que nasceu morto. Dissipou-se a borrasca : o filho da moça ficava em logar de meu filho. Então tanto minha mulher como a moça deliberarão entre si se me devião fallar a verdade, ou apresentar-me a criança como meu verdadeiro filho. Nada mais facil, e tanto mais que a unica pessoa que disto sabia, além das duas, era a mesma parteira que havia assistido tanto a moça como a minha mulher, mas essa mulher morreu dias antes de minha chegada ; estava seguro o segredo, e as duas nada tinhão que temer ; mas as duas preferião antes revelar-me tudo....

— E bem andarão n'isto ; vos é que andastes mal não me revelando todas estas cousas, disse o padre.

— Eu não o devia fazer, senhor, pelo que Vossa Reverendissima saberá depois. Logo que cheguei, minha mulher referiu-me todas estas cousas, e apresentou-me o menino, adoptei-o, e folguei até de ter uma occasião de poder por este meio pagar uma diminuta parte dos beneficios que devo ao avô do menino. Todavia lembrando-me que poderia eu ter filhos, e a adopção deste menino lesar a meus filhos legitimos, demorei por algum tempo o seu baptismo ; mas occorrendo-me depois que se tivesse eu filhos poderia em minha terça compensal-os, fiz pois baptisar o menino. Annos depois aconteceu que a moça, mãe dos dons gêmeos, veio a casar-se, o pouco depois de seu casamento, um anno talvez....

— Monos, disse o padre ; nove mezes exactamente.

— Pois bom : nove mezes depois de seu casamento foi mãe de uma menina. Então ella comprehendeu seriamente o quanto era melindrosa a posição de seus filhos. Firme nisto, disse-me ella um dia : « Se todos os meus filhos crescerem, é muito provavel quo a antiga amizade entre nossas familias torne possivel, e até provavel um casamento entre meu filho, vosso filho adoptivo e minha filha, visto o mysterio que ha no nascimento do primeiro. Cumpre, Renato, que tenhais isto sempre na lembrança. » Eu a tranquillisei a este respeito. Muito tempo depois adoeceu a moça. Logo que ella se viu perigosa mandou-me chamar. Depois de exprimir-me o seu agradecimento, e de recomendar-me muito seu filho, contou-me, impondo-me segredo a sua historia a respeito de seus primogenitos, e depois continuou : « Renato, eu devia ter descoberto ao padre, tanto esta historia como a historia do vosso adoptivo ; mas falleceu-me animo para tanto. Não obstante isto, tomai estas duas cartas, guardai-as ; esta, disse-me ella designando uma, contém a historia que eu vos acabo de narrar ; vós entregar-lh'a-heis quando o julgardes conveniente, não marco tempo ; mas quero que seja entregue, para que o padre conheça-me perfeitamente. A outra é a historia do menino que adoptastes, e será entregue ao padre só em caso de alguma necessidade urgente : se julgardes que tal necessidade não haverá, podeis queima-la. Emfim, fazei como melhor entenderdes, comtanto que o fazeis bem. » Agora, senhor, quo impellido pela necessidade vi-me na precisão de revelar-lhe o mysterio do nascimento deste menino, aqui tem Vossa Reverendissima as duas cartas. Esta, disse Renato entregando uma, contém a historia do nascimento do menino que adoptei, historia que Vossa Reverendissima já sabe ; e esta, designando a outra, é a que contém a historia a respeito de seus primogenitos.

— Mas, perguntou o padre, esse menino é....

— Archanjo, que aqui está presente.

— Oh ! Providencia !!!

— Mas de tudo quanto tenho ouvido só posso

inferir, senhor, que não sou seu filho.... disse Archanjo.

— Sim, Archanjo, não sois meu filho.

— E que importa isso, meu pai ? Se a natureza me não fez seu filho, fez-me a desgraça do meu nascimento ! e os pais que me deu a natureza certo que me não seriam mais ternos, mais amantes, mais carinhosos e dedicados que aquelles que me deu a minha desgraça ! A sua declaração, meu pai, faz aclarar, é verdade, o mysterio de meu nascimento ; mas a respeito de meu amor, ella não muda nem uma só fibra de meu coração ! Se neste momento solemne a sorte me deparasse meus verdadeiros pais, entre elles e Vm., eu não os amaria mais, nem lhe respeitaria menos. O facto de ser pai, senhor, concede a natureza a todos os viventes ; mas o facto de saber ser pai, de amar os filhos com o mesmo amor com que Deus ama aos homens, dirigir os filhos pelo caminho da honra, da sabedoria e da virtude, é o facto que eleva o homem ás alturas da divindade, e que o faz adquirir sobre o coração do filho direitos a um amor immutavel e titulos a um reconhecimento sem fim ! Não é meu verdadeiro pai ? e que importa ! Nunca conheci, nunca tive, nunca amei outros ; e já agora, pois que o seu coração me ha com tanto amor adoptado, porque não ha de continuar a ser meu pai ? Não tenho nem quero outro : e se Vm. tem algum filho legitimo, será mais feliz que eu, mais brilhante pelo seu nascimento, mais querido do seu coração talvez ; mas, mais amante e mais respeitoso que eu.... nunca, nunca, meu pai (Emquanto Archanjo assim fallava, o padre Chagas e Renato enxugavão as lagrimas que de seus olhos cahião.) Agora, meu pai, resta saber se o meu nascimento me torna indigno da amizade e da confiança de Baptista e do Rev. Chagas.

— O Rev. Chagas, disse Renato, é teu avô...

— Então Rosa Branca é minha prima ?

— Não.... disse o padre com doloroso accento não.... Rosa Branca é tua irmã....

Archanjo, soltando um rugido de dôr, de admiração ou de espanto, surdo, terrivel, inqualificavel emfim, e tapando o rosto com as mãos, cahiu sobre um canapé como fulminado !

FIM DO QUARTO TOMO.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).